



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA
Doutorado Interinstitucional em Educação Física
PPGEF/UFSC – DCSAU/UESC

ANGELO MAURICIO DE AMORIM

DESENVOLVIMENTO TÁTICO-TÉCNICO NO HANDEBOL
MASCULINO: Estratégias utilizadas nos Acampamentos Nacionais
promovidos pela Confederação Brasileira de Handebol

Florianópolis
2017

ANGELO MAURICIO DE AMORIM

**DESENVOLVIMENTO TÁTICO-TÉCNICO NO HANDEBOL
MASCULINO: Estratégias utilizadas nos Acampamentos Nacionais
promovidos pela Confederação Brasileira de Handebol**

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física, da Universidade Federal de Santa Catarina, como pré-requisito para obtenção do grau de Doutor em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Juarez Vieira do Nascimento

Área de Concentração: Teoria e Prática Pedagógica em Educação Física

Linha de Pesquisa: Teorias Pedagógicas e Didáticas do Ensino da Educação Física

Florianópolis
2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Amorim, Angelo Mauricio de
Desenvolvimento tático-técnico no handebol
masculino : estratégias utilizadas nos acampamentos
nacionais promovidos pela confederação brasileira de
handebol / Angelo Mauricio de Amorim ; orientador,
Prof. Dr. Juarez Vieira do Nascimento, 2017.
1991 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Desportos, Programa de Pós
Graduação em Educação Física, Florianópolis, 2017.

Inclui referências.

1. Educação Física. 2. Handebol. 3.
Desenvolvimento tático-técnico. 4. Treino. I.
Nascimento, Prof. Dr. Juarez Vieira do . II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de
Pós-Graduação em Educação Física. III. Título.

ANGELO MAURICIO DE AMORIM

**DESENVOLVIMENTO TÁTICO-TÉCNICO NO HANDEBOL
MASCULINO: Estratégias utilizadas nos Acampamentos Nacionais
promovidos pela Confederação Brasileira de Handebol**

Esta Tese foi julgada adequada para obtenção do Título de “Doutor em Educação Física”, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 27 de novembro de 2017.

Prof^a. Dr^a. Kelly Samara da Silva
Coordenadora do PPGEF/UFSC

Banca Examinadora:

Prof^a. Dra. Gelcemar Oliveira Farias (Presidente)
Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC

Prof^a. Dra. Larissa Rafaela Galatti
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

Prof^a. Dra. Alexandra Folle
Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC

Prof. Dr. Michel Milistetd
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Prof. Dr. Michel Angillo Saad
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Prof. Dr. Luciano Lazzaris Fernandes
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

A todos os depressivos
Que tiram suas vidas com o suicídio
E também àqueles que fazem da morte
Uma resiliente amiga para alcançar suas
metas/objetivos
Em busca de tornar o impossível possível...

AGRADECIMENTOS

Gratidão aos que tornaram e tornam possível erguer-se todos os dias e projetar um dia de paz e bem! Agradeço aos meus pais, madrasta, irmãos e irmãs. A minha esposa, minha sogra e minha filha... um ser de luz especial que encanta e contagia.

Gratidão a todos os professores que despertaram em mim o desejo da docência. Dez anos atrás tudo era um sonho juvenil e hoje, a realidade invade o peito e é preciso cuidado para seguir no caminho da contribuição na formação de professores. Gratidão a UNIRB, a UCSAL e a UNEB – Campus IV – Jacobina que possibilitaram engrenar pelos caminhos da pedagogia universitária. Gratidão aos alunos que convivi e convivo. Sem eles a docência perde o sentido.

Gratidão ao esporte. Gratidão ao handebol por possibilitar que o sonho juvenil abafado pudesse gerar o texto a ser apreciado... um dia me disseram que estudar handebol era um tema muito específico... cheguei a acreditar por algum tempo nisto. Até o despertar derradeiro de que é na quadra onde se torna vivo o meu ofício. E, de repente, tudo modifica e agradeço ao DINTER / UFSC por permitir os novos encantamentos com a pedagogia do esporte. Gratidão especial aos professores Ana Alvarenga, Saray Santos e Juarez Nascimento.

Durante o percurso não posso esquecer de ser grato aos professores/formadores, aos colegas de turma, do Laboratório de Pedagogia do Esporte e da equipe de Handebol da UFSC. Com vocês os amargos se tornavam doces de uma forma especial. Gratidão aos que acompanharam o processo de alguma forma e agora estão na condição de avaliadores.

Gratidão aos que por algum motivo me distanciei/distanciaram-se. Dentre as diversas pessoas, professor Fernando ‘Boca’ representa a minha gratidão aos que ainda são presenças em minhas atitudes, desejos e sonhos e que por algum motivo simplesmente sumiram...

Gratidão aos “Amigos para Sempre” ! que nossa família cresça ainda mais e que nossos filhos possam perpetuar os laços criados por aqueles que podemos chamar de amigos.

Gratidão à CAPES, FAPESB e UNEB. Também aos invisíveis que possibilitam ver o colorido do cinza (aos alprezolans, bromazepans, citaloprans e Mirtazapinas). Gratidão a quem ajuda em silêncio à distância e perto pelos dedos, enfrentando desesperos e alívios. Gratidão aos que estão perto por inteiro em meio as metades. A convivência cotidiana não é fácil e sou grato por me guiarem pelos caminhos tortuosos. Mais uma vez preciso citar Aléxia e Alexandra.

Gratidão é uma palavra que preciso exercitar. E esta tese permite que a sombra e a luz dialoguem com os temas objeto de investigação e anunciem respostas e novas provocações.

“Não há despertar de
consciência sem dor.
As pessoas farão de
tudo, chegando aos
limites do absurdo para
evitar enfrentar a sua
própria alma. Ninguém
se torna iluminado por
imaginar figuras de luz,
mas sim por tornar
consciente a escuridão”



C.G. Jung .

RESUMO

As investigações que procuram analisar o processo de desenvolvimento tático-técnico na formação esportiva de jovens em ambientes naturais têm aumentado nos jogos esportivos coletivos. Historicamente, as opções metodológicas se inserem em dois grandes paradigmas, tradicional/mecanicista e alternativos/intencionais/incidentais. A Confederação Brasileira de Handebol (CBHb) vem promovendo atividades formativas, com enfoque nos jovens praticantes, para padronizar as formas de jogo adotado no naipe masculino, desde as categorias de base até o adulto. O evento denominado “Acampamento Nacional de Desenvolvimento e Melhoria Técnica”, realizado de forma concentrada, tem oportunizado estímulo ao desenvolvimento de atletas das categorias infantil (sub14), cadete (sub16) e juvenil (sub18). Assim, o objetivo geral da presente investigação foi analisar as estratégias utilizadas para o desenvolvimento tático-técnico nos Acampamentos Nacionais das categorias infantil (sub14), cadete (sub16) e juvenil (sub18), no naipe masculino, promovidos pela Confederação Brasileira de Handebol. Trata-se de um estudo ex-post facto de caráter descritivo e analítico. Para obtenção das informações foram utilizadas fontes documentais e o banco de imagens e vídeos da CBHb. Integraram o estudo atletas que participaram do Acampamento Nacional de Desenvolvimento e Melhoria Técnica, no ano de 2014, realizado na cidade de Blumenau/Santa Catarina. Como procedimentos para coleta de informações utilizou-se a análise documental e a observação sistemática, adaptada conforme proposta do instrumento *Sistema Integral para el Análisis de las Tareas de Entrenamiento* – (SIATE). Na análise dos dados foram utilizadas a técnica de análise de conteúdo (BARDIN, 2011) e os procedimentos estatísticos descritivos (frequência e percentil) e inferencial (teste Exato de Fisher), por meio do Software SPSS versão 22. Os resultados revelaram que a realização dos Acampamentos Nacionais contribuiu para traçar diretrizes para o desenvolvimento esportivo por oportunizar experiências de aprendizagem ao longo dos dias de trabalho. Cada sessão de treino orienta-se para uma dimensão do padrão de jogo em fase de implantação sistematizado por Jordi Ribera. Um protocolo de aquecimento, com duração média de 12 minutos, foi realizado em todas as categorias investigadas, especificamente para favorecer a ativação dinâmica musculomioarticular por meio de exercícios coordenativos, atividades balísticas e domínio de centro (CORE). Na parte principal do treino identificou-se uma importante participação dos postos ofensivos: lateral, central e pivô e defensivos: segundo, avançado e base; tendo em

vista o sistema defensivo 5:1. Ocorre uma ênfase no jogo com o pivô (posicionado ou consequência de ações pré-organizadas chamadas de desdobramento ou circulação). Constatou-se a preocupação com o aumento de implicação progressiva dentro de cada sessão de treino e ações em predomínio de superioridade 2x1, 3x2 e 4x3 com ou sem apoio em detrimento a igualdade numérica. O espaço de jogo prioritariamente utilizado é a meia quadra e, quando as ações acontecem em um quarto, as atividades tendem a ser organizadas em alternância dos lados. A utilização de jogos (pré-desportivo, simples e complexos específicos) está presente 73,1% das atividades dos Acampamentos. A presença do goleiro ocorre em 87,5% das atividades e a oposição ativa compõe 75,6%. Há uma maior ênfase para o desenvolvimento de conteúdos ligados às condutas tático-técnicas ofensivas e defensivas de grupo (58,6%). Os meios de aplicação dos conteúdos a partir de jogos simples e complexos compõem 66,2% das atividades com significância estatística (p -valor=0,011); assim como os conteúdos gerais, tendo a conduta tático-técnica de grupo de ataque e/ou defesa presente em 63,8%, com significância estatística (p -valor=0,034) e; a fase de jogo é a mista, na relação defesa vs ataque, presentes em 65,6% do total das atividades, com significância estatística (p -valor=0,009), entre os acampamentos infantil, cadete e juvenil. Em todas as sessões de treino há o momento dedicado às ações dos postos específicos e compõem a parte final da sessão de treino, por meio de ações de jogador contra goleiro predominantemente 2x0, com a execução de passe anterior ao lançamento ao gol. Enquanto que na relação lateral/ponta ou ponta/lateral não haviam oponentes, na relação central e pivô envolviam tomada de decisão. Conclui-se que o processo de desenvolvimento dos aspectos tático-técnicos, por meio de acampamentos de formação, possibilita aprendizagens dos conteúdos propostos, apresentando-se como estratégia interessante comparada aos procedimentos de detecção/seleção via peneiras esportivas. A CBHb vale-se de sessões de treino, relacionadas com análise de vídeo e competição interna para organizar os Acampamentos Nacionais de Desenvolvimento e Melhoria Técnica. No entanto, sugere-se alteração de nomenclatura em função da grande presença de meios alternativos que privilegiam estímulos de condutas tático-técnicas orientados para o desenvolvimento da capacidade de jogo (técnica, física, tática, psicológica, teórica). Constatou-se que as situações de jogo em estruturas funcionais reduzidas orientam as tarefas das sessões de treino do Acampamento Nacional, com preferência para situações de superioridade numérica. As tarefas seguem uma lógica, visando um padrão de ataque pré-fabricado, a partir do desdobramento do lateral, do central e da circulação do ponta. Os meios predominantes são os jogos

simples e complexos para balizar as fases de desenvolvimento misto. A presença do goleiro e os níveis de oposição real também compõem as orientações estruturais das sessões de treino nas três categorias investigadas. O padrão de jogo presente nos acampamentos orienta para um comportamento defensivo a partir do sistema 5:1, tendo em vista um processo de recuperação da posse de bola por meio de deslocamentos sucessivos e ativos. O ataque visa construção de um padrão de jogo por meio de ações pré-organizadas a partir de movimentações de desdobramentos da armação e circulação dos pontas, baseado em conceitos de desmarque e oferecer-se e continuidade ofensiva, visando criar situações de superioridade numérica.

Palavras-chave: Handebol. Desenvolvimento tático-técnico. Treino.

ABSTRACT

The investigations that seek to analyze the process of tactical-technical development in the sports training of young people in natural environments have increased in the collective sports games. Historically, the methodological options fall into two great paradigms, traditional / mechanistic and alternative / intentional / incidental. The Confederação Brasileira de Handebol (CBHb) has been promoting training activities, focusing on young practitioners, to standardize the forms of play adopted in the male suit, from the basic categories to the adult. The "Acampamento Nacional de Desenvolvimento e Melhoria Técnica", held in a concentrated way, has stimulated the development of athletes in the infant (sub14), cadet (sub16) and juvenile (sub18) categories. Thus, the general objective of the present investigation was to analyze the strategies used for tactical-technical development in the Acampamento Nacional of the infantile (sub14), cadet (sub16) and juvenile (sub18) categories, promoted by the CBHb. This is an ex-post study of a descriptive and analytical character. To obtain the information, we used documentary sources and the CBHb images and videos database. The study included athletes who participated in the Acampamento Nacional de Desenvolvimento e Melhoria Técnica, in the year 2014, held in the city of Blumenau / Santa Catarina. Procedures for collecting information were used for documentary analysis and systematic observation, adapted as proposed by the Integral System for Analysis of Training Tasks - (SIATE). Data analysis was performed using the content analysis technique (BARDIN, 2011) and the descriptive statistical procedures (frequency and percentile) and inferential (Fisher's exact test) using the SPSS software version 22. The results showed that the performance of the Acampamento Nacional contributed to the development of guidelines for sports development by providing learning experiences during working days. Each training session is oriented towards a dimension of the game standard in the implementation phase systematized by Jordi Ribera. A warm-up protocol, with an average duration of 12 minutes, was performed in all investigated categories, specifically to favor dynamic musculomioarticular activation through coordinate exercises, ballistic activities and center domain (CORE). In the main part of the training an important participation of the offensive positions was identified: lateral, central and pivot and defensive: second, advanced and base; in view of the 5: 1 defensive system. There is an emphasis on the game with the pivot (positioned or the consequence of pre-organized actions called unfolding or circulation). Concern was shown about the increase in progressive involvement within each training

session and actions with a predominance of 2x1, 3x2 and 4x3 superiority with or without support over numerical equality. The game space primarily used is half a block away, and when actions happen in a room, activities tend to be arranged in alternating sides. The use of games (pre-sport, simple and specific complex) is present 73.1% of the activities of the Camps. The presence of the goalkeeper occurs in 87.5% of activities. The active opposition comprises 75.6%. There is a greater emphasis for the development of contents linked to tactical-offensive and defensive group conduct (58.6%). The means of applying content from simple and complex games make up 66.2% of activities with statistical significance (p -value = 0.011); as well as the general contents, with the tactical-technical conduct of the attack and / or defense group present in 63.8%, with statistical significance (p -value = 0.034); the game phase is the mixed one, in the relation defense vs attack, present in 65.6% of the total activities, with statistical significance (p -value = 0.009), among the infantile, cadet and juvenile camps. In all the training sessions there is the moment dedicated the actions of the specific posts and make up the final part of the training session, through actions of player against goalkeeper predominantly 2x0, with the execution of a pass previous to the throwing to the goal. While in the lateral / tip or tip / lateral relation there were no opponents, in the central relation and pivot involved decision making. It is concluded that the process of development of tactical-technical aspects, through training camps, allows learning of the proposed contents, presenting as an interesting strategy compared to the detection / selection procedures via sieves. CBHb uses training sessions related to video analysis and internal competition to organize the Acampamento Nacional Camps for Development and Technical Improvement. However, it is suggested to change nomenclature due to the great presence of alternative means that favor.

Keywords: Handball. Tactical-technical development. Training.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Princípios estruturais das fases do handebol.	39
Figura 2 - Fases do handebol.....	41
Figura 3 - Distribuição dos postos específicos dos atacantes.....	43
Figura 4 - Representação dos postos defensivos em uma linha e em duas linhas.	44
Figura 5 - Estrutura relacional entre defesa (amarelo) e ataque (branco).	44
Figura 6 - Estrutura funcional 2x2 extraída do jogo formal 6x6.	46
Figura 7 - Estrutura de aprendizagem dos elementos técnicos.....	53
Figura 8 - Sistema ofensivo 3:3.....	56
Figura 9 - Sistema ofensivo 2:4.....	56
Figura 10 - Sistema ofensivo 2:4.....	57
Figura 11 - Sistema ofensivo 3:3, com dois pivôs.....	57
Figura 12 - Sistema defensivo 3:2:1.....	60
Figura 13 - Sistema defensivo 3:3.....	60
Figura 14 - Sistema defensivo 4:2.....	61
Figura 15 - Sistema defensivo 5:1.....	61
Figura 16 - Sistema defensivo 6:0.....	62
Figura 17 - Sistema defensivo 4+2 (acima) e 5+1 (abaixo).	62
Figura 18 - Ciclo de aprendizagem orientado aos Jogos para compreensão.	67
Figura 19 - Princípios para orientar a estruturação das tarefas.....	74
Figura 20 - Estruturas funcionais de aprendizado do handebol.....	78
Figura 21 - Estrutura física do Acampamento de Handebol.	102
Figura 22 - Distribuição dos quatro grupos (equipes) de trabalho pelas quadras.	107
Figura 23 - Análise de vídeo.	108
Figura 24 - Goleiro em sessão de treino específico.....	110
Figura 25 - reunião técnica (esquerda) e atividade noturna (direita).	112

Figura 26 - palestra com atleta seleção brasileira adulta (esquerda) e foto oficial (direita).	113
Figura 27 - Banner divulgação Acampamento Nacional de Handebol	135
Figura 28 - Esquema de estrutura funcional padrão Acampamento Handebol.	143

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Capacidades Técnicas do Handebol.....	48
Quadro 2 - Capacidades Táticas no Handebol.	54
Quadro 3 - Programação de Acampamentos de Handebol pelo mundo.	104

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Frequências de sessões de treinamento e atividades conforme as categorias dos participantes do Acampamentos Nacionais de Desenvolvimento e Melhoria Técnica da CBHb. Blumenau, 2014.	120
Tabela 2 - Situação de jogo conforme as categorias dos Acampamentos Nacionais de Desenvolvimento e Melhoria Técnica da CBHb. Blumenau, 2014.....	122
Tabela 3 - Situação de jogo em superioridade (com e sem apoio) e igualdade (com e sem apoio) conforme as categorias dos Acampamentos Nacionais de Desenvolvimento e Melhoria Técnica da CBHb. . Blumenau, 2014.	123
Tabela 4 - Meios de aplicação dos conteúdos conforme as categorias dos Acampamentos Nacionais de Desenvolvimento e Melhoria Técnica da CBHb. Blumenau, 2014.	124
Tabela 5 - Conteúdo geral conforme as categorias dos Acampamentos Nacionais de Desenvolvimento e Melhoria Técnica da CBHb. Blumenau, 2014.....	126
Tabela 6 - Fase de jogo conforme as categorias dos Acampamentos Nacionais de Desenvolvimento e Melhoria Técnica CBHb. Blumenau, 2014.....	127
Tabela 7 - Nível de oposição conforme as categorias dos Acampamentos Nacionais de Desenvolvimento e Melhoria Técnica da CBHb. Blumenau, 2014.....	128
Tabela 8 - Presença dos goleiros conforme as categorias dos Acampamentos Nacionais de Desenvolvimento e Melhoria Técnica da CBHb. Blumenau, 2014.	128
Tabela 9 - Linha ofensiva conforme as categorias dos Acampamentos Nacionais de Desenvolvimento e Melhoria Técnica da CBHb. Blumenau, 2014.....	130
Tabela 10 - Posto defensivo conforme as categorias dos Acampamentos Nacionais de Desenvolvimento e Melhoria Técnica da CBHb. Blumenau, 2014.....	131
Tabela 11 - Implicação cognitiva conforme as categorias dos Acampamentos Nacionais de Desenvolvimento e Melhoria Técnica da CBHb. Blumenau, 2014.	133

Tabela 12 - Utilização do espaço de jogo conforme as categorias dos Acampamentos Nacionais de Desenvolvimento e Melhoria Técnica da CBHb. Blumenau, 2014.	134
Tabela 13 - Conteúdo de ataque conforme as categorias dos Acampamentos Nacionais de Desenvolvimento e Melhoria Técnica da CBHb. Blumenau, 2014.	139
Tabela 14 - Conteúdo de defesa conforme as categorias dos Acampamentos Nacionais de Desenvolvimento e Melhoria Técnica da CBHb. Blumenau, 2014.	141

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CBHb	Confederação Brasileira de Handebol
EAT	Ensino-aprendizagem-treinamento
EF	Educação Física
IHF	International Handball Federation
SIATE	<i>Sistema Integral para el Análises de las Tareas de Entrenamiento</i>
TGFU	Ensino dos Jogos para Compreensão
IEU	Iniciação Esportiva Universal
CAHb	Confederação Alemã de Handebol
RFEBM	Real Federação Espanhola de Balonmano
MMII	Membros Inferiores
MMSS	Membros Superiores

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	29
1.1 O PROBLEMA DO ESTUDO	29
1.2 OBJETIVOS	31
1.2.1 Objetivo geral	31
1.2.2 Objetivos específicos	31
1.3 JUSTIFICATIVA	32
1.4 DEFINIÇÃO DE TERMOS	36
2. MARCO TEÓRICO	37
2.1 CARACTERÍSTICAS DOS JOGOS ESPORTIVOS COLETIVOS: ÊNFASE NO HANDEBOL	37
2.2 CONTEÚDOS DO HANDEBOL	42
2.2.1 Capacidade biotológica e física	42
2.2.2 Capacidade psicológica e socioambiental	45
2.2.3 Capacidade técnica	47
2.2.4 Capacidade tática	53
2.3 PRINCÍPIOS E CONCEITOS DA PEDAGOGIA DO ESPORTE PARA ORIENTAR O PLANEJAMENTO DAS SESSÕES DE TREINO	63
2.4 PROPOSTAS DE SISTEMATIZAÇÃO DOS MODELOS DE ENSINO DO HANDEBOL	70
2.4.1 Manual de Handebol	70
2.4.2 Manual de Treinamento de Base	71
2.4.3 Proposta de ensino para compreensão dos elementos do handebol	73
2.4.4 Estruturas funcionais e o ensino do handebol	76
2.4.5 Planejamento e estruturação das sessões de treino	79
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	83
3.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO	83
3.2 DESCRIÇÃO DO CAMPO EMPÍRICO E PARTICIPANTES DA PESQUISA	83
3.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DE INFORMAÇÕES	84
3.3.1 Levantamento documental	84
3.3.2 Observação estruturada das sessões de treinamento	85
3.4 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE INFORMAÇÕES	89

3.5 CUIDADOS ÉTICOS	90
3.6 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE INFORMAÇÕES	91
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	93
4.1 ASPECTOS HISTÓRICOS E ESTRUTURA DE FUNCIONAMENTO DO ACAMPAMENTO NACIONAL DE HANDEBOL.....	93
4.1.1 Contextualização do cenário do Acampamento Nacional de Handebol.....	93
4.1.2 Aspectos históricos do Acampamento Nacional de Handebol.	96
4.1.3 Estrutura de funcionamento do Acampamento Nacional de Handebol.....	102
4.2 ANÁLISE DA ESTRUTURA E VARIÁVEIS PEDAGÓGICAS DAS SESSÕES DE TREINO DOS ACAMPAMENTOS NACIONAIS DE HANDEBOL.....	115
4.2.1 Princípios do protocolo de ativação e aquecimento	117
4.2.2 Variáveis pedagógicas das sessões de treino: pilares estruturais do desenvolvimento tático-técnico	120
4.2.2.1 Situação de jogo	121
4.2.2.2 Meio e conteúdo geral.....	124
4.2.2.3 Nível de oposição e fase.....	126
4.2.2.6 Presença do goleiro, linha ofensiva e defensiva.....	128
4.2.2.5 Implicação cognitiva e espaço de jogo.....	132
4.3 CONTEÚDOS TÁTICO-TÉCNICOS INERENTES AO PADRÃO DE JOGO DESENVOLVIDO NAS ATIVIDADES DO ACAMPAMENTO NACIONAL	134
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	147
REFERÊNCIAS.....	153
APÊNDICE.....	171
APÊNDICE A – SÍNTESE DOS MODELOS DE ENSINO DO HANDEBOL.....	172
APÊNDICE B - PROTOCOLO DE AQUECIMENTO	176
APÊNDICE C - SÍNTESE DO PLANEJAMENTO DAS SESSÕES DE TREINO.....	179
APÊNDICE D – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	190

1. INTRODUÇÃO

1.1 O PROBLEMA DO ESTUDO

As relações sociais e o desenvolvimento esportivo dos atletas no Brasil são estruturados de formas distintas nas diferentes modalidades esportivas. Dentre as etapas de formação esportiva, a iniciação esportiva precoce é uma problemática (DIAS, CORRÊA, 2015; MENEZES, MARQUES, NUNOMOURA, 2014). As premissas históricas do processo de desenvolvimento dos esportes coletivos estão pautadas na identificação e no refinamento de habilidades inatas (FILIN, 1996; FILIN, VOLKOV, 1998), com adoção de métodos empíricos (SZEREMETA *et al.*, 2015).

Está em fase de consolidação na literatura internacional um paradigma que considera a importância de ambientes de aprendizagem para a qualidade do desenvolvimento esportivo (GRAÇA, 2013, MESQUITA, 2013, CÔTÉ, HAY, 2002, ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007, FOLLE, 2014).

É possível identificar no campo teórico, dois grandes paradigmas que orientam os métodos de ensino: o primeiro seria o tradicional (mecanicista), com ênfase em padrões de movimento e; o segundo, alternativo (compreensivo/cognitivista), com ênfase nos meios táticos para aquisição das capacidades de jogo (AMORIM *et al.*, 2016; CANADAS *et al.*, 2011; MESQUITA, GRAÇA, 2006; SCAGLIA, SOUZA, 2004).

A Confederação Brasileira de Handebol (CBHb) vêm promovendo atividades aos jovens praticantes e treinadores para padronizar as formas de jogar em todas as categorias da base ao adulto, especialmente no naipe masculino. Em cada Acampamento Nacional de Desenvolvimento e Melhoria Técnica, cerca de 120 atletas oriundos de diversos locais do Brasil passam por experiências de sessões de treino, análise de vídeo e jogo (competição) durante oito dias, nas categorias infantil (sub14) e dez dias, nas categorias cadete (sub16) e juvenil (sub18).

Estas ações decorrem paralelamente a obtenção de resultados satisfatórios em nível internacional das seleções adultas em função da presença de treinadores esportivos de referência internacional para dirigir as Seleções Nacionais que trazem modelos de treino e jogo (MENEZES, 2011). Estes modelos propostos estão em fase de desenvolvimento em todas as fases de desenvolvimento esportivo, visando uma formação a longo prazo.

Considerando que a intenção categórica da CBHb (2014, s/p) é “padronizar a forma como o handebol é praticado em todas as regiões do

País e que os atletas participantes possam repassar os conhecimentos adquiridos quando retornem as suas cidades”, interessa investigar a estrutura de funcionamento do Acampamento Nacional.

Garganta (1996) sinaliza que o jogo possui alguns traços de padronização que permitem ser tratados de forma racionalizada. O que implica em dizer que mesmo ante a estrutura complexa e dinâmica das relações de estrutura e funcionamento do jogo, o padrão de jogo revela os comportamentos tático-técnicos que as equipes adotam para agir sobre o jogo tanto defensivamente quanto ofensivamente.

O desenvolvimento esportivo requer um ambiente devidamente estruturado (MESQUITA, 2000), com planejamento das sessões de treino coerentes ao desenvolvimento do praticante (COLLET *et al.*, 2007). A análise de sessões de treino em diferentes modalidades, Saad (2002 e 2012) no futsal, Rezer (2003) no futebol, Mendes (2006) no handebol, Donega (2007) no voleibol e Morales (2007) no basquetebol; compreende importante parâmetro que contribui para identificação do padrão de jogo adotado (GARGANTA, 1996), e o nível de qualidade do desenvolvimento esportivo (TAVARES, 2006), especificamente nesta tese, as capacidades tático-técnicas.

A análise das tarefas das sessões de treino insere-se como uma linha de investigação emergente na Pedagogia do Esporte (IBÁÑEZ, FEU, CAÑADAS, 2016). Estes registros permitem maior esclarecimento sobre a organização e controle das sessões de treino potenciando análises do próprio treinador como entre treinadores sobre seus modelos de treino baseado na intervenção.

A pesquisa de natureza aplicada em ambiente real é uma perspectiva acadêmico-científica que orienta o interesse de investigar as estratégias que a CBHb vem adotando para o desenvolvimento tático-técnico ao longo das atividades dos Acampamentos infantil (sub14), cadete (sub16) e juvenil (sub18).

Assim, a presente investigação se concentra sobre as estratégias de desenvolvimento tático-técnico no handebol brasileiro, a partir de análises das sessões de treino dos “Acampamentos Nacionais de Desenvolvimento e Melhoria Técnica”, doravante denominados Acampamentos Nacionais, inerentes às categorias infantil (sub14), cadete (sub16) e juvenil (sub18), no naipe masculino.

Ao analisar as atividades das sessões de treino dos Acampamentos Nacionais, busca-se identificar as estratégias de aplicação do desenvolvimento tático-técnico aplicado ao padrão de jogo proposto. Sendo possível obter informações de qualidade, especialmente sobre a otimização do planejamento, do controle e da execução da sessão de treino

(MESQUITA, 2006), contribuindo para diminuir o empirismo das decisões do treinador (TAVARES, 2006).

Existem várias formas de jogar e de conseguir resultados, do mesmo modo que existem várias maneiras de treinar. No entanto, o treino constitui a forma mais importante na preparação dos jogadores para a competição (PRUDENTE *et al.*, 2004). O padrão de jogo deve levar em consideração as capacidades e as características dos jogadores atrelado a um processo de interação entre as organizações estruturais, funcionais e os princípios de jogo nas quatro fases (ataque, defesa, transição defesa/ataque (contra-ataque), transição ataque/defesa (retorno defensivo), tendo em vista as tendências que surgem no desenvolvimento tático-técnico das modalidades e as adequações e evoluções das regras do jogo (OLIVEIRA, 2003). É imprescindível que a organização do treino traga os elementos que se pretende ser executado no jogo, numa experiência consciente e clara para todos os que vivenciam as formas preteridas de jogar o jogo.

Considerando que “o estudo das situações de treinamento proporcionam informações de como se trabalha em função da etapa, da idade dos jogadores e da metodologia do treinador” (CAÑADAS *et al.*, 2011, p. 365), imerso no anseio de aproximação do modelo de treino orientado para padronizar as formas de jogo presente nos Acampamentos Nacionais, emerge a seguinte questão de pesquisa: **quais as estratégias de desenvolvimento tático-técnico dos “Acampamentos Nacionais de Desenvolvimento e Melhoria Técnica”, das categorias infantil (sub14), cadete (sub16) e juvenil (sub18), no naipe masculino, promovido pela Confederação Brasileira de Handebol?**

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo geral

Analisar as estratégias utilizadas para o desenvolvimento tático-técnico nos Acampamentos Nacionais das categorias infantil (sub14), cadete (sub16) e juvenil (sub18), no naipe masculino, promovidos pela Confederação Brasileira de Handebol.

1.2.2 Objetivos específicos

- Descrever o percurso histórico e a estrutura de funcionamento dos Acampamentos Nacionais promovidos pela CBHb para as categorias infantil (sub14), cadete (sub16) e juvenil (sub18);

- Analisar as variáveis pedagógicas presente nas sessões de treino das categorias infantil (sub14), cadete (sub16) e juvenil (sub18), dos Acampamentos Nacionais, no naipe masculino;
- Caracterizar o padrão de jogo a partir dos conteúdos tático-técnicos presente nas sessões de treino das categorias infantil (sub14), cadete (sub16) e juvenil (sub18), no naipe masculino dos Acampamentos Nacionais.

1.3. JUSTIFICATIVA

A justificativa de toda experiência de busca pelo conhecimento advém de duas grandes motivações: a sobrevivência e a evolução. Para que o processo de um conhecimento intelectual e científico ocorra é necessário haver uma inquietação, uma dúvida, uma curiosidade, "uma coceirinha nas ideias" (ALVES, 2007), algo que lhe perturbe a mente de tal forma que não pare de pensar naquilo. Surgem, então, as nossas ideias para resolver problemas práticos do cotidiano ligados a cientificidade dos mais diversos objetos de estudo.

Recorro inicialmente a minha história de vida para revelar as motivações pessoais. E, em seguida, destaco as implicações acadêmicas e a relevância social para desenvolver este estudo, enfatizando a modalidade coletiva que servirá de referência, haja vista que as justificativas no que tange ao desenvolvimento esportivo, apoio pedagógico e avaliação do desempenho das capacidades de jogo foram sinalizadas ao longo da problemática.

As aproximações e o envolvimento pessoal com o contexto do handebol pairam da vivência de diversos papéis sociais. Atleta e admirador desde o ano de 1996, estudante de esportes coletivos e handebol desde 2002, árbitro desde 2002, treinador esportivo desde 2004, consultor esportivo desde 2005, professor de Educação Física desde 2005, professor universitário e pesquisador desde 2007, gestor da Federação Bahiana de Handebol no ciclo de 2013/2016.

Na consulta realizada ao banco de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior (CAPES), encontrou-se um número incipiente de teses em Programas de Pós-graduação no período entre 1987 a 2011, sobre o handebol quando comparado a outros esportes coletivos, utilizando-se como termos da consulta: "handebol", "voleibol", "futebol", "basquetebol", "rúgbi" e "futsal".

Os achados revelam o predomínio de estudos nas modalidades futebol e voleibol. Enquanto esses dois esportes acumulam, respectivamente, 1.061 e 213 teses e dissertações, o basquete possui 154. Depois aparece o futsal com 96 publicações, seguido pelo handebol com 92 e, por fim, o rúgbi com 8 publicações.

Sobre a temática central das produções sobre o handebol no banco de Teses e Dissertações da CAPES, a temática da performance esportiva tem ocupado lugar de destaque. Os processos de ensino-aprendizagem-treinamento (EAT) ligados à iniciação esportiva ocupam parte das discussões, assim como o cenário do handebol em cadeiras de roda emerge importantemente. O handebol também aparece como tema de discussões que versam sobre os processos didáticos pedagógicos nas aulas de Educação Física escolar.

Zaguetto e Ferreira (2013), realizaram um levantamento nos periódicos nacionais e identificaram que 9,3% das publicações possuem a temática avaliação do processo de ensino-aprendizagem no handebol. Navarro (2011) buscou a temática handebol na Pedagogia do Esporte e encontrou até 2011, 2 artigos, 1 tese e 7 dissertações que atendia aos critérios estabelecidos. As evidências apontam para eventuais carências em instrumentos de avaliação que contemplam a especificidade da modalidade.

Considerando o termo handebol como tema ou título, Aguilar (2014) encontrou no banco de dados da *Web of Science*, de 1990 a 2014, 366 artigos. O número de publicações anuais vem aumentando, chegando a 50 no ano de 2013. As Ciências do Esporte abarcam 62,8% (230) das publicações, tendo 52 (14,20%) registros de investigações sobre a dimensão tático-técnica do handebol e 10 (2,73%) sobre ensino.

Considerando a especificidade da modalidade handebol, em nível de teses de doutorado, não foram encontradas obras com foco nas sessões de treino de jovens. O Modelo de desenvolvimento e o Acampamento Nacional para Melhoria Técnica desenvolvido pela Confederação Brasileira de Handebol ainda não passou por análises acadêmico-científica em nível de doutoramento. Uezu (2014) investigou as propostas e as iniciativas da CBHb para o aprimoramento profissional. No entanto, seu enfoque foram os Encontros Nacionais de Professores universitários promovidos pela CBHb, em 10 edições.

As ampliações acerca das produções em handebol e especificamente sobre o desenvolvimento tático-técnico ainda está em fase de consolidação e a sua inserção restrita em grandes bancos de dados podem revelar viés de confundimento sobre o estado da arte do tema. Quando se depara sobre o processo de produção do conhecimento, a

primeira dimensão ancora nos paradigmas científicos consolidados ao longo dos últimos séculos para uso em ambientes profissionais e melhoria de cada área, sendo rotulado em muitos ambientes como o único conhecimento pertinente.

As experiências oriundas de treinadores esportivos no ambiente de prática que não passaram por tratamento analítico e/ou registrados em publicações de menor impacto são vistos como elementos secundários na compreensão dos fenômenos observados pela grande ciência. Avançar sobre estas relações motiva a elaboração desta tese e pode contribuir para diminuir as lacunas entre o que se diz e o que se faz, em especial, em áreas do conhecimento de aplicação, como a EF e, especificamente, o processo de desenvolvimento esportivo com ênfase nas capacidades tático-técnicas inerentes aos modelos de jogo aplicado ao handebol.

A inclusão do handebol de salão (hoje apenas handebol) nos jogos Olímpicos de Munique/Alemanha, em 1972, é sinalizado por Prudente, Garganta e Anguera (2004) como a mola propulsora para o prenúncio e o desenvolvimento de estudos com ênfase na modalidade, desenvolvidos na Europa. No cenário nacional, o alcance de resultados de nível internacional com o título mundial de 2013 e a eleição de melhores jogadoras do mundo da modalidade (Alexandra Nascimento em 2012 e Eduarda Amorim em 2014) contribuíram para o desenvolvimento e consolidação desta modalidade, cuja Confederação Brasileira foi fundada em 1978. O sucesso conquistado pela seleção feminina de handebol é consequência, também, de um projeto de intercâmbio das atletas da seleção que foram para Europa atuar por uma equipe da Áustria (Hypo) e participar das principais competições da modalidade em nível internacional desde 2011, tanto de clubes quanto de seleções (CBHb, 2013).

No naipe masculino, o processo vem sendo diferente e segue os princípios propostos pelo espanhol Jordi Ribera que, coordena e propôs a CBHb um modelo de desenvolvimento esportivo, disseminado por meio de Acampamentos, que possibilita experiências de aprendizagem entre atletas e treinadores esportivos. Pela primeira vez, nos Jogos Olímpicos Rio 2016, o Brasil se classificou para as quartas-de-final, ficando em sétimo lugar. Na última participação nacional no Jogos de Pequim, 2008, o Brasil ficou na 11ª posição. Em 2008 eram 4 atletas atuando na Europa, centro do handebol mundial e, em 2016, dez atletas dos quatorze atuavam no Velho Continente.

Considerando os avanços sobre pesquisa aplicada, faz-se necessário ampliar e aprofundar as investigações para obter informações de qualidade sobre a realidade observada da modalidade, para que sejam

tomadas decisões que poderão potencializar todas as estruturas da lógica interna e externa da modalidade numa multiplicidade de aspectos. Especificadamente neste projeto de tese, é priorizado o desenvolvimento tático-técnico de jovens praticantes ao longo de ciclos de melhoria sistematizados em forma de Acampamento pela CBHb.

Nesta perspectiva, acredita-se que “a avaliação do desempenho e do envolvimento dos jogadores nas situações de jogo pode trazer informações úteis para a detecção dos aspectos que requerem maior atenção por parte do treinador” (COLLET, 2010, p. 20). A partir do padrão de jogo, presente nas sessões de treino, adotada pela Confederação Brasileira de Handebol, será possível ampliar o acesso e a disseminação deste conhecimento a partir dos indicadores elaborados para compreender a realidade com o viés científico e traçar perspectivas de aplicação prática das análises realizadas.

É possível encontrar na literatura investigações que analisaram sessões de treino no handebol (MENDES, 2006; DALLEGRAVE; BERNO; FOLLE, 2017). Busca-se investigações que aproximem as situações de jogo aos treinos (e vice-versa), na intenção de treinar o esporte "com o máximo de especificidade e com maior possibilidade de transferência das competências treinadas para aquelas apresentadas em competições" (MENEZES, 2011 p. 40). Esta afirmação é complementada por Fernández (2010, p. 305), ao apontar que “o treinamento integrado pretende o desenvolvimento conjunto dos fatores técnicos, táticos, físicos e psicológicos necessários para o desenvolvimento combinado das ações do jogo”.

Corroborando com as ideias dos autores imediatamente citados, almeja-se assim, contribuir com esta pesquisa para as discussões sobre o desenvolvimento tático-técnico dos esportes coletivos, neste caso, o handebol. Pretende fazer a disponibilização das informações que permitam àqueles envolvidos e preocupados com o desenvolvimento esportivo regional e nacional tomar decisões, mediados por identificação das progressões, conteúdos e estratégias adotada em ambiente de qualidade e na realidade do handebol masculino nacional.

O Acampamento Nacional para Melhoria da Técnica, por se constituir numa etapa importante no processo de desenvolvimento e preparação dos atletas da seleção brasileira de handebol, nas categorias de base, promovido pela Confederação Brasileira da modalidade, trata-se de um ambiente de qualidade para o desenvolvimento de estudos sobre o processo de desenvolvimento tático-técnico por reunir os profissionais e os atletas que estão influenciando a geração de handebolistas nacionais.

1.4. DEFINIÇÃO DE TERMOS

Desenvolvimento esportivo – Refere ao processo de aquisição de capacidades táticas, técnicas, físicas e teóricas do esporte objetivado, atrelado ao estímulo de valores positivos para o ambiente de prática e para a vida (CÔTÉ *et al.*, 2017)

Padrão de jogo – São as formas de organização tático-técnica individual, grupo e coletivo que sustentam as tarefas de treino e são conscientes dos atletas que jogam o jogo (GARGANTA, 1996).

Sessão de treino - É o conjunto de todas as atividades que propomos aos nossos jogadores em qualquer momento. A escolha, a estrutura e a divisão das atividades dentro da sessão de treinamento devem seguir uma ordem que facilite a realização dos objetivos e mantenha a motivação das crianças (IBÁÑEZ; FEU; CAÑADAS, 2016).

Handebol – Modalidade coletiva olímpica, praticada em quadra com área de limitação de ações ofensivas/defensivas, de disputa comum de espaço, caracterizado pela cooperação entre os membros de sua equipe e oposição ao adversário, com contato corporal permitido, com objetivo de marcar gols sem invadir a área do goleiro e infringir as regras pré-estabelecidas (GRECO; ROMERO, 2012).

Desenvolvimento Tático-técnico – Consiste no trabalho conjunto de meios táticos e técnicos, evidenciando os condicionantes de percepção e tomada de decisão para orientar as condutas dos esportistas sem perder de vista as habilidades coordenativas e motoras (ESTRIGA; MOREIRA, 2014).

2. MARCO TEÓRICO

O marco teórico está dividido em quatro partes, alternando reflexões gerais sobre a pedagogia do esporte e específicas do handebol. Na primeira, intitulada “Características dos jogos esportivos coletivos: ênfase no handebol” é abordado os aspectos que orientam os jogos de invasão, especificamente, o handebol. No segundo são apresentados os “Conteúdos do handebol”, orientado pelas capacidades do rendimento esportivo, evidenciando as capacidades técnica-tática e tático-técnica.

A terceira parte evidencia os “Princípios e conceitos da pedagogia do esporte para orientar o planejamento das sessões de treino” seguido das “Propostas de sistematização dos modelos de ensino do handebol”, com ênfase nos conteúdos de aprendizagem e orientações para estruturação das sessões de treino.

2.1 CARACTERÍSTICAS DOS JOGOS ESPORTIVOS COLETIVOS: ÊNFASE NO HANDEBOL

Dentro do processo de ensino dos esportes, a apropriação de alguns conceitos e definições se tornam importantes para servir de orientação para o processo de tomada de decisão acerca das atividades que deverão ser utilizadas em cada fase do processo de desenvolvimento esportivo. Na sequência, serão apresentadas as características do handebol enquanto prática esportiva.

Os jogos esportivos possuem diversas tipologias de classificação, Rose Junior (2006) fez uma síntese dos conjuntos de classificações derivadas de diversos critérios de agrupamento de acordo com a peculiaridade de cada autor. Durand (1959) classifica em: individual, coletivo, combate, ao ar livre; Bouet (1968) sistematiza em: combate, com a bola, atléticas e gímnicas, na natureza, mecânicas; Tossie (1971), domínio dos deslocamentos, do próprio corpo, dos objetos, do oponente; Knapp (1979), abertas, fechadas.

Especificamente no que tange ao handebol, trata-se de uma modalidade coletiva (onde um grupo de pessoas agem juntos para atingir o objetivo do jogo), com a bola (existe uma bola a ser manipulada para atingir o objetivo do jogo) de natureza predominantemente aberta (caracterizado pela tomada de decisão em detrimento ao alto refino do gesto motor) e englobando a estrutura em que se precisa ter conhecimento sobre o oponente (adversário que tenta dificultar que eu atinja o objetivo), do objetos (no caso a bola e as diversas formas de manipulá-la), domínio

do próprio corpo e das capacidades de deslocamento tanto com como sem a posse de bola (GRECO; ROMERO, 2012; KNIJNIK, 2009).

Assim, quando se pensar no processo EAT deve-se ter como referências estas características iniciais para a compreensão dos aspectos que caracterizam a modalidade e são construídos numa rede de evidências que se retroalimentam sem perder de vista sua unidade. Aprofundando nas características dos Jogos Esportivos Coletivos (JEC's), envolve companheiros e adversários que disputam a posse de bola orientado para uma meta, dispersos num terreno de jogo previamente delimitado orientado por regras pré-estabelecidas (BAYER, 1986).

O handebol classifica-se como uma modalidade de participação simultânea com disputa comum do espaço (KNIJNIK, 2004). Do ponto de vista da fonte energética trata-se de uma modalidade intermitente (ações aeróbicas e anaeróbicas, com esforço e pausa durante o jogo), ocupação do espaço, invasão (ambas as equipes podem ocupar os espaços e é permitido um certo contato corporal); a disputa pela posse de bola é direta com trajetória circulante (GARGANTA, 1998).

Existe um princípio de alternância de comportamento, no qual se coopera com os membros de sua equipe e se opõe aos membros da equipe adversária durante as ações de ataque (quando está com a posse de bola) e defesa (quando não possui a posse de bola), tendo em vista que os comportamentos podem ser induzidos a partir da forma com que se posiciona no espaço de jogo seja para atacar ou seja para defender (e vice-versa) (GARGANTA, 2004).

Baseado em Bayer (1986), cada ação de ataque leva em consideração possíveis ações com a posse de bola (no handebol: passe, ciclo de passadas, drible, finta com passadas e lançamentos) e sem a posse de bola (desmarcar-se para receber a bola e bloquear o deslocamento do defensor). Quando em ação defensiva, as ações seriam: interceptação da bola, uso do corpo para atrasar ou parar o adversário de acordo com as regras do jogo, posicionar-se entre o atacante e a meta, atrapalhando sua progressão com ou sem a bola, levando-o para ângulos desfavoráveis para ações ofensivas; usar o corpo para bloquear sua passagem.

Estas ações de atacar e/ou defender fazem com que constantemente as situações de cooperação aos companheiros e oposição aos adversários com e sem a bola orientem o processo de organização coletiva para coordenação de ações durante o jogo (GARGANTA, 1998b).

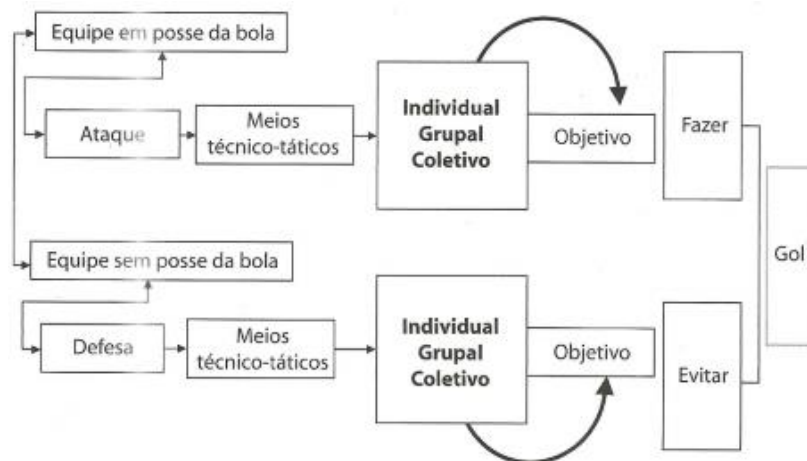
Para a resolução desta problemática, o autor supracitado, estrutura três grupos de situações-problema: plano espacial e temporal, gerenciamento das informações para tomadas de decisão e organização individual, grupo e coletiva com e sem a bola nas ações de ataque e;

criação de situações de organização individual, grupo e coletivo para dificultar que a equipe adversária atinja o objetivo do jogo nas ações defensivas.

Para que se compreenda melhor a lógica e estrutura do funcionamento do handebol, é interessante considerar aspectos inerentes aos Jogos Esportivos Coletivos, definidos como uma situação social permeada por regras previamente estabelecidas em que duas equipes (ou mais), buscam atingir objetivos opostos, geralmente, utilizando um implemento (bola) (TEODERESCU, 1984).

Greco, Silva, Greco (2012, p. 37) elaboraram um esquema que representa o princípio estrutural das fases dos JEC's orientados para o handebol, considerando as relações entre o atacar e o defender e os seus objetivos conflitantes, fazer e evitar, respectivamente (**figura 1**):

Figura 1 - Princípios estruturais das fases do handebol.



Fonte: GRECO, SILVA, GRECO, 2012.

O handebol é um esporte coletivo de ocupação do espaço ocupado pela equipe adversária podendo haver contato físico entre os adversários (ESTRIGA, MOREIRA, 2014), caracterizado pela cooperação entre os membros de sua equipe e oposição aos da equipe adversária (KNIJNIK, 2004). É atividade esportiva dinâmica e simples, com gestual oriundo da vida cotidiana, essencialmente infantil, como o correr, o saltar e o arremessar (SANTOS, 2014), é dinâmico e intenso, sendo considerado de fácil aprendizagem motora (ALVARENGA *et al.*, 2014).

O handebol demanda da cooperação entre os membros de sua equipe e oposição direta com contato permitido para a marcação de gols,

a partir de implicações da regra sobre manejo de bola e limitação de área de finalização ao gol. É um esporte com grande complexidade perceptiva e decisiva. A disputa pela posse de bola é simultânea. Trata-se de um esporte interativo, no qual continuamente se emite informação e se interpreta informação. Há muito pouco tempo para tomar decisões (GRECO, SILVA, GRECO, 2012). Então, o jogador mais eficaz não é o que sabe mais, e sim, aquele que melhor e mais rapidamente se adapta aos acontecimentos.

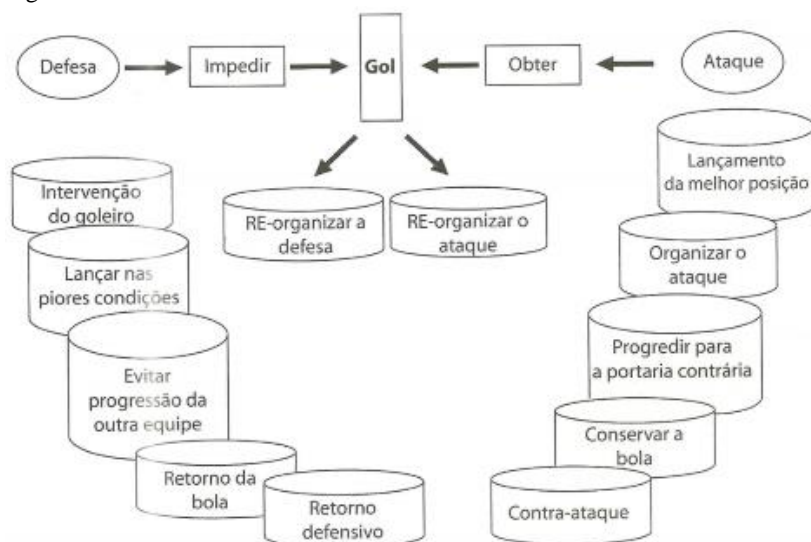
O objetivo do jogo é marcar gols com uso das mãos sem invadir a área de gol. Na quadra atuam sete jogadores em cada equipe, sendo um, obrigatoriamente caracterizado como o goleiro (SANTOS, 2014). O esquema estrutural do handebol, perpassa por quatro fases para cada equipe (defesa, contra-ataque, ataque e retorno a defesa) que se correlacionam e se retroalimentam, não necessariamente, seguindo uma lógica linear. Assim, trata-se de uma estrutura sequencial com infinitas possibilidades de desdobramento, mesmo com as limitações impostas pela regra do jogo, no que tange a duração da partida, manejo com a bola, conduta para com o adversário, dentre outras.

Para García (1995), existem os sistemas de jogo (ataque e defesa em lados opostos). Cada sistema possui os meios táticos que emergem das intenções de cada jogador, grupo ou equipe, a partir dos princípios de jogo previamente treinados, visando os objetivos definidos para cada ação; no ataque a marcação do gol e, na defesa, dificultar a marcação de gol pela equipe adversária.

Coronado (2002) apresenta um esquema que reafirma a complexidade estrutural e dinâmica do handebol que implicam em perspectivas didático-pedagógicas que contribuam para as vivências de cada parte atrelado ao todo e do todo atrelado as partes que compõem o handebol.

Na **figura 2**, é apresentado um organograma mais aprofundado sobre as fases do handebol para exemplificar as afirmativas acima sobre o funcionamento da modalidade:

Figura 2 - Fases do handebol.



Fonte: CORONADO, 2002.

As ações desencadeadas pelo ataque buscam atingir o objetivo do jogo que é a marcação do gol a partir das peculiaridades das regras do jogo. Por outro lado, a defesa busca dificultar que o ataque consiga realizar seu objetivo e acontecesse um processo de reorganização defensiva em função das ações do ataque simultaneamente um processo de reorganização ofensiva em função das ações da defesa. O processo ocorre também de forma contrária (CORONADO, 2002).

Para atacar após a recuperação da posse de bola, a equipe faz a saída em contra-ataque, conservando a posse de bola e progredindo em direção à meta contrária. Após organização do ataque busca o jogador em melhores condições para realizar o lançamento da bola ao gol. Em contrapartida, a equipe que outrora atacava, realiza o retorno defensivo, preocupando-se como a bola é progredida ao ataque pela equipe opositora; busca dificultar a progressão ao gol e induzir o ataque a lançar a bola ao gol com as piores condições para facilitar as intervenções do goleiro (CORONADO, 2002).

O processo de regulação desta estrutura está diretamente associado ao estímulo de diversos princípios/conceitos durante as fases e etapas do desenvolvimento esportivo e processo de apropriação de competências inerentes ao esporte coletivo associado à especificidade do jogo; aprofundados no subcapítulo anterior. A planificação precisa ser

adequada ao contexto no qual se dá a prática, as características do sujeito que pratica e da modalidade esportiva a ser vivenciada (DE ROSE JR; SILVA, 2006). Na continuidade, serão abordados os conteúdos do handebol, tendo enfoque nas dimensões técnicas e táticas.

2.2 CONTEÚDOS DO HANDEBOL

A planificação e a sistematização dos conteúdos do jogo atrelado aos valores da prática esportiva são os aspectos estruturais para estímulo ao desenvolvimento esportivo. Consequência de um processo de interações com o ambiente de vida e de treinamento, atrelado ao desenvolvimento do praticante, considerando características genéticas, físicas, motoras, psicológicas e suporte social (BÖHME, 2004), do qual não deve ser descoberto, mas desenvolvido.

O processo de desenvolvimento esportivo a ser abordado na estruturação das sessões de treino, tomando como referência as capacidades para o rendimento esportivo, envolvem os seguintes conteúdos: capacidades técnicas, táticas, físicas, biotipológicas, psicológicas e socioambientais (GRECO, SILVA, GRECO, 2012).

Na sequência do texto são apresentados os significados e as formas de aplicação destas dimensões correlacionando a prática do handebol, com ênfase nos conteúdos técnicos e táticos da modalidade.

2.2.1 Capacidade biotipológica e física

O handebol é um esporte para diversos perfis de composição corporal. Embora haja a busca por jogadores altos e fortes é comum observar atletas com diferentes estaturas, atuando em determinados postos específicos.

Há um posicionamento de referência zonal para a organização coletiva dos jogadores que participam do handebol no ataque, armadores (esquerdo, direito e central), pivô e pontas e; na defesa, base, avançado, marcador de primeiro, marcador de segundo, marcador de terceiro. Os processos de interação destas capacidades dependem diretamente das capacidades táticas de defesa, ataque e goleiro, também, individuais, de grupo e coletiva.

O primeiro aspecto a sinalizar refere-se as características biotipológicas dos jogadores de handebol. Não existe um padrão e, em função da posição requer algumas características específicas. Os jogadores de segunda linha ofensiva são: Os pivôs tendem a ser os jogadores mais pesados e inteligentes para criar situações de superioridade

numérica com uso do corpo. Os pontas são os mais rápidos e ágeis. Lançam a bola ao gol em situação desfavorável por atuarem em profundidade. Os jogadores de primeira linha ofensiva são: os laterais são jogadores altos e fortes com boa capacidade de finalização e de armação de situações ofensivas. O central costuma ser o jogador que comanda as ações ofensivas e precisa ser bem criativo e combinar as competências dos pontas e dos laterais para desempenhar sua função (FEU MOLINA, 2016).

A **figura 3** apresenta distribuição na quadra de ataque dos atacantes em seus postos específicos. Na primeira linha ofensiva, estão os jogadores que atuam próximo as linhas dos 9m, o central e os laterais esquerdo e direito. Na segunda linha ofensiva, estão os jogadores que atuam próximo à linha da área de gol, os pontas esquerdo e direito e o pivô. No handebol, é comum que os jogadores canhotos atuem pelo lado direito da quadra por terem maior ângulo de passe/lançamento para desempenhar as ações ofensivas (KNIJNIK, 2009).

Figura 3 - Distribuição dos postos específicos dos atacantes



Fonte: Elaborado pelo autor, 2017.

Os postos defensivos possuem nomenclatura específicas e há uma pequena variação em função da defesa em uma única linha (6:0) para as demais defesas que usam duas linhas (5:1; 3:3; 4:2) e três linhas defensivas (3:2:1). Na defesa em uma linha (**figura 4**), existem os marcadores de primeiro (que atuam na extremidade da quadra, marcando os pontas); os marcadores de segundo (que atuam marcando os laterais) tendem a ser bons jogadores no 1x1; os marcadores de terceiro (que marcam na região central o pivô e o central), tendem a ser os mais altos da defesa para bloquear lançamentos da região central. Nas defesas em

duas e três linhas (**figura 4**), ao invés de haver os terceiros, há o defensor denominado base (marcador responsável em fazer os deslizamentos e trocas defensivas) e o avançado, que atua em segunda linha, dificultando a troca de passes (SIMÕES, 2002), conforme figura abaixo.

Figura 4 - Representação dos postos defensivos em uma linha e em duas linhas.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2017.

Não se pode perder de vista a presença do goleiro que é considerado o último defensor e primeiro atacante. Possui uma área em que somente ele pode ocupar e pode usar os pés nos lançamentos realizados ao gol. Pode sair da área de gol (desde que não esteja com a posse de bola) e participar do jogo normalmente sendo aplicado as regras referentes ao manejo de bola (GRECO, 2002).

Na continuidade, uma referência as relações entre atacantes e defensores a partir do Sistema defensivo 5:1 (figura 5).

Figura 5 - Estrutura relacional entre defesa (amarelo) e ataque (branco).



Fonte: Elaborado pelo autor, 2017.

No que tange a capacidade física, o sistema energético predominante numa partida de handebol corresponde a: aeróbio (50%), láctico (30%) e alático (20%). Trata de um jogo rápido e potente com curto período de recuperação, cerca de 3 a 7 segundos. "Os fatores limitantes de performance são: aceleração / desaceleração, mudanças de direção, potência de arremesso, agilidade e alta coordenação com a bola (manejo de bola)" (BOMPA, 2005, p. 131).

Knijnik (2009) apresenta alguns aspectos a serem considerados quando da preparação física no handebol. O jogador irá correr em ritmos variados, com esforços intermitentes ao longo dos 60 minutos de jogo. Exige-se também uma grande variedade de saltos nas ações defensivas e ofensivas. Requer potência para realização dos lançamentos. A disputa corporal é intensa, haja vista a regra permitir certo contato, assim, o contato físico requer força e resistência isométrica. A velocidade para se deslocar e a agilidade para realizar as mudanças de direção coordenadas com as ações motoras de atacar e defender com e sem a bola. Jogar handebol, requer que os praticantes executem ações de alta intensidade e curta duração, tornando a força explosiva e a resistência aspectos chaves para potencializar a execução dos condicionantes do jogo.

Em suma, do ponto de vista físico os atletas precisam do desenvolvimento das capacidades de mudança de direção, sprints repetitivos, potência de lançamentos são características do jogo que devem ser desenvolvidas por meio das valências: força explosiva, força dinâmica, velocidade de reação, velocidade de deslocamento, potência, resistência aeróbia e anaeróbia, flexibilidade, agilidade, coordenação em atividades específicas ou combinadas com aspectos tático-técnicos do jogo, dentro de um programa estruturado ao longo de um tempo, considerando o processo de maturação dos praticantes.

2.2.2 Capacidade psicológica e socioambiental

Os fatores psicológicos, sinalizados por Fernandez (2010), constituem variáveis que podem influenciar o processo de tomada de decisão. Em seu estudo categorizou da seguinte forma: tempo da partida, placar no momento da ação, fase da competição. Por mais que o processo de ensino-aprendizagem na atualidade busque um maior valor ecológico das situações de treino, existem condicionantes que influem no desempenho do sujeito e precisam ser treinadas para que os condicionantes psicológicos atrelados às dimensões citadas possam ser atenuados ao longo da partida.

Os níveis de interação socioambiental podem ser descritos como as situações decompostas do jogo desde o jogador e a bola ao jogo 7x7 (6 jogadores de linha e o goleiro de cada equipe), atrelado ao posicionamento nas diversas zonas de atuação. Caracterizam as estruturas funcionais do jogo, em que estão presentes as relações biotipológicas, físicas, psicológicas, técnicas e táticas (GRECO; SILVA; GRECO, 2012).

Propostas de estímulo às diferentes maneiras das estruturas funcionais do jogo: 1x1, 1x1+1, 2x1, 1x2, dentre outras (GRECO; BENDA, 1998b), são orientadas para aumentar a capacidade de perceber e tomar decisões em situações-problema diferentes por cada praticante de acordo com condicionantes coordenativos de pressão, regras do jogo (modificadas ou não) e stress psicológico.

Na **figura 6**, tomando-se como referência a estrutura formal do jogo 6x6, experimentar as formas reduzidas de jogo, no caso, a relação 2x2 entre o lateral e o pivô com os defensores de segundo e terceiro.

Figura 6 - Estrutura funcional 2x2 extraída do jogo formal 6x6.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2017.

As articulações destes condicionantes compõem a capacidade de jogo e ocorrem simultaneamente entre diversos praticantes. “A decisão da criança depende do seu estágio de conhecimento tático e técnico, do seu potencial físico, do seu estado psicológico, no momento de concretizar sua ação” (GRECO; BENDA, 1998a, p. 59). O que potencializa a necessidade de instrumentos eficazes de observação do processo de desenvolvimento destas capacidades nos jovens praticantes de handebol

para orientar a planificação de sessões de treino e análise do desempenho em partidas de handebol.

Cada estrutura funcional caracteriza uma experiência na qual as relações do contexto sempre serão diferentes, desencadeando repostas que precisam estar adequadas a situação específica e, não necessariamente, a mesma situação requer a mesma resposta por se inserir em contexto diferentes que sofre influências das pessoas envolvidas, do tempo do jogo, das condições físicas, das habilidades de atacar e/ou defender dos envolvidos.

Considerando as estruturações técnico-táticas e tático-técnicas que orientam as condutas do jogo, a sequência do texto dará maior ênfase a estas dimensões que caracterizam a especificidade da modalidade.

2.2.3 Capacidade técnica

A concepção de técnica está ligada historicamente ao processo de realização de uma tarefa com menor gasto energético e maior eficiência na realização da ação. Demanda de um avanço sobre a capacidade de coordenar movimentos e refino das habilidades motoras que levam aos gestos técnicos de cada modalidade. Para Greco e Benda (1998a, p. 55) é a “Interpretação no tempo - espaço e situação do meio instrumental operativo pertinente a solução da tarefa ou problema que se defronta”. Esta compreensão insere no processo de aprendizado dos elementos gestuais de um jogo a relação da consequência da ação sobre gesto realizado.

Na estruturação do processo de treinamento técnico “deve ser considerado métodos que possibilitem ao atleta criar novas possibilidades de movimento ou selecionar a técnica mais adequada para as diferentes situações do jogo” (GALATTI *et al.*, 2017, p. 642). Ao avançar das dimensões de coordenar os movimentos, desenvolver as habilidades motoras de base e chegar aos gestos técnicos dos esportes, faz-se necessário a articulação entre os elementos ofensivos e defensivos na estruturação das estratégias adotadas para solução das tarefas apresentadas.

Tomando como premissa as reflexões Galatti *et al.* (2017) sobre a noção de estratégia como elo articulador entre a técnica e a tática. Neste sentido, ampliando as formas de aplicação da tática nas perspectivas individuais, de grupo e coletiva, adota-se o termo gestual técnico-tático individual do handebol nos comportamentos ofensivos e defensivos.

Os gestos técnicos fundamentais para a concretização dos ataques devem associar passe, recepção, finta e arremesso, enquanto as ações de

defesa conjugam deslocamentos, bloqueios, fintas interceptação, antecipação e contato defensivo (FEU MOLINA, 2006; GRECO; BENDA, 1998b; ESTRIGA; MOREIRA, 2014).

O quadro 1 sintetiza às capacidades técnicas de ataque e defesa do handebol.

Quadro 1 - Capacidades Técnicas do Handebol.

ATAQUE	DEFESA
1- Movimentos do jogador	1- Deslocamentos do jogador
2- Empunhadura	2- Uso do corpo
3- Passes	3- Recuperação da bola durante o drible
4- Recepção da bola	4- Bloqueio de lançamentos
5- Progressão com a bola	Interceptação
6- Arremessos (Lançamentos)	
7- Fintas	

Fonte: Adaptado GRECO; BENDA, 1998b.

Tomando como referências orientações sobre as capacidades técnico-táticas individuais do handebol presentes na literatura especializada (GRECO; ROMERO, 2012; KNIJNIK, 2009; EHRET *et al.*, 2002; ESTRIGA; MOREIRA, 2014) o texto irá aprofundar as capacidades supracitadas para o ataque: Movimentos do jogador, empunhadura, recepção da bola, progressão com a bola, passes, arremessos, fintas e desmarque. Para a defesa: deslocamentos do jogador; uso do corpo; recuperação da bola durante o drible; bloqueio de lançamentos; interceptação e antecipação.

Para contextualizar os elementos técnicos **ofensivos** toma-se como referência inicial que os movimentos do jogador, tanto no ataque quanto na defesa, partem da posição básica de expectativa para defender (pés ligeiramente afastados, tronco ereto, braços semiflexionados a lateral) e para atacar (pés ligeiramente afastados, tronco pouco flexionado e braços na posição de recepção). As corridas são realizadas em diversas direções com pausas e mudanças bruscas de ritmo e direções. Da mesma forma, os deslocamentos em diagonais para frente e para trás e as corridas de costas, sprints repetitivos, corrida cadenciada, arrancadas são movimentos realizados pelos jogadores durante as partidas (KNIJNIK, 2009).

A empunhadura é a maneira correta de segurar uma bola é com as partes calosas da mão, palma da mão afastada (GRECO; ROMERO, 2012; KNIJNIK, 2009). Características: deve-se segurar a bola com firmeza; posicionar o dedo mindinho em oposição ao polegar; tocar a bola com os dedos e a parte superior da palma da mão. Erros mais comuns: apoiar a

bola na mão inteira; dedos muito rígidos; apoiar a bola na mão como se fosse uma “bandeja” (SANTOS, 2014).

O passé é uma ação de fazer com que a bola chegue em condição de oferta e segurança, mantendo-a longe do adversário para que a equipe progrida ante uma situação. Um bom passe reúne: rapidez de execução, oportunidade, precisão, segurança e surpresa (GRECO; ROMERO, 2012; KNIJNIK, 2009; EHRET *et al.*, 2002).

Segundo a trajetória o passe pode ser: reto (quando a bola descreve uma trajetória em linha reta entre quem executa e quem recebe); picado/quicado (quando a bola toca o solo próximo ao companheiro antes da recepção); parabólico (quando a bola descreve um arco, antes de chegar ao companheiro). Segundo a forma mecânica: simples: clássico e lateral; especial: por trás do quadril, por trás da cabeça, por entre as pernas, de pronação (KNIJNIK, 2009; EHRET *et al.*, 2002).

Características do passe clássico: passe feito apenas por uma das mãos; antebraço formando um ângulo de 90° a 110°; cotovelo acima da linha do ombro; perna contrária ao braço executor à frente; rotação do tronco. Erros mais comuns: falta de coordenação braço/perna; cotovelo mais baixo que a linha do ombro; pouca utilização do tronco; campo visual restrito durante o passe (SANTOS, 2014).

Recepção é a ação de segurar a bola após um passe do companheiro. Para uma boa adaptação da bola à mão devemos procurar: predisposição para as ações imediatas à recepção; automatização para que desenvolva de forma natural; segurança (envolver a maior superfície possível da bola). Em toda recepção se deve ter conta que: a recepção está subordinada à altura, direção e potência do passe; o receptor deve sempre ir ao encontro e amortecer o impacto da bola; depois de controlada, tirar a bola do alcance do adversário. Características: braços estendidos em direção à bola; polegares e indicadores próximos; mãos em forma de “concha”; amortecimento do impacto da bola com os punhos e os cotovelos. Erros mais comuns: rigidez nas mãos e braços; falta de coordenação em relação ao tempo que se deve estender e; flexionar os braços para receber a bola (SANTOS, 2014).

A progressão com a bola é o meio que se serve o jogador para se deslocar com posse de bola utilizando: o drible; o ciclo de passadas e o duplo ciclo de passadas. Utiliza-se progressão com a bola durante as ações de contra-ataque e manutenção da posse de bola. O ciclo de passadas consiste em fazer no máximo três passos com a bola na mão. Na composição básica os destros realizam: esquerda – direita – esquerda, passa ou arremessa e os canhotos: direita – esquerda- direita, passa ou arremessa. No entanto, as capacidades de coordenar o ciclo de passadas

são determinantes para a realizações de fintas com passadas, valendo-se ainda de prerrogativas inerentes a regra que permite que o primeiro contato com o solo ao receber a bola em movimento não seja considerado passo (seja com um dos pés ou ambos os pés simultâneos). As passadas podem ser variadas: D-D-E, E-E-D, D-E-E, E-D-D, D-D-D, E-E-E de acordo com as possibilidades e não é obrigado a executar o ciclo completo antes do passe, lançamento e/ou drible (AMORIM *et al.*, 2017).

Características: executar as passadas com a cabeça erguida para ter uma melhor visão do campo de jogo de uma forma natural; iniciar o primeiro passo com o pé contrário ao braço ativo (destros: perna esquerda – canhotos: perna direita); ao receber a bola em movimento deslocar para a direção que quer ir, e tocar ao solo com ambos os pés ou a mesma perna do braço ativo. Erros mais comuns: dificuldade de coordenar as passadas parado ou em movimento; dar as passadas como se fosse um “robô”; efetuar dois ou um passo achando que executou três (AMORIM *et al.*, 2017).

O drible é a sincronia de bater a bola contra o solo, estando parado ou em movimento, com uma das mãos. Pode-se trocar de mão, sendo a finalidade do drible progredir com a bola. Conforme a regra o drible termina quando a bola é segura com uma ou com ambas as mãos (GRECO; ROMERO, 2012).

Características: mão aberta, dedos afastados, porém relaxados; a mão deve tocar a parte superior da bola para driblar; a bola deve chegar à altura da cintura do jogador; braço executor deve estar levemente flexionado e direcionado à frente do corpo. Punho e cotovelo fazem um movimento de extensão empurrando a bola para o chão; olhar direcionado para o campo de jogo. Erros mais comuns: bater a bola alto ou baixo demais; olhar para a bola enquanto dribla; bater na bola produzindo som quando a bola toca a mão; utilizar o drible para se deslocar durante o jogo, quando há um companheiro de equipe livre para receber a bola. O duplo ciclo de passadas consiste na forma combinada de progressão com a bola do ciclo de passadas + drible + ciclo de passadas (SANTOS, 2014).

A finta é a ação de “balançar a segurança e o ponto de equilíbrio do adversário e colocá-lo em uma situação que propicie condições ótimas para uma penetração” (EHRET *et al.*, 2002). As fintas são gestos realizados pelo jogador a fim de enganar o adversário acerca de suas reais intenções, tanto defensivas como ofensivas. Normas técnicas para uma boa finta: equilíbrio, criatividade, decisão e rapidez de execução. Alguns erros comuns na realização da finta estão atrelados a tornar previsível a ação; realizar de forma lenta, distante de mais do oponente que pode perceber e antecipar a ação.

Existem ao menos quatro tipos de finta,: finta de troca de direção, sem bola, na qual o jogador interrompe a corrida e muda de direção rapidamente; finta de passe, quando o jogador simula o passe para um lado e faz para outro (ou do mesmo lado de outra forma); finta de lançamento, acontece quando o jogador está em condição de lançar a bola ao gol e simula um tipo de arremesso e adota outro para ludibriar o goleiro e/ou a defesa e; por último a finta de passadas, que acontece impreterivelmente com posse de bola, consistindo no ato de fingir uma penetração e aguardar a reação do oponente para decidir por uma direção contrária a partir do uso adequado do ciclo de passadas (EHRET *et al.*, 2002).

O arremesso é a ação de lançar a bola a baliza a partir de regiões específicas da quadra com peculiaridades sobre as formas de lançar. Condições que devem reunir um arremesso: potência; precisão; surpresa; proteção. O atacante deve levar em conta no ato de arremesso: concentração de defensores; colocação do goleiro; distância do gol; pontos fortes do seu arremesso. Os tipos de arremesso do 9m são: em apoio; na corrida; com suspensão; inclinação lateral. Os tipos de arremesso dos 6m são: em apoio com queda para frente com giro e queda; com salto; específico do ponta ou pivô; ponte aérea; de cobertura (EHRET *et al.*, 2002).

O desmarque é uma ação sem a bola, na qual o atacante evita as possibilidades de contato defensivo para tornar-se opção de recepção da bola para dar continuidade as ações ofensivas. Pode ser realizado de forma individual ou de grupo, a partir do bloqueio de um companheiro. Duas ações precedem o desmarque: oferecer-se no espaço e se orientar em relação ao contexto do jogo onde se processa a ação (FERNANDÉZ *et al.*, 2012).

Do ponto de vista técnico **defensivo**, as ações dos defensores partem das relações frente ao atacante que possui a posse de bola e ao atacante que não possui a posse de bola. As relações entre os deslocamentos do jogador devem partir das seguintes características: pernas flexionadas com um pé um pouco à frente do outro; tronco um pouco inclinado à frente; braços semiflexionados e afastados do corpo; ocupação máxima de espaço. Erros mais comuns: desequilíbrio durante o deslocamento; extensão das pernas; relaxamento do braço; falta de concentração em quem se marca. Estes podem ser utilizados próximos ao jogador com sem a posse de bola ou distantes, da mesma forma em ação de oposição ao jogador com a posse de bola (ESTRUGA; MOREIRA, 2014).

A regra de handebol permite o contato corporal entre os jogadores para dificultar a progressão ofensiva. O contato corporal defensivo ocorre

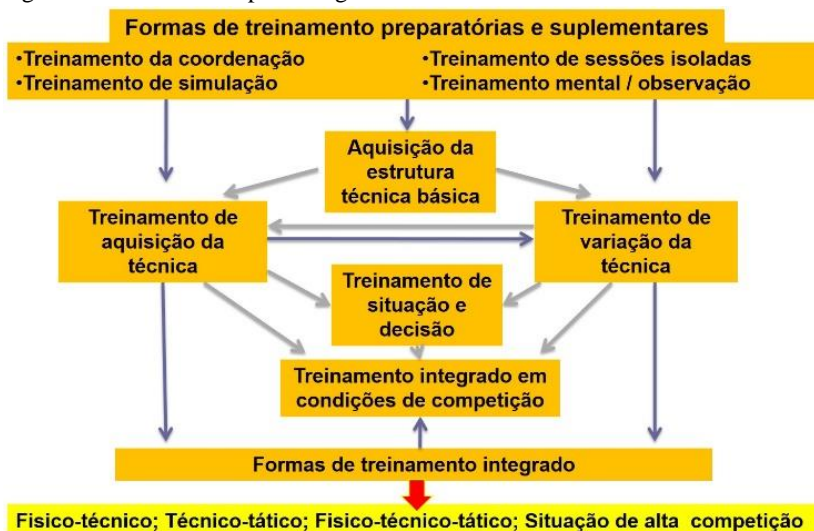
de duas formas: manter o adversário longe das zonas de perigo e realizando o encaixe para impedir a progressão. Os braços são projetados para a zona do peito e do braço do executor do adversário, membros inferiores ligeiramente flexionados, adiantando o membro inferior correspondente ao braço do executor do atacante. No caso do pivô, deve-se posicionar a frente dele. Não conseguindo, buscar interceptar o passe ou imobilizar, impedindo que faça o giro para ficar de frente para o gol (ESTRIGA; MOREIRA, 2014).

A recuperação da bola no momento do drible consiste numa ação de cortar a trajetória da bola durante a realização do drible do atacante, usando-o de uma ação rápida e interceptando a trajetória da bola quando a mesma começa a subir ou buscar levar o atacante para região onde possa ter pouca vantagem ofensiva. Os bloqueios de lançamentos são ações em que os defensores erguem os braços parados ou mediante salto para dificultar o ângulo de arremesso do atacante para impedir que a bola vá ao gol. Em ambas as situações os erros mais comuns estão ligados a realizar a ação defensiva de forma anterior a realização da ação pelo atacante (GRECO; ROMERO, 2012).

A interceptação é uma ação defensiva contra o atacante que não está em posse de bola, onde se recupera a posse de bola antecipando a trajetória desta antes de chegar ao companheiro do atacante. Para interceptar a bola o defensor precisa agir de maneira a surpreender o adversário (GRECO; ROMERO, 2012). Características: Sair para interceptar quando a bola estiver saindo da mão do jogador que passa a bola; interceptar a bola perto de quem vai recebê-la; procurar cortar o passe com as duas mãos; procurar interceptar os passes mais longos. Erros mais comuns: procurar interceptar a bola próxima ao jogador que vai passar; agir antes que o jogador que vai passar tenha soltado a bola na mão; não posicionar as mãos para cortar o passe (SANTOS, 2014).

As perspectivas de compreensão dos elementos do jogo articulam estes condicionantes aos aspectos situacionais e dependem sempre da relação com a oposição. A capacidade de coordenar os movimentos que irão constituir as bases técnicas para a estruturação do jogo requer a sensibilidade no olhar para contextualizar aos meios táticos individuais, de grupo e coletivo sem perder de vista a importância da especificidade de cada item descrito acima, tendo em vista que a problemática dos esportes coletivos não está nas dimensões técnicas do jogo e, sim, nos meios de sistematização das estruturas de aprendizagem e transferência par situações reais de jogo.

Figura 7 - Estrutura de aprendizagem dos elementos técnicos.



Fonte: NITSCH, NEUMAIER; MAREES, 2002.

Nitsch, Nemaier e Marees (2002), ao abordarem as estruturas de treinamento da técnica (**figura 7**) sinalizam sobre a necessidade do treinamento de coordenação, de simulação, de sessões isoladas, observação e projeção sobre a ação devem servir de base para aquisição da estrutura técnica básica, atrelada ao treinamento da aquisição e a variação da técnica que interagem em conjunto com o treino de situações e decisão para se aproximar do treinamento das condições de jogo atrelado aos aspectos táticos, físicos e psicológicos.

Em esportes coletivos, o desenvolvimento dos gestos técnicos precisa estar em consonância ao desenvolvimento das condutas táticas. As estratégias de aproximação entre as relações fazem com que sejam propostas intervenções em conjunto, mas que não podem perder de vista a especificidade que orienta cada termo. Na sequência, serão abordadas as capacidades táticas inerentes ao handebol.

2.2.4 Capacidade tática

O comportamento tático é a essência do sucesso de um praticante de esporte coletivo, tendo destaque aquele que melhor e mais rapidamente se adapta as diferentes situações-problema que surgem da prática esportiva. A capacidade de perceber, analisar e decidir é um condicionante

individual, de grupo e coletivo que potencializa as relações entre os membros da equipe de forma a cooperar entre os membros de sua equipe e opor-se aos adversários por meios tático-técnicos inerentes à especificidade do jogo, no caso, as regras do handebol (AMORIM *et al.*, 2017).

Na sequência, no **quadro 2** é identificado as capacidades táticas do handebol de defesa e ataque, considerando os comportamentos individuais, de grupo e conjunto (GRECO; BENDA, 1998b).

Quadro 2 - Capacidades Táticas no Handebol.

DEFESA	ATAQUE
Individual Predisposição defensiva; Defesa frente ao adversário sem a bola; Defesa frente ao adversário com a bola; Evitar a progressão.	Individual Ocupação e domínio da função específica; Desmarcar-se e oferecer-se; Fintas sem bola; Fintas com bola; Cortinas ou bloqueios.
Grupo Cobertura; Dobra; basculação/deslizamento; Troca de marcação.	Grupo Tabela; Fixação par ou ímpar; Cruzamentos; Bloqueio/cortina.
Conjunto Formação defensiva: Zonais: 6:0, 5:1, 4:2, 3:3, 3:2:1; Mistas; Individuais.	Conjunto Jogo posicional 3-3, 2-4, 4-2; Jogo com mudança de formação: desdobramentos e circulações; Engajamento; Ataque em superioridade e inferioridade numérica.

Fonte: Adaptado GRECO; BENDA, 1998b.

Os meios táticos de grupo se caracterizam pela relação de apoio entre jogadores (seja no ataque ou na defesa) para realização da ação. Os meios táticos em conjunto constituem nos sistemas de jogo ofensivo e defensivo que envolvem todos os jogadores e orientam as formas de atacar e defender de cada equipe. Princípios do jogo no ataque: manter a posse de bola; atacar constantemente a meta; adaptação aos diversos sistemas de defesas; procurar a superioridade numérica; variar o ritmo de jogo; explorar os pontos fracos do adversário (GRECO; ROMERO, 2012; FEU MOLINA, 2006).

Tabela (passe e vá) consiste numa troca de passes entre dois jogadores, visando superar o defensor, em que o atacante com a posse de

bola realiza um passe a um companheiro e desloca-se para receber o passe novamente. Aspectos relevantes: o jogador com a bola precisa fixar o defensor, fazer o desmarque sem a bola e oferecer-se para receber novamente. Noção par-ímpar caracteriza-se pela busca de criação de vantagem sobre a defesa a partir da seguinte relação: a fixação par refere-se ao ganho de vantagem sobre o defensor direto e a fixação ímpar quando consegue realizar esta oposição no defensor que não a marca diretamente. Trata de uma ação importante para conseguir penetrações na defesa e progressão de troca de passes laterais, visando a continuidade para penetração em caso de fixação ímpar e de cruzamento no caso de fixação par (GRECO; ROMERO, 2012; FEU MOLINA, 2006; MENEZES, 2011).

Os Cruzamentos são trocas de postos em que o atleta que realiza o cruzamento desloca por trás do atacante com a posse de bola para receber criando situação de superioridade numérica para realizar ações ofensivas. Pode ser simples ou duplo. As permutas são cruzamentos realizados sem a posse de bola, nos quais o jogador que vai receber o passe desloca por detrás do jogador que está permutando, havendo a troca de postos ofensivos (GRECO; ROMERO, 2012; FEU MOLINA, 2006; MENEZES, 2011).

Bloqueio ofensivo é uma ação que visa interromper a trajetória de um defensor, visando criar situações de superioridade numérica para desenvolvimento de ações ofensivas. Geralmente o jogador que atua na posição de pivô (fixo ou posicionado). Já a cortina consiste numa ação em que o atacante sem a posse de bola se posiciona entre defensores sem definir um jogador a ser bloqueado para dificultar as correspondências defensivas e atrasar seus deslocamentos. Para a realização destas ações é imprescindível a utilização dos condicionantes técnico-táticos, visando a continuidade da manutenção da posse de bola, ou seja, compreender que as ações ofensivas se desencadeiam na situação específica e também na possibilidade de ser desenvolvida em novas situações partir da ação (GRECO; ROMERO, 2012; FEU MOLINA, 2006; MENEZES, 2011).

Considerando as ações tático-técnicas de conjunto existem algumas ações realizadas visando criar situações de vantagem coletiva sobre a defesa, partindo do jogo posicionado que pode ser configurado como engajamento, desdobramento, circulação dentro partindo do jogo posicional (MENEZES, 2011). A visualização dos sistemas ofensivos segue uma orientação de leitura que parte da linha dos 9m (tracejada) para a linha dos 6m (contínua). A **figura 8** é a representação do sistema ofensivo 3:3, três jogadores atuam na primeira linha ofensiva (próximo aos 9m) e três jogadores atuam na segunda linha defensiva.

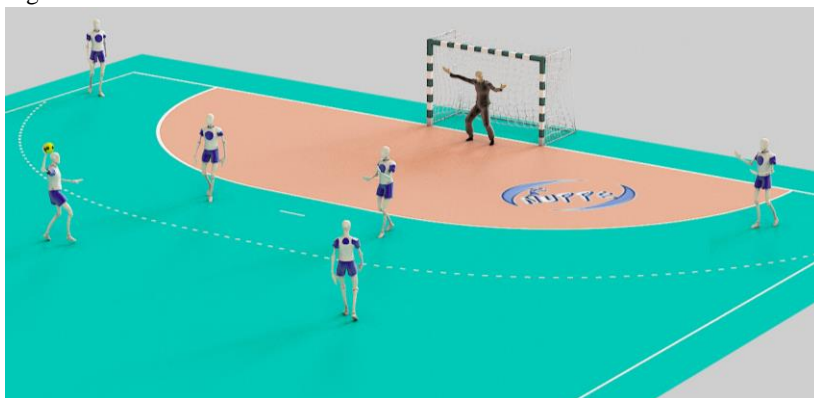
Figura 8 - Sistema ofensivo 3:3.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2017.

Na **figura 9**, tem a representação do sistema ofensivo 2:4, onde dois jogadores atuam na primeira linha ofensiva e 4 na segunda linha, caracterizado pela presença de dois pivôs. Forma mais recorrente de atacar por permitir ações em largura e profundidade em ambos os lados.

Figura 9 - Sistema ofensivo 2:4.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2017.

Na **figura 10**, está representado o sistema ofensivo 4:2, caracterizado pela presença de 4 jogadores na primeira linha ofensiva e 2 jogadores na segunda linha, fazendo a posição de pivô.

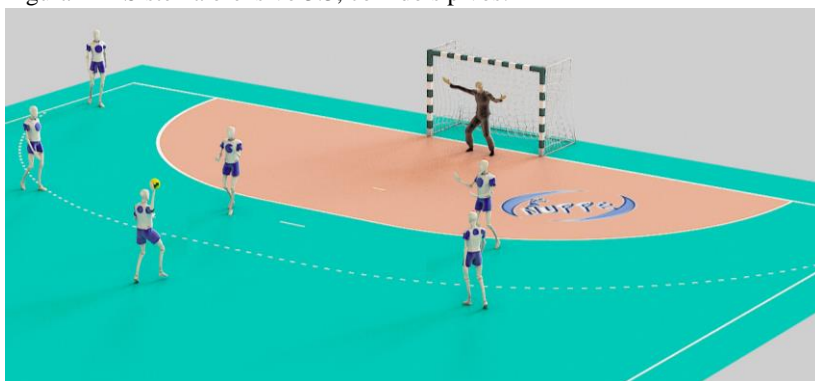
Figura 10 - Sistema ofensivo 2:4.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2017.

Na **figura 11**, está representado o sistema ofensivo 3:3, com a presença de 2 pivôs, ação comum após a circulação do ponta.

Figura 11 - Sistema ofensivo 3:3, com dois pivôs.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2017.

O processo de ocupação do espaço em largura e profundidade serve como meio de orientação para estruturação das tarefas para atender às diversas formas de atacar com suas potencialidades e limitações.

O engajamento é uma ação ofensiva de equipe que busca uma troca de passe em amplitude e profundidade, visando criação de espaços livres para penetrações, lançamentos, fintas, dentre outras; sendo uma ação ofensiva característica do jogo posicionado. O desdobramento consiste numa forma de transformação do jogo com dois pivôs, envolvendo a entrada de jogadores de primeira linha (central ou lateral) na posição de pivô. A circulação consiste na ação do ponta deixar seu posto e se

posicionar na função de pivô. Atualmente, é comum que as equipes atuem sem o reposicionamento de jogadores após a circulação, ou seja, jogam sem um dos pontas (GRECO; ROMERO, 2012; FEU MOLINA, 2006).

As situações de ataque em superioridade ou inferioridade são decorrentes de sanções de exclusão por 2 minutos aplicadas aos jogadores de defesa, conforme previsão em regra, para a defesa, no primeiro caso, ou para o ataque, o segundo caso. De toda forma, é uma composição visual porque as relações de superioridade e inferioridades são contextuais à posição da bola e à relação do número de atacantes e do número de defensores (GRECO; ROMERO, 2012; FEU MOLINA, 2006).

Para dificultar as ações ofensivas existem as ações de defesa que ganham outras nomenclaturas: basculação/flutuação/triângulo defensivo; dobra; troca de oponente; deslizamento; contra bloqueio (GRECO; ROMERO, 2012).

Basculação consiste numa ação defensiva de deslocamento para o lado da bola, buscando obter superioridade numérica. A flutuação consiste na diminuição do espaço do atacante aproximando-se do oponente. A relação combinada entre a basculação e a flutuação forma um movimento triangular chamada de “triângulo defensivo”. A dobra consiste na atuação sobre um atacante que não seja o correspondente direto que se tornou perigoso por ter a posse de bola e ter vencido um defensor para neutralizar a criação de superioridade numérica provocada pelo ataque (GRECO; ROMERO, 2012; MENEZES, 2011).

A troca de oponente é uma permuta realizada pela defesa para facilitar a correspondência em função das ações ofensivas e manutenção das zonas de defesa. A troca não deve ser realizada quando há uma ação de combate defensivo direto. Neste caso, opta-se pelo deslizamento que é uma troca de zona defensiva para a manutenção da relação defensor-atacante comum quando os defensores não estão na mesma linha ou não é possível fazer a troca de oponente. O contra bloqueio é uma ação defensiva em resposta ao bloqueio que consiste na troca defensiva na busca de abortar a utilização do bloqueio pelo ataque, igualando a defesa (GRECO; ROMERO, 2012; MENEZES, 2011).

Algumas orientações para marcação do pivô: deve ser pressionado constantemente; A defesa nunca deve deixar que o pivô ganhe vantagem ou espaço na área; tentar levar o pivô para linha dos 9m; em caso de marcação cerrada, não deve abandonar o pivô para marcar o adversário que está na linha dos 9m; todo jogador de defesa deve retardar a passagem do pivô afim de que este não se desloque no sentido da bola; no caso do pivô fazer uma cortina, colocar-se a frente (SIMÕES, 2002).

Algumas orientações de conduta individual para orientar o comportamento defensivo: atenção, posicionamento entre o atacante e o gol; o jogador, de posse de bola deve ser marcado, pois é o jogador mais perigoso; combater o atacante na linha de 9m e voltar na diagonal em relação à movimentação da bola; o defensor deve bloquear o ângulo de arremesso e orientar o jogo do ataque para as laterais, dificultando a finta; a movimentação para frente deve ser rápida e precisa; só deve sair na certeza de interceptar a bola ou parar o ataque além da linha dos 9m; o defensor não deve usar a agressividade de uma maneira desleal; deve ter percepção e vivacidade em prever o que o atacante irá fazer; analisar a equipe adversária para neutralizar o seu ataque (KNIJNIK, 2009).

O jogador deve conhecer todos os princípios e AS fases da defesa e do ataque; equilíbrio defensivo; parar o contra-ataque adversário; marcação ativa e cerrada em toda situação de jogo, forçando que o arremessador passe a bola; ajuda recíproca; ataque permanente ao adversário, não deixar que ultrapasse os 9m (SIMÕES, 2002).

No que tange ao processo de organização defensiva acontece de três formas: individual, por zona ou mista. As defesas individuais são estabelecidas pela relação defensor x atacante, onde o defensor acompanha o atacante aonde ele for. A defesa por zona parte de um princípio de ocupação de espaços da quadra previamente orientados para agir defensivamente, onde as ações ofensivas dentro desta zona são de responsabilidade do respectivo marcador. A defesa mista, caracteriza-se pela alternância entre a defesa individual e mista (SIMÕES, 2002).

A primeira defesa a ser ensinar tende a ser a individual, usando o espaço da quadra toda, meia quadra, região dos 9m até chegar nas defesas por zona (SIMÕES, 2002). Orienta-se iniciar o processo com as defesas mais altas e, à medida em que houver a maturação dos defensores sobre os comportamentos defensivos orienta-se apresentar outros padrões defensivos.

A visualização dos sistemas defensivos, ocorre baseado na relação que parte da linha dos 6m. Assim, na **figura 12** é apresentado o Sistema defensivo 3:2:1, caracterizado pela distribuição da defesa em três linhas (a terceira imaginária na região dos 12m).

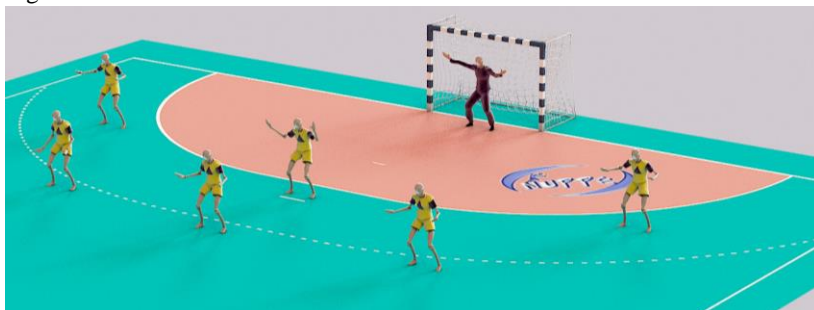
Figura 12 - Sistema defensivo 3:2:1.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2017.

Na **figura 13** está apresentado o sistema defensivo 3:3. A diferença em relação ao sistema 3:2:1 (figura 12), situa no alinhamento entre os jogadores da segunda linha defensiva.

Figura 13 - Sistema defensivo 3:3.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2017.

A defesa 4:2 apresenta 4 jogadores de defesa na primeira linha e 2 jogadores na segunda linha defensiva.

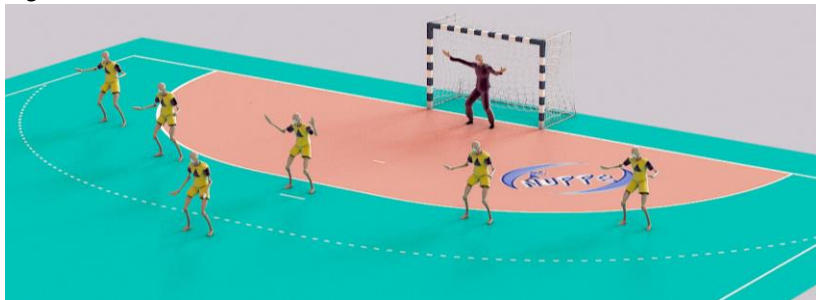
Figura 14 - Sistema defensivo 4:2.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2017.

Na **figura 15**, a representação da defesa 5:1, onde 5 jogadores atuam na primeira linha e 1 jogador, geralmente centralizado, faz o papel de avançado para dificultar as ações ofensivas.

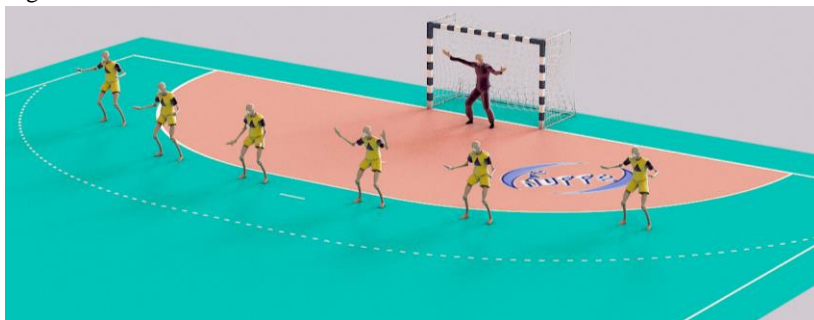
Figura 15 - Sistema defensivo 5:1.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2017.

A defesa 6:0 é a última defesa por zona apresentada neste texto, que caracteriza pela distribuição dos jogadores de defesa na primeira linha defensiva.

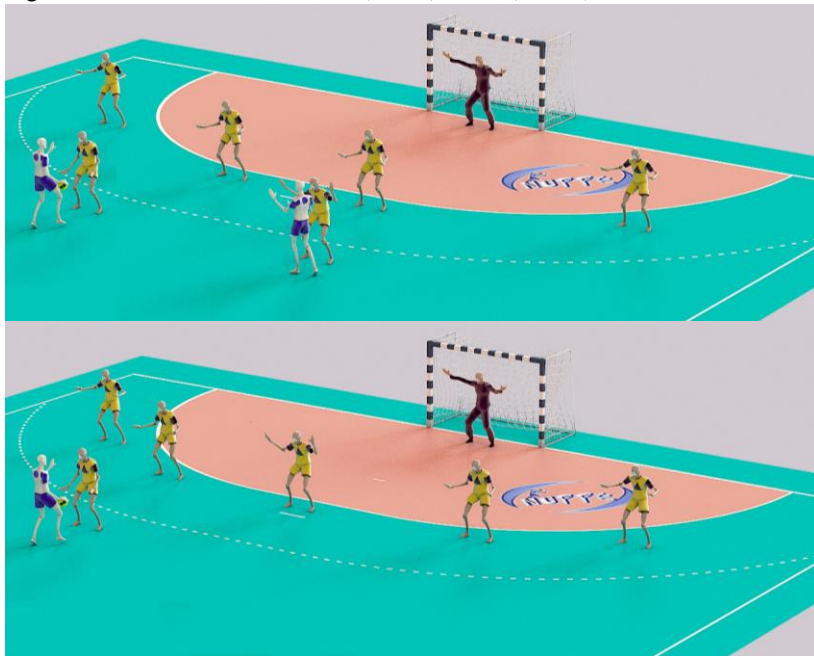
Figura 16 - Sistema defensivo 6:0.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2017.

As defesas mistas consistem numa combinação de defesa por zona e individual e podem ser tirando um jogador (5+1) ou dois jogadores (4+2). O sinal de “+” caracteriza que a defesa é mista. (figura 19)

Figura 17 - Sistema defensivo 4+2 (acima) e 5+1 (abaixo).



Fonte: Elaborado pelo autor, 2017.

Uma fase importante da relação entre o ataque e a defesa são as transições em contra-ataque que consiste em saída rápida da defesa para

o ataque seja após um gol, falta da equipe atacante ou defesa do goleiro, podendo ser direto (quando o jogador recebe o passe diretamente no campo ofensivo para realizar o arremesso) ou sustentado (quando há troca de passes). Para inibir este comportamento existe o retorno defensivo caracterizado pelo retorno dos atletas que não participam da finalização do ataque realizando a defesa provisória e a organização prévia defensiva. Com a dinâmica e a velocidade do handebol na atualidade consiste em comportamentos importantes para a busca de ataque contra defesas em organização, buscando situações de superioridade numérica (MENEZES; MARQUES; MORATO, 2013).

As capacidades que orientam o rendimento esportivo apresentadas por um prisma não ignora e restringe outras formas de apropriação e identificação dos conteúdos que compõem o handebol, considerando as distintas formas de apropriação da capacidade de jogo.

A qualidade e a criatividade para o equilíbrio das associações dos conteúdos apresentados com as relações individuais, de grupo e coletiva, considerando os elementos que compõem o jogo, as fases, os valores positivos da prática esportiva e as etapas de aprendizagem em meio aos objetivos gerais e individuais (dos praticantes, do treinador esportivo e da gestão) tornam a experiência de planejar e gerir contingências uma tarefa que requer um conjunto de competências para o treinador esportivo.

2.3 PRINCÍPIOS E CONCEITOS DA PEDAGOGIA DO ESPORTE PARA ORIENTAR O PLANEJAMENTO DAS SESSÕES DE TREINO

A Pedagogia do Esporte é uma área do conhecimento com produção específica que evoluiu suas discussões e proposições teórico-metodológicas para o desenvolvimento desta área do conhecimento da Educação Física. O texto que segue visa apresentar os princípios a serem utilizados para orientar o planejamento das sessões de treino.

O processo de EAT está em consonância direta com as relações do contexto, da pessoa que aprende e das tarefas apresentadas. As competências do treinador esportivo sobre estas articulações potencializam a criação de um ambiente de aprendizagem agradável e motivado, desde que faça as adequações conceituais dos métodos aos objetivos e às fases de aprendizagem do desenvolvimento esportivo. No decorrer do tempo, o desenvolvimento da pedagogia esportiva deu-se em função da fragmentação dos movimentos, separando-os em partes descontextualizadas do todo. Havia o pensamento de que somando todas as partes se chegaria ao objetivo da totalidade dos elementos que envolvem a prática esportiva.

Pautadas nas teorias de aprendizagem associacionistas, Dietrich, Dürrwächter e Schaller (1984) trazem os princípios históricos analítico-sintético e global-funcional. O primeiro apresenta cursos de exercícios, os quais partem de elementos especiais (técnicos, táticos ou condicionais) dos jogos, reunindo-os, pouco a pouco conexões maiores, recolhendo, posteriormente as partes, em conjuntos lógicos. Já o princípio global-funcional propõe a criação de cursos de jogos, que partam da simplificação dos jogos esportivos formais de acordo com a idade e, através de um aumento de dificuldades na apresentação dos jogos, em direção ao jogo final.

Os princípios citados anteriormente irão orientar os métodos global, confrontação e parcial. No método global faz-se uso de série de jogos como elementos do esporte objetivado, no qual o praticante deverá percorrer um processo em que passe de um estilo de jogo intuitivo para um estilo de jogo intencional ou racional e conseqüentemente organizado, ou seja, não jogar por simples ação-reação; deve sim jogar com intenção. A divisão dos jogos não deve abranger muitas partes, de forma tal que o aluno consiga alcançar logo o jogo objetivado. As formas de jogo prévias (jogos de iniciação, grandes jogos, jogos pré-esportivos) não podem ser mais difíceis que o jogo objetivado. Com jogos e pequenos grupos, pequenos espaços, os alunos aprendem de forma mais intensa (DIETRICH; DÜRRWÄCHTER; SCHALLER 1984).

Há o método de confrontação caracterizado pela premissa de que a principal maneira de aprender o jogo é jogando, é “*jogar o jogo do adulto*” com suas regras e formas. Possui como vantagens: proporciona maior motivação; relacionamento social mais rápido; os alunos adquirem experiência de jogo. E como desvantagens: dificulta ao aluno diferenciar o que é mais importante; as experiências de sucesso ocorrem com menor frequência; erros técnicos e táticos descontrolados; podem surgir conflitos reais nas situações de competição (DIETRICH; DÜRRWÄCHTER; SCHALLER 1984).

No método parcial são utilizadas repetições da série de exercícios dirigidos ao domínio das técnicas consideradas como elemento básico para a prática do jogo, para se obter êxito na ação. Possui como vantagens: possibilita o domínio das técnicas, ocorrendo às vezes, sucesso nas experiências, na obtenção do rendimento e dificilmente é criada uma situação de conflito social; e como desvantagens; não sacia o desejo de jogar do iniciante; corre-se o risco de ter uma sessão de treino com pouca motivação; alto grau de exigência para alguns alunos; a continuidade no padrão do movimento perde-se parcialmente, pois é fragmentada (DIETRICH; DÜRRWÄCHTER; SCHALLER 1984).

Sumariamente, o processo dava-se considerando o refino das unidades motoras como determinante para a performance esportiva, potencializando o método analítico-parcial e confrontação nos processos de aprendizagem esportiva, objeto de críticas, a partir da década de 1980, que coadunaram em diversos conceitos para orientar a formação esportiva, mas que, na aplicação prática, na atualidade, ainda possuem resistência e dificuldade de tratamento adequado na relação entre a tarefa e o redimensionamento conceitual que, por vezes, é composto pelos mesmos conteúdos.

O ensino dos esportes, após a crise da Educação Física da década de 1980, passa por um período guiado “pela superficialidade, pela descontinuidade, pela fragmentação, pela inconsequência” (GRAÇA; MESQUITA, 2013, p. 10). O que acarreta, em estado de crise de concepção de como organizar as equipes esportivas e os modelos de competição.

Scaglia e Souza (2004) identificaram dois grandes blocos de trato com a pedagogia do esporte. A pedagogia tradicional que visa reproduzir modelos previamente definidos como ideal e altamente seletivo, tendo como referência o aprimoramento esportivo. E a pedagogia alternativa que estimula um ambiente de criação aberto à diversas experiências ligadas ao esporte e às dimensões que o envolvem tendo como referência o desenvolvimento do indivíduo.

Para ser educativo e emancipatório, Graça e Mesquita (2013), a partir dos princípios do Modelo de Educação Desportivo (SIEDENTOP, 1994), afirmam que o ensino dos esportes deve contribuir para a formação do cidadão desportivamente culto, competente e entusiasta, a partir da orientação para melhoria da capacidade de jogar, das relações de cooperação, oposição, autonomia e interdependência presentes na situação de jogo.

Ao considerar que o processo de ensino-aprendizagem-treinamento trata de um "processo sistêmico, pedagogicamente construído, planejado e estruturado em diferentes estágios e etapas, com conteúdo específico a serem oportunizados em cada uma delas" (GRECO; SILVA; GRECO, 2012, p. 235), faz-se necessária a discussão das formas de ensino dos esportes nos diversos locais de manifestação de sua prática ancorada nos autores da Pedagogia do Esporte.

A pedagogia do Esporte deve assumir a responsabilidade de problematizar, considerando seus personagens, espaços, significados e fins, o ensino do Esporte. Reverdito e Scaglia (2009), apontam que esta tem que aceitar a responsabilidade de educar o ser humano, comprometendo-se com a potencialização de sujeitos humanos, que

possam reconhecer as diferenças, e ensinando-os a partir de sua condição humana.

Neste sentido, ensinar Esporte deve pautar-se na natureza do jogo (cooperação, oposição e finalização), jogando para aprender, simultaneamente com o aprender jogando, a partir de atividades orientadas nas exigências situacionais do jogo (REVERDITO, SCAGLIA; PAES, 2013).

No campo internacional, as críticas as perspectivas tradicionais do ensino dos esportes coletivo, e as correntes alternativas para ensino dos esportes começaram a serem estruturadas na década de 1980 (MESQUITA, GRAÇA, 2006). Partem de dois princípios, “não antagônicos, mas complementares” (GRECO, 2012, p. 293):

Ênfase nos processos formais de EAT: Ensino nos Jogos Esportivos Coletivos, de Bayer (1986); *Teaching Games for Understanding*, de Thorpe *et al.* (1986); *Tactical Aguanes Approach*, de Griffin *et al.* (1997); Ensino dos Jogos Desportivos, de Graça e Oliveira (1995);

Ênfase nos processos incidentais de EAT: Iniciação Esportiva Universal, de Greco e Benda (1998a; 1998b); Escola da bola, de Kroger e Roth (2002).

De modo geral, todas as proposições trazem a preocupação de que a criança não é uma simples miniatura do adulto, assim como, a necessidade de organizar os procedimentos e orientá-los de forma coerente para o aprendizado das crianças e adolescentes, embora cada corrente possua sua própria especificidade.

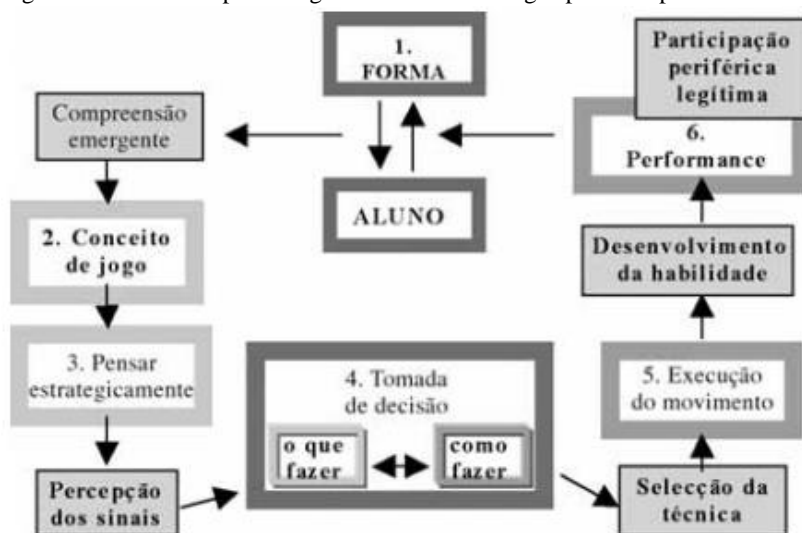
O que se pretende é a ruptura com paradigmas reducionistas do ensino do Esporte, buscando uma prática contributiva para a “constituição de um processo organizado, sistematizado, aplicado e avaliado, atendendo para multiplicidade complexa e potencial das práticas esportivas enquanto ambiente com múltiplas possibilidades para humanização dos seres humanos” (REVERDITO; SCAGLIA; PAES, 2013, p.30).

O modelo de educação desportiva toma como premissa evidenciar as formas de jogo adequadas ao que o aluno pode fazer, motivando e viabilizando a participação de todos para criar um ambiente que envolve a competição, mas tenha a qualidade das interações para desenvolver a capacidade de jogo (habilidades específicas, leitura das situações de jogo e tomada de decisão com controle físico e psicológico); que fomentará a autonomia, a liderança e a partilha de responsabilidades entre professor e praticante, assim como, entre praticantes e praticantes (GRAÇA, MESQUITA, 2013).

O modelo de ensino de Jogos para a Compreensão (TGFU – Teaching Games for Understanding) propõem evitar a “alienação do jogo” (GRAÇA; MESQUITA, 2013, p. 18). *O que fazer e quando fazer* ganham notoriedade em detrimento ao *como fazer*. Assim, há uma ênfase a compreensão tática do jogo, centrando no aluno e no jogo como ponto de partida para que os alunos interpretem as situações de jogo, percebendo as possibilidades de ação intencionalmente para atingir os objetivos do jogo.

Graça e Mesquita (2013) citam as 6 fases de um ciclo de aprendizagem orientado pelos Jogos para Compreensão (Forma de jogo; Conceito de jogo, Pensar estrategicamente, Tomada de Decisão, Execução do movimento, Performance) ilustrados na figura 18, do qual Kirk e MacPhail (2002) acrescentaram as interações das fases, aprofundando as relações dos elementos.

Figura 18 - Ciclo de aprendizagem orientado aos Jogos para compreensão.



Fonte: KIRK E MACPHAIL, 2002.

Cabe ao professor, a partir desta estrutura em preocupar-se com as maneiras de ajudar os praticantes a relacionar os aspectos do jogo à modalidade preterida, ampliando os meios de tomada de decisão dos praticantes. Parte-se de uma compreensão sobre os conceitos do jogo para a medida em que se oriente a pensar estrategicamente estimule a percepção dos diversos elementos que compõem a prática no sentido de orientar o processo de tomada de decisão guiado pela relação entre o que

fazer (tática) e como fazer (técnica) que, orienta a execução do movimento e à medida em que as habilidades são desenvolvidas chega-se a performance mediante participação legítima dos sujeitos de aprendizagem.

O modelo desenvolvimental das tarefas de jogo tem no conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (VYGOTSKY, 2000), definida como a distância entre o que o sujeito é capaz de fazer sozinho e o que pode fazer com a ajuda do outro. Assim, trabalhando dentro da zona de desenvolvimento real sempre buscar chegar a zona de desenvolvimento potencial a partir do uso consciente de três princípios: progressão (mais fácil para o mais difícil), refinamento (ajustes tático-técnicos) e aplicação (transferência para situação real de jogo) (GRAÇA; MESQUITA, 2013).

Por um outro lado, existem as abordagens que propõem o aprendizado incidental dos processos do jogo, ou seja, o praticante se insere num ambiente e os indicadores necessários para o aprendizado desportivo são estimulados de forma indireta. Na continuidade, serão apresentados algumas considerações sobre a Iniciação Esportiva Universal e a Escola da Bola.

Greco e Benda (1998a) fazem considerações a respeito da iniciação esportiva universal. Eles apresentam, como opção capaz de associar o estímulo aos comportamentos técnico e tático, o método situacional, que consiste em jogadas básicas extraídas de situações -padrão de jogo; oportuniza vivências reais das modalidades, em diferentes fases e planos; inter-relacionam capacidades de diferenciação, acoplamento, reação, orientação, equilíbrio, mudança e ritmo para aquisição dos elementos técnicos e táticos, por meio soluções de tarefas-problemas, criadas em experiências de aprendizagem orientadas pela tomada de decisão, tendo em vista a aquisição da capacidade de jogo.

Nesta proposta, o professor planeja, adaptando à realidade onde irá intervir, as experiências de movimentos envolvidos, a fim de potencializá-los através de uma abordagem sistêmica, tendo como premissa ir da aprendizagem motora ao treinamento técnico, da aprendizagem tática ao treinamento tático e, por fim, ao treinamento técnico-tático, valendo-se dos condicionantes coordenativos de pressão (tempo, precisão, complexidade, organização, variabilidade e carga) (GRECO; BENDA, 1998a; GRECO; BENDA, 1998b).

A estruturação das tarefas toma como ponto de partida as relações do praticante com seu corpo, com o uso do implemento e formas de progressão dos elementos de jogo agrupados em pequenos grupos e situações que ocorrem no jogo na estruturação 1x0; 1x1; 1x1+1 (o + 1 sinaliza o apoio). Também estruturado em superioridade e/ou

inferioridade numérica ofensiva e/ou defensiva (1x2; 3x2; 4x3+1; 5x4, etc.) nas diferentes formas de apropriação das capacidades técnicas e táticas até a estruturação da forma do jogo, no caso do handebol (7x7).

Para Kroger e Roth (2002), o processo de iniciação esportiva ocorre na rua, nas experiências infantis. Tais autores estruturam sua proposta de Escola da Bola e sistematizam o ABC da iniciação esportiva, considerando alguns condicionantes de pressão a serem observados ao se estimular as capacidades coordenativas: carga, variabilidade, tempo, complexidade, organização, espaço. A aprendizagem dos elementos básicos para a prática esportiva vai ocorrer a partir de jogos e desafios motores. A apropriação da capacidade de jogo e competência tática decorre do relacionamento com o objetivo da tarefa (levar a bola ao gol/cesta); com o colega (ter vantagem tática no jogo); com o adversário (reconhecer espaços e superar o adversário) e; com o ambiente (oferecer-se e orientar-se).

Para Kroger e Roth (2002), são três as formas de aproximação, cada uma com objetivos, conteúdos e métodos bem definidos. A primeira é nomeada “orientação para a situação”, e seu objetivo é a aprendizagem referente ao jogar, valendo-se de jogos em forma de elementos táticos para construir o jogo. A segunda, “orientada para as capacidades”, visa melhorar a coordenação com a bola, tendo em vista o aumento do número de informações motoras necessárias para os jogos esportivos. A terceira, orienta-se para as habilidades, ao exercitar as técnicas básicas necessárias aos elementos que permitirão desenvolver mais possibilidades dos condicionantes técnico-táticos.

Em suma, o objetivo não está na detecção ou busca desenfreada por talentos esportivos, mas na proposição de atividades que, partindo das experiências de movimento dos envolvidos, possam criar as condições necessárias para que no futuro, caso este seja o desejo do aluno, ele possa seguir nas experiências da modalidade e, caso não seja, possa se tornar admirador ou praticante na dimensão do lazer.

Neste sentido, alguns conceitos e princípios orientam a planificação das sessões de treino e o processo de desenvolvimento esportivo dos praticantes. A criação de ambientes de aprendizagens e valorização dos contextos de prática possibilitam uma ordenação que considera os envolvidos no processo para definição de objetivos.

Vale ressaltar que, independente da fase, ao se pensar na estruturação do processo de EAT, o professor não pode perder de vistas as dimensões inerentes ao nível de desenvolvimento do praticante, às capacidades do rendimento esportivo, o aprendizado das regras e funcionamento do esporte objetivado pelos alunos envolvidos.

2.4 PROPOSTAS DE SISTEMATIZAÇÃO DOS MODELOS DE ENSINO DO HANDEBOL

Quando inserido no campo de aplicação prática, os diversos modelos e proposições teóricas não necessariamente precisam ser postos a prova e serem analisados tendo em vista o rigor acadêmico-científico, considerando sua validade prática. Assim, diversos pesquisadores estabelecem linhas de raciocínio ancoradas na literatura tematizando uma especificidade da área do conhecimento, neste caso, o handebol.

Assim, este capítulo pretende anunciar distintas proposições sobre o ensino do handebol em suas diferentes fases e concepções. Serão apresentadas quatro propostas de sistematização dos modelos de ensino aplicados ao handebol, considerando as implicações propostas pelas seguintes obras: Manual de Handebol (GRECO; ROMERO, 2012); o manual de treinamento de base (EHRET *et al.*, 2002); O ensino do handebol orientado pelo Jogos para compreensão (ESTRIGA; MOREIRA, 2014) e, o ensino do handebol orientado pela Iniciação Esportiva Universal (GRECO; BENDA, 1998b).

2.4.1 Manual de Handebol

A proposta para sistema de formação esportiva brasileira presente no Manual de Handebol, obra produto dos Encontros Nacionais de Professores de Handebol das Instituições de Ensino Superior que reuniu textos publicados pela Real Federação Espanhola presentes nas obras “Balonmán: manual básico” e “Balonmano” contribuindo para a padronização de terminologia sobre a modalidade no país (UEZU, 2014). Toma como premissa os estágios de formação, transição, decisão e readaptação, cada um com fases peculiares e específicas para orientar as etapas de aprendizagem do handebol.

Estas etapas são constituídas ao longo de uma estruturação temporal por meio de uma interação entre as atividades de treinamento, exigências de rendimento e experiências em competições. São propostos para o estágio de formação, a utilização do mini-handebol, valendo-se das estratégias de jogar para aprender, automatismo inconsciente e atividades de oposição (KNIJNIK, 2004). Ênfase nas capacidades coordenativas que irão constituir as habilidades motoras de acordo com a premissa da Escola da Bola (KROGER; ROTH, 2002), enfatizando o aprendizado incidental por meios de jogos dos elementos que compõem o jogo.

O estágio de transição corresponde a primeira categoria de formação orientada para o mirim (sub 12), evidenciando a universalização

de experiências dentro da estrutura do handebol (desde a gol a todos postos específicos), dentro da perspectiva citada anteriormente introduzindo as formas de jogar a partir das estruturas funcionais.

Na sequência do estágio de transição, fase que corresponde a categoria infantil (sub14), propõe a iniciação tática defensiva e ofensiva específica no handebol, mantendo a ênfase nas estruturas funcionais e organização do jogo por zonas de ataque e defesa a partir de defesas altas, criando correlação entre as tarefas motoras e processos de tomada de decisão de grupo.

Em sua última etapa, na fase correspondente a categoria cadete (sub16), busca-se um “equilíbrio nos processos de aprendizagem incidental-intencional” (GRECO: SILVA; GRECO, 2012, p. 248) ao potencializar aspectos ligados a articulação entre as fases do jogo (ataque/retorno a defesa/ defesa/ contra-ataque), diversificando os sistemas e especializando em postos específicos os praticantes.

O terceiro estágio, correspondente ao de decisão, constitui ao momento em que os praticantes a partir do estímulo aos conteúdos anteriores pode optar entre as diversas formas de apropriação de uma prática esportiva, seja como forma de prática regular de atividade física, admirador da modalidade ou se aprofundar nas formas de jogo e treinamento na categoria juvenil (sub 18).

2.4.2 Manual de Treinamento de Base

A proposta inserida no Manual de Treinamento de Base, foi sistematizado com chancela da Confederação Alemã de handebol (EHRET *et al.*, 2002). Propõe quatro fases de formação tomando como referência as faixas etárias que orienta a organização das categorias de base no handebol, a saber: fase 1, até 12 anos (composto pelas categorias mini-handebol, 6 a 10 anos e mirim, 11/12 anos); fase 2, categoria infantil (13/14 anos); fase 3, categoria cadete (15/16 anos); fase 4, categoria juvenil (17/18 anos).

Ehret *et al.* (2002) traz a proposta da busca de um jogo criativo a partir do aumento da velocidade, antecipação da situação, jogo posicional variável e polivalente (allrounder). Com base nisto, toda a proposta de formação é orientada considerando as progressões sucessivas referentes a formação individual, trabalho em pequenos grupos e tática de equipe. Propõe a valorização de elementos técnico-táticos em detrimento à ênfase nas valências físicas para o jogo 1x1 pautado pela velocidade e força, do qual, pode ser desenvolvido em outro momento. O ataque com proposta de situações de sequência do jogo em perspectiva de ações em pequenas

sociedades e a defesa com alta flexibilidade a partir das variações individuais e diferentes formas de jogo defensivo.

A preocupação com a primeira fase (até 12 anos) é motivar o praticante para a prática do handebol, com ênfase numa formação motora múltipla e variada, tendo como premissa as formas de jogo 4+1, de forma livre com estímulo a defesa individual (EHRET *et al.*, 2002). A fase 2 (até 14 anos), tem como intencionalidade o desenvolvimento criativo da capacidade de jogo, valendo-se de atividades em situação numérica para estimular as relações técnico-táticas, na qual jogar é mais importante do que se exercitar, sendo proibido a colocação dos jogadores precocemente em posições específicas (EHRET *et al.*, 2002).

A capacidade de jogo está relacionada ao processo de solução de situações-problemas individuais e comuns ao ambiente de jogo, manifestada em resposta aos “desequilíbrios provocados na cooperação e na oposição [...], relacionada às influências exteriores e às motivadoras vividas no ambiente de jogo” (REVERDITO; SCAGLIA; 2009, p. 185).

Existe uma relação com a percepção dos estímulos que será orientado o processo de tomada de decisão com base na criatividade, capacidade motora, experiências anteriores ante contextos similares. Ou seja, quanto maior for a diversificação das experiências, maior será o estímulo às capacidades de jogo dos praticantes.

A proposta defensiva para a fase 2 é a zonal denominada 1:5, caracterizada por um (01) jogador na primeira linha defensiva e 5 (cinco) na segunda linha. O jogo em profundidade ainda está em fase de aproximação pelos praticantes e facilita esta organização. Deve-se manter relações com a defesa individual e jogos em estruturas simplificadas 1x1, 2x1, orientado as relações táticas de grupo (engajamento, cruzamento, bloqueios) (EHRET *et al.*, 2002).

Os autores sinalizam que a fase 3 (até 16 anos), é a fase de transição entre o treino de base e o treino de aproximação aos aspectos específicos, tendo a capacidade de jogo como parte principal atrelado as variações defensivas 3:2:1; 3:3 e 4:2, a partir de um jogo ofensivo já estruturado, posicionado 3:3 com transformação para 2:4. Manter relação com a formação e o desenvolvimento polivalente do atleta e suas capacidades de atuar em diferentes postos, iniciando a especialização por posição.

Para os mesmos, a fase 4 (até 18 anos) trata de estímulo à capacidade de jogo ante às diversas formas de ataque contra as diversas formas de defesa (6:0, 5:1, 4:2, 3:2:1, 3:3), potencializando as relações entre as fases do jogo, dando sentido de continuidade tanto na estruturação do ataque quanto às fases do jogo defesa, contra-ataque, ataque, retorno à defesa.

A orientação para todas as fases parte de uma relação de aprendizado dos esquemas motores mediante ausência de oposição ou oposição passiva, associada a meios de diminuição gradativa dos apoios ante as diversas estruturas funcionais do jogo até a chegada no jogo objetivado que é o 6x6 (excluindo os goleiros). No decorrer das fases, amplia-se o número de jogadores e a relação igualdade e superioridade vai alternando-se no ambiente de jogo.

2.4.3 Proposta de ensino para compreensão dos elementos do handebol

Estriga e Moreira (2013; 2014) sinalizam as reflexões para o ensino das formas de jogar o handebol tomando como referência o modelo de Jogos para a Compreensão (TGFU), considerando “a valorização da componente cognitiva e tática na aprendizagem do jogo” (ESTRIGA; MOREIRA, 2013, p. 124). As habilidades técnicas emergem à medida que se tornam relevantes para a resolução dos problemas de jogo e o processo de entendimento de sua aplicação em cada contexto tático inerente a cada situação de jogo.

Os autores sustentam a necessidade de estruturação em quatro etapas de aprendizagem com suas particularidades tendo em vista a lógica do jogo e a apropriação progressiva do entendimento e das competências inerentes ao jogo que partem das formas básicas do jogo por meio de “situações de aprendizagem dos quais se manipulam o grau de complexidade e de dificuldade das tarefas recorrendo-se às formas parciais do jogo e tarefas baseadas no jogo” (ESTRIGA; MOREIRA, 2013, p. 125).

Este cenário implica em dizer que o processo decorre por meio de descoberta guiada, experiência da situação de jogo, exploração e tentativas de solucionar os problemas em função das tarefas apresentadas estimulando a capacidade de compreender e agir no jogo. Estes aspectos levam em consideração o que o aluno é capaz de fazer, as dificuldades encontradas partindo das formas de jogo modificado até o jogo formal. Os autores não sistematizam em faixas etárias as etapas de aprendizagem a serem planejadas de acordo com o tempo de experimentação dos alunos frente a resolução e a apropriação dos aspectos inerentes ao jogo e ao ato de jogar.

Entretanto, propõem que sejam considerados alguns princípios para orientar a estruturação das atividades: formas parciais de jogo e tarefas baseadas no jogo; respeito as estruturas funcionais do jogo; avanços de forma coerente a relação entre os níveis de jogo e as etapas de

aprendizagem; aumento gradativo do nível de exigência perceptiva e decisiva (ESTRIGA; MOREIRA, 2013; IDEM, 2014).

Garganta (1998) apresenta uma relação que parte das formas anárquicas de jogo às formas elaboradas e constituem nas fases e etapas de organização do processo de ensino-aprendizagem, orientada pela comunicação na ação, a estruturação do espaço e a relação com a bola.

Figura 19 - Princípios para orientar a estruturação das tarefas.

Fases	Comunicação na Ação	Estruturação do Espaço	Relação com a Bola
Jogo Anárquico - Centrado na Bola - Subfunções - Problemas de compreensão do jogo	- Abusa da verbalização, sobretudo para pedir a bola	- Aglutinação em torno da bola e subfunções	- Elevada utilização da visão central
Descentração - A função não depende apenas da posição da bola	- Prevalência da verbalização	- Ocupação do espaço em função dos elementos do jogo	- Da visão central para a periférica
Estruturação - Conscientização da coordenação das funções	- Verbalização e comunicação gestual	Ocupação racional do espaço (tática individual e de grupo)	- Do controle visual para o proprioceptivo
Elaboração - Ações inseridas na estratégia da equipe	- Prevalência da comunicação motora	- Polivalência funcional - Coordenação das ações (tática coletiva)	- Otimização das capacidades proprioceptivas

Fonte: GARGANTA, 1998.

Scaglia *et al.* (2013) propõem uma compreensão desta estrutura tomando como base o conceito de competência por possibilitar uma compreensão que avance de viés limitados às formas de apresentação dos termos. Assim, para os autores a “relação com a bola” é algo que transcende ao aprendizado motor e técnico e se insere no aprendizado das ações táticas a partir de meios abertos para que a imprevisibilidade sempre esteja presente no desenvolvimento desta relação no contexto de jogo.

A relação de estruturação do espaço ancora-se na perspectiva de ler os espaços de jogo orientado sobre as formas de ganhar vantagem sobre a situação seja em dimensões proximais ou distantes, em área reduzida ou formal da modalidade em questão. A comunicação no jogo não reside em conversas, mas numa comunicação corporal desenvolvida a medida em que se aprende a linguagem do jogo, caracterizada sobre a necessidade de compreensão da lógica do jogo (regras, meios gestuais e condutas

individuais, de grupo e coletiva), sendo interpretado a luz das circunstâncias (SCAGLIA *et al.*, 2013).

Estriga e Moreira (2013; 2014) apresentam uma relação direta entre as fases de organização do jogo e o processo de seleção de conteúdos e métodos a serem explorados no desenvolvimento da prática do handebol.

O modelo de ensino apresentado pelos autores entende que o jogo formal possui grandes exigências organizacionais e excessivas possibilidades de ação e interrelação entre os jogadores. Assim, por meio da descoberta guiada decorrente de situações-problemas propõem situações de aprendizagem com enfoque de “desenvolver a capacidade de fazer escolhas de forma rápida e inteligente” (ESTRIGA; MOREIRA, 2014, p. 58).

As situações de aprendizagem são as formas básicas de jogo, formas parciais de jogo e tarefas baseadas no jogo. As formas básicas de jogo “representam uma redução substancial da quantidade de informação, estímulos e opções de jogo permitindo de um aumento do tempo para decidir” (ESTRIGA; MOREIRA, 2014, p. 59).

As formas parciais de jogo “são situações criadas com restrições de espaço, número e funções dos jogadores visando delimitar um problema tático” (ESTRIGA; MOREIRA, 2014, p. 60). Há enfoque em determinadas situações-problemas, com menor complexidade da forma básica de jogo mantendo as relações de cooperação/oposição presentes das ações de atacar e defender no jogo.

As Tarefas baseadas no jogo são aspectos que possuem ênfase em melhorar o domínio técnico, “mantendo o mais possível a sua estrutura de utilização em determinado contexto de jogo” ((ESTRIGA; MOREIRA, 2014, p. 60).

1º nível de jogo: do jogo sem sistema à organização rudimentar: Segue as particularidades do jogo anárquico, em que a cooperação ofensiva aparece de forma incipiente com muitos erros de passe e dificuldades de tomada de decisão com domínio rudimentar dos conhecimentos técnicos do jogo. A bola centra a atenção de todos os jogadores (ESTRIGA; MOREIRA, 2013).

2º nível de jogo: da organização rudimentar à diferenciação do espaço: Já há uma relação de ocupação do espaço em largura e em profundidade. Busca-se dar continuidade e amadurecimento das condutas táticas básicas, aprofundando nas noções gestuais oriundas da etapa anterior. Surge a necessidade de melhora da cooperação entre os jogadores de ataque e introduzir o conceito de superioridade numérica ofensiva. Do ponto de vista defensivo introdução das noções básicas de defesa por zona e cooperação defensiva.

3º nível de jogo: transição para o terreno formal e introdução do 6º jogador (o pivô): Neste nível propõe a utilização do campo formal para o desenvolvimento das atividades, aumentando as exigências e as possibilidades da relação cooperação/oposição. Espera-se que os praticantes compreendam as fases do jogo (defesa, transição, ataque e retorno defensivo), atacando de forma posicional nas diferentes zonas de ação e defendendo a partir da estruturação dos sistemas defensivos dando continuidade aos aspectos apresentados anteriormente, com a presença do pivô.

4º nível de jogo – o jogo formal: Nesta etapa propõe-se o jogo formal, interpretação e compreensão de todos os postos específicos e funções tanto no ataque quanto na defesa, alterando as possibilidades de constrangimentos com a introdução do central potencializando as relações espaço-temporais, comunicacionais e organizacionais por meio da introdução das formas de defesa em duas linhas e o processo de transformação do ataque 3:3 para 2:4.

Em síntese, trata de uma proposta de ensino que toma como referência o aprendizado de condicionantes táticos a partir de estruturas formativas que respeitam os meios de aquisição pelo processo de experiência dos condicionantes do handebol.

2.4.4 Estruturas funcionais e o ensino do handebol

No volume 2, do livro *Iniciação Esportiva Universal*, Greco e Benda (1998b) apresenta uma sistematização para o ensino dos meios táticos e técnicos do handebol a partir das estruturas funcionais do jogo, tomando como referência dois princípios metodológicos: priorizar o jogo e resguardar o objetivo da modalidade em questão, no caso, o handebol, fazer gol.

Situações complexas, não muito claras, são melhor aprendidas através de processos incidentais. Neste sentido, propõe como processo o aprendizado incidental, no qual o praticante aprende sem saber que está aprendendo um esporte objetivado, dado as formas de jogo considerar as brincadeiras de rua e adaptações de situações de jogo, estimulando as competências técnicas e táticas para aquisição da capacidade de jogo por meio das estruturas funcionais (GRECO; BENDA, 1998b).

Uma Estrutura Funcional para os autores é uma situação de jogo que desenvolve funções de atacantes (com/sem bola) ou defensores (marcando ao jogador com/sem bola), conforme a quantidade de jogadores possibilitando desenvolvimento de comportamentos táticos (de

ataque e defesa), que leva a tomar decisões, considerando o contexto socioambiental da situação específica de jogo.

Na sequência, Greco e Benda (1998b) apresentam as estruturas funcionais de acordo com as situações que evidenciam aspectos orientados para fase inicial, posicional e situacional criando escala de progressão dentro da própria estrutura, descritos abaixo.

Estrutura 1 X 0: descreve atividades de um atacante sem defesa, com ênfase na aprendizagem das técnicas individuais, evidenciando as capacidades de percepção e antecipação de gestos inerentes ao uso das progressões (ciclo de passadas, drible ou duplo ciclo de passadas) ou lançamentos. Estrutura 1+1 X 0: descreve atividades também orientadas aos meios gestuais, envolvendo um companheiro, ligados ao passe e a recepção.

Estrutura 1x1: orientada para a finta no ataque e a posição básica defensiva para o combate. Estrutura 1 + 1 x 1: orientado para a tomada de decisão por meios de procedimentos de uso do coringa (representado pela simbologia “+1” e pode ser tanto fixo quanto móvel) para desenvolvimento de capacidade técnica e tática individual, como a tabela. Defensivamente a interceptação, antecipação e dissuasão.

Estrutura 2x1: introdução das ações de ataque de grupo em superioridade numérica ofensiva para realização de cruzamentos, passes, cortinas, fixação par e ímpar e defensivamente a interceptação, antecipação e dissuasão. Estrutura 2 + 1 x 2: jogo em igualdade numérica, mas com opção do coringa para dar apoio as ações ofensivas no sentido de continuidade da ação.

Estrutura 3 x 2 e sequencias até o jogo formal 6x6. Em síntese, trata de uma proposta de ensino do handebol com ênfase na experimentação de situações para orientar as decisões baseadas nos indícios por meio da percepção de situações similares já vivenciadas das estruturas que compõem o jogo por meio de estímulo às capacidades coordenativas, habilidades motoras e tomada de decisão.

Na figura são aprofundados aspectos das estruturas funcionais sinalizadas por Greco. Benda (1998b)

Figura 20 - Estruturas funcionais de aprendizado do handebol.

FUNDAMENTO ESTRUTURA	ELEMENTOS TÉCNICOS	ELEMENTOS TÁTICOS	
		INDIVIDUAL	GRUPO
1 x 0	<ul style="list-style-type: none"> • Auto passe-drible-três passos-lançar • Drible-três passos-lançar • Três passos-driblar-lançar 	<ul style="list-style-type: none"> • A utilização e aplicação do lançamento • Lançar nos diferentes ângulos, com ou sem goleiros • Lançar das diferentes posições da quadra 	
1 + 1 x 0	<ul style="list-style-type: none"> • Passe e recepção 	<ul style="list-style-type: none"> • Linhas de corrida 	
1 x 1	<ul style="list-style-type: none"> • Enfatizar os exercícios de finta • O aluno perde as opções de passar e receber 	<ul style="list-style-type: none"> • Trabalhos com fintas, principalmente as mudanças de direção e os giros 	
1 + 1 x 1	<ul style="list-style-type: none"> • Enfatizar os trabalhos de passe e sair da marcação 	<ul style="list-style-type: none"> • Desmarcar-se • Utilização e aplicação das fintas, com e sem bola 	<ul style="list-style-type: none"> • Tabela: passar por trás e pela frente do coringa para receber • Início do cruzamento
2 x 1	<ul style="list-style-type: none"> • Inicia-se a compreensão dos conceitos de largura e profundidade • Assistências 	<ul style="list-style-type: none"> • Em relação à largura trabalha-se a fixação e as fintas • Em relação à profundidade, assistência e cortinas • Fintas: com e sem bola 	<ul style="list-style-type: none"> • Engajamento: fixação ímpar • Cruzamento • Cortinas: passar e cortar, e cortina ao homem com bola • Ponte aérea (recomenda-se desenvolver este elemento técnico, após os 14 anos)
2 x 2	<ul style="list-style-type: none"> • Idem à etapa anterior 	<ul style="list-style-type: none"> • Busca superioridade numérica através da finta 	<ul style="list-style-type: none"> • Enfatizam-se os elementos do 2 x 2 + 1, com exceção da cortina ao homem sem bola • Engajamento ímpar • Falsa cortina (ou bloqueio)
2 + 1 x 2	<ul style="list-style-type: none"> • Enfatiza-se o elemento largura no jogo posicional 	<ul style="list-style-type: none"> • Pode-se enfatizar mais ainda os conceitos de largura e profundidade 	<ul style="list-style-type: none"> • Cortina: cortina ao homem sem bola • Engajamento ímpar
3 x 2	<ul style="list-style-type: none"> • Enfatizam-se os elementos de assistência nos conceitos de largura e profundidade • Iniciam-se os trabalhos de desdobramentos, no mesmo sentido e no sentido contrário da bola 	<ul style="list-style-type: none"> • Desmarcar-se • Cortinas ao homem com e sem bola • Priorizar as ações do jogador que estiver sem bola • Assistência 	<ul style="list-style-type: none"> • No conceito de largura: cortinas, cruzamentos e desdobramentos • No conceito de profundidade: bloqueio ao homem com bola • Assistência ao homem que desdobra
3 + 1 x 3	<ul style="list-style-type: none"> • Dar ênfase nos trabalhos de desdobramentos, partindo da situação do conceito de largura e profundidade e vice-versa 	<ul style="list-style-type: none"> • Aplicação dos conceitos de superioridade numérica nas diferentes posições 	<ul style="list-style-type: none"> • Enfatizar os desdobramentos
3 x 3			<ul style="list-style-type: none"> • Aprimorar os trabalhos das pequenas sociedades

* A estrutura "+1" é uma instância metodológica para facilitar a ação do ataque. Recomenda-se alternar sua aplicação com as estruturas que possuem igualdade numérica.

Fonte: GRECO; BENDA, 1998b.

É possível identificar que há muitas similaridades entre as concepções do que deve ser aprendido nas categorias infantil, cadete e juvenil. Em todas as propostas visam a formação do jogador inteligente. No entanto, é possível identificar dois caminhos: o que estimula a coordenação e as habilidades para orientar o comportamento tático e o outro que estimula percepção do contexto e à medida em que as situações exigirem, abordar as relações motoras para ajudar ao processo de solução e ajustamento.

As estruturas funcionais compõem as bases para todas as proposições, partindo de uma premissa de estimular aspectos que compõem o jogo a serem avançados a partir do aumento da compreensão sobre as possibilidades de interação com os jogadores mais próximos aos jogadores mais distantes.

2.4.5 Planejamento e estruturação das sessões de treino

O treinador esportivo preocupa-se com a construção de um ambiente de prática com valores positivos (COTÉ *et al.*, 2017), aplicação dos conceitos e estratégias adequadas aos esportes de invasão (ESTRIGA, MOREIRA, 2013, 2014; KNIJNIK, 2004, 2009; RIVERDITO, 2007) tendo consciência das competências pessoais que orientam os valores e meios de propor o desenvolvimento dos conteúdos tático-técnico dos jogos (BETTEGA *et al.*, 2017).

As sessões de treino devem ser organizadas compreendendo os dados da identificação dentro da periodização, fase de treino e sequência de treino desenvolvido (IBAÑEZ *et al.*, 2010). As variáveis pedagógicas oferecem informações sobre as características da tarefa, conteúdo que se deseja trabalhar, tipo de atividade, relação entre os participantes e explicação de como serão organizados. A organização deve compreender a descrição da tarefa, a representação gráfica, os objetivos para a fase de ataque e para a fase de defesa em cada atividade realizada (IBAÑEZ, 2008).

Os meios são as atividades feitas para atingir determinado fim previamente definidos em função dos objetivos presentes no processo de EAT. Os recursos materiais são os elementos que irão auxiliar o funcionamento das atividades propostas. As variáveis organizativas dedicam-se ao número de jogadores presentes na sessão, a estrutura espacial que foi utilizada, a distribuição temporal da tarefa e a organização dos recursos materiais necessários para a sessão de treino (ALARCÓN, CÁRDENAS, UREÑA, 2008).

Coque (2008; 2009) propõe as variáveis de carga externa permitem ao treinador esportivo uma quantificação da carga de treinamento presente nas tarefas e por consequência, a sessão de treino sem uso de materiais complexos. Para o autor, as variáveis de carga interna estão relacionadas ao monitoramento por meio de frequencímetro para controlar as zonas de intensidade complementada pelas variáveis cinemáticas articuladas com os recursos tecnológicos de localização e posicionamento global.

Com base nestes indicadores para orientar e controlar as sessões de treino, almeja que os treinadores esportivos possuam qualidade em sua

intervenção. Proceder análise destes condicionantes descrito por Ibañez (2009) permitiu conhecer o trabalho realizado ajustando os critérios visando a qualidade, culminando no que o autor chamou de Ciclo Continuo do Sistema de Qualidade composto por cinco fases que irão orientar condutas do treinador esportivo: dizer o que fazemos; saber o dizemos; registrar o fazemos; avaliar o fazemos e; atuar sobre as diferenças.

A definição dos objetivos orienta o treinador esportivo para a escolha das relações que irão ser estabelecidas durante a estruturação da sessão de treino. Do ponto de vista pedagógico quais as fases adotadas (atividades de aquecimento, preparação física, recuperação, conversa/avaliação, rotina de goleiros, ataque, defesa, mista ou transição); para cada atividade almeja-se uma progressão que considera as situações que serão utilizadas (igualdade numérica, superioridade, ajuda), os tipos de postos de jogo envolvidos e se haverá lançamento ao gol ou não; qual o conteúdo do handebol estará sendo estimulado dentre as diversas opções metodológicas existentes e como a oposição irá se comportar frente as ações ofensivas e/ou defensivas.

Outra competência inerente ao treinador esportivo está na percepção e gerenciamento do tempo útil das tarefas, sendo claro em sua explicação, potencializando as experiências motoras e procurando corrigir orientar em momentos adequados. Com a dinâmica das ações do jogo, faz-se interessante criar atividades com sucessivas experiências frente as situações com uma relação entre o volume e a intensidade similares às enfrentadas no jogo.

A proposta de Ehret *et al.* (2002) para sessões de treino em categorias de formação considera quatro etapas: aquecimento, exercícios básicos, jogos básicos e jogos específicos orientados aos objetivos do jogo. Do ponto de vista da estruturação temporal, propõe três partes, a saber: aproximadamente um terço dedicado ao aquecimento; um terço exercícios básicos e; 1/3 dedicado aos jogos básicos e específicos.

As atividades propostas para o aquecimento são as formas de jogo, orientado aos objetivos do dia por meio de pequenos jogos. “No treinamento de base os exercícios coordenativos têm lugar garantido em todo o programa de aquecimento” (EHRET *et al.* (2002, p. 222). Atividades para o fortalecimento geral do corpo por meio de exercícios de estabilização e força geral e; treinamento técnico com a bola por meio de ações específicas do handebol, incluindo aquecimento o goleiro e lançamentos de postos específicos.

As atividades propostas para os exercícios básicos são os jogos básicos com dinâmica próxima ao jogo estimulando comportamento tático

individual. As atividades para exercícios básicos de grupo seria o bloqueio, cruzamento e engajamento (em duplas). Considera-se também as atividades de contra-ataque e treinamento do goleiro.

A terceira etapa da sessão de treino é constituída pelos jogos básicos, tomando como referência os objetivos de sessão dentro das estruturas funcionais já citadas (jogo em superioridade ou igualdade numérica 2x1, 2x2, 3x2, etc.). A quarta etapa, constituída pelos jogos específicos insere-se em jogar o jogo formal, preocupado em evidenciar os conteúdos presentes na sessão de treino. “A ação no handebol é sempre uma ação tática, portanto esta capacidade assume um papel relevante no processo de ensino-aprendizagem” (GRECO; SILVA; GRECO, 2012, p. 237).

Existe uma recomendação de estruturar as sessões de treino orientando o ataque, focando os objetivos coletivos para sanar as situações-problemas, para depois, evidenciar o comportamento defensivo. Outro aspecto pertinente citado situa na orientação organizativa das tarefas, os espaços onde irão acontecer, como serão feitos os rodízios e outros aspectos pertinentes (ESTRIGA; MOREIRA, 2014). Uma vez iniciada a tarefa não interrompa para orientações organizacionais centrando as atenções para os feedbacks que devem ser realizados de forma clara e objetiva, orientada para cada sujeito/situação, evitando parar a atividade para correções, deixando um momento adequado para que isto ocorra.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO

Nesta etapa da tese são apresentados os pressupostos teórico-metodológicos que nortearam a pesquisa. Laville e Dionne (1999, p. 32) afirmam que “as ciências naturais e as ciências humanas tratam de objetos que não se parecem nem de longe”. Nesta perspectiva, a complexidade dos fatos humanos demanda opções metodológicas que não visem um determinismo ou verdade absoluta, pois “o ser humano é livre, com suas próprias ideias, opiniões, preferências, valores, ambições [...] capaz de agir e reagir”.

A Educação Física enquanto área do conhecimento se insere nas duas dimensões, ora tratando em conjunto e, na maior parte das discussões, tratando em separado. Assim, pretende-se nesta pesquisa alavancar temas que perpassam as discussões dos processos pedagógicos do ensino dos esportes atrelados aos condicionantes de respostas da busca pelo desempenho esportivo, contribuindo para uma compreensão que justapõe em detrimento ao separar.

A pesquisa compreende um estudo do tipo ex-post-facto (GIL, 2008), desenvolvida a partir do fato passado, preservando a natureza dos seus acontecimentos, provenientes de ações espontâneas e não controladas pelo pesquisador. Além da validade ecológica de estudos em ambiente natural, destaca-se que em estudos desta natureza o pesquisador não manipula nem intervém o registro dos dados.

Quanto a natureza das informações caracteriza-se como um estudo empírico quantitativo e qualitativo (GIL, 2008). Quanto aos objetivos, trata-se de um estudo descritivo que faz uso de um código arbitrário de registros de informações em ambiente natural (IBÁÑEZ *et al.*, 2009).

3.2 DESCRIÇÃO DO CAMPO EMPÍRICO E PARTICIPANTES DA PESQUISA

Os Acampamentos Nacionais de Desenvolvimento e Melhoria Técnica compreendem uma ação realizada pela Confederação Brasileira de Handebol com apoio do Ministério do Esporte. A concepção da atividade surgiu em 2004, durante a primeira passagem do treinador espanhol da equipe masculina, Jordi Ribera. Ao final do ciclo olímpico de Beijing (2008), com a saída do treinador, este tipo de atividade deixou de ser desenvolvida.

Com o retorno do treinador espanhol, em 2012, foi retomado o processo de Desenvolvimento e Melhoria Técnica a partir dos Acampamentos. Nos anos de 2013 e 2014 foram realizados Acampamentos no naipe masculino, nas categorias infantil, cadete e juvenil, com média de 120 atletas em cada acampamento. A categoria infantil é a primeira onde há participação em competições formais balizadas pelas regras do jogo do adulto, para jovens até 14 anos. A categoria cadete contempla atletas de 15 e 16 anos, enquanto que a juvenil, 17 e 18 anos.

Inicialmente, o projeto de tese previa a coleta de informações durante o Acampamento de 2015. No entanto, nos anos de 2015 e 2016, os Acampamentos de Desenvolvimento e Melhoria Técnica não foram realizados, acontecendo apenas as fases de treinamento para atender as demandas das seleções de base convocadas para as competições internacionais.

Considerando a pertinência da temática e a possibilidade de ser trabalhado com dados secundários, para objeto desta tese, toma-se como referência o Acampamento Nacional de Desenvolvimento e Melhoria Técnica, naipe masculino, realizado pela Confederação Brasileira de Handebol em 2014, nas categorias infantil, cadete e juvenil.

Foram analisadas todas as sessões de treino realizadas no Acampamento Nacional, sendo cinco (05) no infantil, sete (07) no cadete e sete (juvenil), totalizando 19 sessões de treinamento.

3.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DE INFORMAÇÕES

As técnicas de análise documental e de observação sistemática das sessões de treino foram empregadas na investigação.

3.3.1 Levantamento documental

O levantamento documental constitui um procedimento valioso de abordagem de dados que não sofreram tratamento analítico, tanto para complementar as informações já obtidas por outras técnicas quanto para revelar novos aspectos de uma temática ou de um problema (LÜDKE; ANDRÉ, 1986).

Na presente investigação, os documentos utilizados foram disponibilizados pela Confederação Brasileira de Handebol: caderno de orientação para os treinadores, planejamento de sessões de treino, slides de cursos de capacitação realizados. Reportagens disponíveis na internet com depoimentos de membros da Comissão Técnica da seleção brasileira

e sobre o Acampamento em cursos, palestras e similares; além do Banco de imagens da Confederação Brasileira de Handebol referentes a 2013 e 2014.

Procedeu-se a categorização a partir dos interesses temáticos investigativos relacionados ao Acampamento: história, estrutura de funcionamento, planejamento, sessões de treino.

3.2.2 Observação estruturada das sessões de treinamento

A observação, segundo Negrine (2010, p. 66) "é uma das funções pelas quais o homem recebe a impressão de objetos externos por meio dos órgãos apropriados, como visão, audição, olfato, gosto e tato". Na última década houve um aumento relevante da utilização da observação em pesquisas no cenário esportivo, principalmente por se tratar de uma opção metodológica capaz de obter informações diretas dos envolvidos em situações reais de treino ou competição por meio da utilização de recursos tecnológicos de gravação em vídeo (ANGUERA; MENDO, 2013).

Os estudos observacionais são flexíveis com desenhos de estudo diversificados em função dos objetivos a serem analisados. Parte, no entanto, da elucidação das questões sobre quais os dados se convêm obter e como devem ser organizados e analisados posteriormente (ANGUERA; MENDO, 2013).

Para o registro e organização destas informações opta-se neste estudo pela a transcrição dos dados em fichas de observação adaptada do SIATE, *Sistema Integral para el Análises de las Tareas de Entrenamiento* (IBÁÑEZ, FEU, CAÑADAS, 2016), considerando o agrupamento das dimensões que caracterizam o modelo de treino atrelados às variáveis organizativas, pedagógicas e de carga de treino orientadas para a especificidade da modalidade esportiva.

O SIATE é um sistema estruturado em uma planilha para gravar múltiplas variáveis que influenciam o desenvolvimento esportivo, tendo enfoque as sessões de treino, sendo flexível e adaptável as necessidades. "Para ajudar a codificação da intervenção dos treinadores podem ser incluídos novas folhas com dados descritivos de cada uma das variáveis propostas e seu sistema de categorias" (IBÁÑEZ, FEU, CAÑADAS, 2016, p. 7).

O SIATE é um sistema metodológico para registrar e posteriormente analisar os aspectos que influenciam o processo de ensino-aprendizagem-treinamento nos esportes coletivos. Está estruturado em cinco categorias: dados do treinador, dados da sessão de treino, variáveis

pedagógicas, variáveis de carga externa e variáveis organizativas (IBÁÑEZ, FEU, CAÑADAS, 2016).

Em cada estrutura desta existem variáveis que foram consideradas conforme definição e descrição a seguir:

1. Dados Contextuais da sessão

Os dados contextuais referem-se as características gerais da equipe e dos esportistas (IBÁÑEZ, FEU, CAÑADAS, 2016): Temporada; Local da intervenção; Equipe; Clube; Categoria desportiva; Sexo dos esportistas; Idade dos esportistas; Anos de experiência esportiva neste esporte.

Os dados da sessão tratam da identificação do período e fase da sessão de treino dentro da temporada esportiva (IBÁÑEZ, FEU, CAÑADAS, 2016): Número da Sessão; Tarefa da sessão.

2. Variáveis organizacionais

As variáveis organizacionais oferecem informações aos treinadores sobre os aspectos de organização dos atletas, duração das atividades, o espaço utilizado e os materiais necessários para desenvolvimento da sessão de treino (IBÁÑEZ, FEU, CAÑADAS, 2016): Tempo total da tarefa; Tempo de explicação; Tempo útil; Aproveitamento do tempo; Tipo de participação; Número de atletas que observam a tarefa; Número de atletas que participam da tarefa; Participação efetiva.

3. Variáveis pedagógicas

Tratam das informações que o treinador usa com as características das tarefas, contendo o que pretende trabalhar durante a atividade, tipo de atividade, relação entre os atletas e explicam como se organiza e desenvolve a sessão de treino (IBÁÑEZ, FEU, CAÑADAS, 2016):

- a) Situação de jogo: Caracterizada pelas estruturas funcionais que compõem a fragmentação em diversas situações do jogo objetivado, podendo ser em igualdade, com ou sem ajuda de um elemento (apoio) ou em inferioridade, com ou sem ajuda de um elemento neutro (apoio); (1x0; 1x1; 1x2; 2x0; 2x1; 2x2; 2x3; 3x0; 3x1; 3x2; 3x3; 3x4; 4x0; N x N; Situação combinada);
- b) Presença de goleiro: Caracteriza se o goleiro participa ou não de uma tarefa/atividade de treino (Com presença de goleiro; sem presença de goleiro);
- c) Fase do jogo: identifica qual a estrutura funcional do jogo compõe a atividade (Ataque; Defesa; Fase mista (ambas as fases); Aquecimento; Preparação física; Recuperação; Avaliação);

- d) Tipo de Conteúdo: Corresponde a identificação do tipo de conteúdo desenvolvido, ou seja, se o conteúdo é individual, grupo ou equipe, considerando também se é aplicado ao ataque e/ou defesa, sendo atividade gestual (ênfase na técnica) ou de conduta (ênfase na tática), ou outra conotação (Conduta individual tático-técnica de ataque; Conduta individual tático-técnica de defesa; Gesto individual técnico-tático de ataque; Gesto individual técnico-tático de defesa; Conduta tático-técnica de grupo de ataque; Conduta tático-técnica de grupo de defesa; Gesto técnico-tático de grupo de ataque; Gesto técnico-tático de grupo de defesa; Conduta tático-técnica de equipe de ataque; Conduta tático-técnica de equipe de defesa; Gesto técnico-tático de equipe de ataque; Gesto técnico-tático de equipe de defesa; Alongamentos; Preparação física; Atividades de recuperação; Coletivo (jogo-treino));
- e) Tipo de conteúdo de ataque: corresponde aos comportamentos ofensivos individuais, de grupo ou equipe balizados pelos gestos técnico-táticos e condutas tático-técnicas específicos a modalidade praticada (ataque em profundidade; circulação do ponta; desdobraimento do central; desmarque e oferecer-se; desdobraimento do lateral; cruzamento lateral/central; saída de marcação individual (STOP); jogo 2x2 – lateral/pivô; passe do central ao pivô; ações em situação de falta; desmarque avançado + jogo com pivô; jogo com reposicionamento do pivô; postos específicos; engajamento; contra-ataque (melhora do passe em deslocamento); precisão de lançamento (rotina do goleiro).
- f) Tipo de conteúdo de defesa: corresponde aos comportamentos defensivos individuais, de grupo ou equipe balizados pelos gestos técnico-táticos e condutas tático-técnicas específicos a modalidade praticada (defesa jogo ponta / circulação; defesa 6:0 ; defesa 5:1; melhora 1x2; defesa contra jogo em desdobraimento; ação do avançado; interceptação; troca defensiva – melhora 2x2; antecipação contra bloqueio ofensivo; ação do avançado + base; deslocamento defensivo em inferioridade; sem defesa; melhora 1x1 (individual); retorno defensivo; interceptação).
- g) Meios de iniciação do treino: corresponde as estratégias utilizadas para vivência de determinado conteúdo de aprendizagem das capacidades de jogo (Exercícios de

aplicação simples; Exercícios de aplicação complexo; Jogo simples inespecífico; Jogo simples específico; Jogo complexo inespecífico; Jogo complexo específico; Pré-desportivo / esporte adaptado; Esporte; Competição; Prática mental);

- h) Nível de oposição: corresponde as formas de intervenção do oponente frente a uma tarefa/atividade. (Sem oposição; com obstáculos estáticos; com obstáculos dinâmicos; com oposição modulada; com oposição);
- i) Linhas de jogo / postos ofensivos: Correspondem às posições de ataque posicional que os jogadores assumem para criar situações de vantagem para atingir o objetivo do jogo, no caso do handebol, marcar gols lançando a bola sem invadir a área restritiva e cometer infrações (Central; Lateral; Pivô; Ponta; Primeira linha; Central + pivô; Lateral + pivô; 1ª linha + pivô; 1ª linha + extremo; 1ª linha + 2ª linha; Segunda linha; Ponta + lateral; 2ª linha + lateral; 2ª linha + central).
- j) Postos defensivos: Correspondem às posições de defesa posicional que os jogadores assumem para dificultar que a equipe adversária atinja o objetivo do jogo, no caso do handebol, marcar gols lançando a bola sem invadir a área restritiva e cometer infrações (primeiro; segundo; terceiro; avançado; primeiro + segundo; primeiro + segundo + base + avançado; segundo + base; segundo+ primeiro; segundo + base + avançado; base + avançado; primeiro; segundo; base + avançado; segundos + base + avançado; segundos + terceiros)

4. Variáveis de carga de treino

Permitem que o treinador tenha uma quantificação da carga de treinamento das tarefas da sessão de treino sem a necessidade de recursos materiais complexos (IBÁÑEZ, FEU, CAÑADAS, 2016): Espaço do jogo e Implicação cognitiva.

Todas estas variáveis são preenchidas em uma planilha que possui validade prática para os treinadores, “os dados são válidos para eles, pois se não considerassem, não teria utilização” (IBÁÑEZ, FEU, CAÑADAS, 2016, p. 24). No entanto, as informações de cada variável do instrumento foram validadas cientificamente em diferentes estudos, ou seja, o SIATE, é um instrumento que traz categorias já validadas em outros estudos e organizadas dentro da mesma planilha (IBÁÑEZ, FEU, CAÑADAS, 2016).

A validade de constructo do SIATE segue os princípios anunciados por Cubo, Martín e Ramos (2011): construir as variáveis, isolar as construções de interesse, definir as categorias a serem incluídos em cada variável qualitativa e realizar testes-piloto.

A validade de conteúdo foi orientada, segundo os autores pela premissa que considera a inclusão de todos os elementos representativos que se pretende medir. Cada categoria parte de um estudo de referência: variáveis pedagógicas (IBÁÑEZ, 2008); desenho original de carga externa (COQUE, 2008; 2009); definição primária das variáveis organizativas (ALARCÓN; CÁRDENAS; UREÑA, 2008). Com base nas validações existentes, e devido as características abertas que possibilita modificação e criação de novas variáveis, valeu-se da Técnica de Consenso onde especialistas na temática chegaram a um consenso, segundo as orientações presentes nos estudos de Cabero-Almenara e Osuna (2013).

Para a confiabilidade dos dados, do instrumento e consistência interna adotou-se as orientações de Thomas, Silverman e Nelson (2015). Os achados que decorrem do software PyC Basket 2.0 (IBÁÑEZ; SÁNCHEZ; BLÁZQUEZ, 2010) que validou as variáveis pedagógicas e Reina (2015) que validou as variáveis pedagógicas e carga externa de treino.

3.4 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE INFORMAÇÕES

Foi realizado o contato inicial com o presidente da CBHb e os coordenadores do Acampamento de Melhoria e Desenvolvimento Técnico, promovido e realizado pela Confederação Brasileira de Handebol, para convidá-los a participarem do estudo, explicando os objetivos da investigação e os procedimentos de coleta de dados. Após a autorização para o envolvimento da instituição nesta pesquisa, o projeto foi apreciado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, sob Parecer 1.835.025/2015, com emenda aprovada em novembro de 2016.

No decorrer da investigação, foi realizado o levantamento dos documentos, necessários ao processo da análise documental, junto à Confederação Brasileira de Handebol. Além disso, o banco de imagens e vídeos das sessões de treino realizadas durante os Acampamentos infantil, cadete e juvenil masculino realizados em 2013 e 2014 disponibilizados pela CBHb.

Em seguida, foram realizadas as observações de todas as sessões de treinamento do Banco de Imagens dos Acampamentos Nacionais de

cada categoria infantil, cadete e juvenil, seguida em posterior transcrição na ficha de observação, similar ao realizado por Saad (2012), quando analisou sessões de treino de equipes de futsal com objetivo de categorizar metodologias empregados pelos treinadores de futsal em categorias de formação.

A câmera estava posicionada na região central da quadra com foco em $\frac{1}{2}$ da mesma, em ângulo que permitia observar todas as situações decorrentes das tarefas em meia quadra. Quando necessário, um operador fazia o movimento para que as filmagens captassem as atividades realizadas em toda a quadra.

Cada sessão de treino possui duração prevista de 105 minutos, totalizando cerca de 1900 minutos de atividades nos três Acampamentos (cerca de 500 minutos na categoria infantil e 700 minutos em cada uma das demais). Foi realizada a observação indireta por três vezes: A primeira vez com intuito de ter dimensão do material disponibilizado e confirmação das possibilidades de análise das variáveis selecionadas para a investigação. A segunda para preenchimento das informações na planilha elaborada com base no SIATE e, por fim, a terceira para ajustes e ratificações das informações.

A análise das informações permitiu identificar cinco (5) aspectos pertinentes para a compreensão do processo de desenvolvimento esportivo, especificadamente, as aprendizagens das capacidades tático-técnicas: O que constam nos planejamentos dos treinadores esportivos; como as atividades foram executados; identificação das atividades realizadas; Análise a partir das informações registradas no SIATE e; estabelecer elementos para a melhoria do processo investigado. “A aplicação de um sistema integral par análises das tarefas do treinamento permitem a obtenção de uma grande quantidade de informação objetiva de como está se procedendo a intervenção do treinador” (IBAÑEZ, FEU, CAÑADAS, 2016, p. 26).

Com base nestas informações, foram tomadas como referências as orientações para o tratamento estatístico descritivo e inferencial para estabelecer a resposta aos objetivos específicos do estudo que visam comparações de variáveis das sessões de treino dentro da própria categoria e entre as categorias de desenvolvimento do handebol brasileiro, no naipe masculino.

3.5. CUIDADOS ÉTICOS

O projeto de pesquisa foi apreciado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Estadual do Oeste do

Paraná, sob Parecer 1.835.025/2015, com emenda aprovada em novembro de 2016, em atendimento a Resolução nº466/2012 (CNS/BRASIL, 2012), do Conselho Nacional de Saúde.

A identidade dos participantes e as informações serão mantidas em sigilo, evitando, assim, qualquer tipo de constrangimento.

3.6. PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE INFORMAÇÕES

Os princípios da técnica de análise de conteúdo (BARDIN, 2011) foram utilizados na análise do levantamento documental, considerando as etapas de pré-análise (seleção e organização dos materiais); exploração do material (com base nas categorias de análise identificadas) e; tratamento dos resultados objetivos e interpretação.

Na análise dos dados estatísticos provenientes da Ficha de Observação adaptada do SIATE (IBÁÑEZ, FEU, CAÑADAS, 2016), foram utilizados procedimentos descritivos, considerando as frequências absolutas e percentuais. A análise inferencial utilizou-se do teste qui-quadrado para verificar a associação entre as variáveis pedagógicas, de carga externa e as categorias infantil, cadete e juvenil. O nível de significância adotado em todas as análises foi de $p < 0,05$, para associação linear-linear (DANCEY, 2017) a partir do pacote estatístico do Software SPSS, versão 21, para Windows.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A apresentação dos resultados está estruturada em três tópicos, a saber: no primeiro, intitulado “Aspectos históricos e estrutura de funcionamento do Acampamento Nacional de Handebol”, foram descritos o percurso histórico e a estrutura de funcionamento dos Acampamentos Nacionais promovidos pela CBHb nas categorias infantil, cadete e juvenil, no naipe masculino.

O segundo tópico trata da análise das variáveis pedagógicas e de carga externa das atividades das sessões de treino dos Acampamentos Nacionais, com o título de “Análise da estrutura e variáveis pedagógicas das sessões de treino dos Acampamentos Nacionais de handebol”.

Por fim, o terceiro tópico intitulado “Conteúdos tático-técnico inerentes ao padrão de jogo desenvolvido nas atividades do Acampamento Nacional”, caracteriza o padrão de jogo presente nas sessões de treino.

4.1 ASPECTOS HISTÓRICOS E ESTRUTURA DE FUNCIONAMENTO DO ACAMPAMENTO NACIONAL DE HANDEBOL

4.1.1 Contextualização do cenário do Acampamento Nacional de Handebol

A compreensão de processos históricos possibilita uma contextualização crítica da realidade dos fatos e orientação das condutas das atividades no presente. Assim, este subcapítulo, propõe-se a fazer uma narrativa histórica do Acampamento Nacional de Desenvolvimento e Melhoria Técnica da Confederação Brasileira de Handebol, apresentando aspectos conceituais das atividades realizadas.

O handebol é o mais jovem entre os esportes coletivos tradicionais. No Brasil foi praticado em Brusque – SC, trazido pela colonização alemã. Em 1954, a Confederação Brasileira de Desportos tenha criado o Departamento de Handebol, apenas em 1979 é fundada a Confederação Brasileira de Handebol (CBHb).

A primeira participação olímpica ocorreu nos Jogos de Barcelona, em 1992, apenas no naipe masculino, e nos Jogos de Sidney 2000 ocorreu a primeira participação brasileira no naipe feminino (MUSSI, MUSSI, AMORIM, 2014).

O processo de desenvolvimento do handebol brasileiro neste século remete a algumas ações visando difusão, harmonização e padronização da modalidade. Neste sentido, têm sido implementadas diversificadas ações

pela CBHb, tais como: o Encontro de Professores Universitários de Handebol, Projeto Mini-handebol, competições no modelo Caça Talentos, contratação de técnicos estrangeiros, criação da seleção infantil, organização de Acampamentos de formação regional e nacional.

No ano de 2002, a Confederação Brasileira de Handebol, passou a realizar um Encontro com Professores universitários para aproximar as universidades da confederação e contribuir para a capacitação dos docentes e propor alinhar as nomenclaturas usadas para a modalidade e as formas de ensino, projetando que cada docente universitário impactaria a formação de centenas de discentes que eventualmente irão tematizar o conhecimento handebol nos diversos ambientes em que possa desenvolver sua prática. Este Encontro aconteceu até o ano de 2012, em diversas cidades do país, deixando de ser realizado apenas em 2011 (UEZU, 2014).

Considerando que Encontros Nacionais de Professores das Instituições de Ensino Superior atende a um perfil específico de profissionais envolvidos com o handebol com foco na formação inicial, foi proposta a criação da Escola Nacional de Treinadores que, ainda se encontra em nível de planejamento e discussão sem encaminhamentos para ser materializada como formação presentes em países no handebol como Alemanha e Espanha (UEZU, 2014).

Corroborar-se parcialmente Uezu (2014) quando afirma que os avanços alcançados pelo Brasil no que tange ao desenvolvimento de profissionais e alcance de resultados de nível internacional é fruto de esforços de grupo de técnicos, dirigentes e atletas em um modelo rudimentar no que tange a gestão, estrutura e políticas específicas para o esporte.

Em 2000, a mesma Confederação iniciou o projeto Mini-handebol que é uma versão reduzida com regras específicas sem perder a referência do jogo formal para o processo de introdução à prática de jovens praticantes. Sua estrutura propõe o uso de jogos e brincadeiras para o aprendizado dos elementos do jogo, respeitando as características das crianças (SANTOS, 2014), coadunando com o pensamento de Garganta (2004) sobre a importância de jogos reduzidos para o processo de ensino-aprendizagem dos esportes coletivos.

Os primeiros núcleos do projeto Mini-handebol foram em Aracaju e, rapidamente se expandiu para diversas regiões do país para fomentar a prática entre as crianças de seis a dez anos. Em 2004, a Petrobrás passou a patrocinar o projeto, que ganhou grande projeção (Tribuna do Paraná, 2005). Atualmente, ainda é desenvolvido com implantação de núcleos em diversas regiões do país (CBHb, 2016). O projeto tem cunho social e de inclusão por meio de atividades lúdicas para despertar o gosto pela

modalidade em áreas de risco social usando regras específicas para a organização dos festivais (CBHb, 2012, p. 335).

Em 2004, a CBHb cria uma competição chamada Caça Talentos, para atletas de até 16 anos, como etapas municipais, estaduais, regionais e nacionais para seleção de eventuais atletas para compor a seleção brasileira e difundir a modalidade no país, considerando que não são todos os estados que realizam competições neta faixa etária. Na primeira edição foram 249 equipes. As primeiras colocadas ganharam bolas e uniformes (CBHb, 2012).

Com os benefícios oriundos da Lei nº 11438/2006, conhecida como Lei de Incentivo ao Esporte (BRASIL, 2006), que estimula pessoas físicas e empresas a patrocinar e fazer doações para fomentar projetos esportivos em troca de incentivos fiscais; em 2008, a competição Caça Talentos ganhou uma nova configuração, visando revelar atletas de todo país por meio da promoção de competições, visando os Jogos Olímpicos da Juventude, de 2010 e, a formação de atletas para representar o país, tendo em vista as reais possibilidades da realização dos Jogos Olímpicos de 2016, no Rio de Janeiro (CBHb, s/d).

Na mesma linha, em 2009, outra ação realizada pela CBHb foi a criação de uma competição escolar na categoria infantil a partir de patrocínio de R\$ 4,5 milhões de reais da Petrobrás, por meio da lei de Incentivo ao Esporte, chamada de Copa Petrobrás de Handebol, que reuniu nascidos na época de 1995 a 1998. A competição foi realizada em quatro fases: municipal, estadual, regional e estadual. Na oportunidade, o presidente da CBHb, afirmou que “a Copa será um marco no desenvolvimento do handebol de base nacional [...] devido à massificação da modalidade, [...] sendo um grande laboratório para o descobrimento de jovens talentos” (CBHb, 2009).

O torneio reuniu aproximadamente 9.000 estudantes de 695 escolas de todo o país. Foram 350 equipes, no naipe masculino e, 345, no feminino. São Paulo foi o estado com o maior número de participantes. No total, foram 128 escolas, sendo 66 no masculino e 62 no feminino. Na sequência Minas Gerais, com 66 instituições inscritas e o Rio de Janeiro, com 51. O evento teve como vencedor no naipe masculino a equipe do Colégio São José (SC), em segundo lugar Vinicius de Moraes (MT) e em terceiro a escola de Minas Gerais, José Parnaíba. Já no naipe feminino a equipe vitoriosa foi a capixaba Castro Alves, seguido do Instituto Teorema (PA) e, em terceiro SEI / Dourados (MS) (CBHb, 2009b).

É possível que uma das principais problemáticas relativas as ações desenvolvidas pela CBHb seja a sua continuidade. Este evento, por exemplo, foi realizado apenas em uma oportunidade, teve grande

abrangência, mas o impacto pontual dificulta atingir objetivos mais consolidados para o fomento e desenvolvimento da modalidade no país.

Com a chegada de treinadores esportivos estrangeiros, inicia-se a implantação do modelo de acampamentos com objetivo de fomentar o desenvolvimento de jogadores para composição das futuras seleções nacionais e a proposição de padronização sobre as maneiras de jogar o handebol brasileiro. Tendo em vista ser a melhor forma de contemplar atletas de todas as regiões do Brasil, os primeiros Acampamentos aconteceram nos anos de 2006 e 2007 no naipe masculino, sob coordenação de Jordi Ribera.

No ciclo olímpico dos Jogos de Londres (2009-2012), associado a ausência de Jordi Ribera, as propostas de acampamentos não tiveram continuidade e a busca de promoção de eventos esportivos tornou-se a prática de fomento esportivo adotada pela Confederação Brasileira de Handebol, reafirmando o processo de gestão e ações personalizadas e carentes de políticas de desenvolvimento e engajamento positivo nos ambientes de prática.

Os acampamentos foram retomados em 2013 e 2014, com o retorno de Jordi Ribera e descontinuados por falta de suporte financeiro em 2015 e 2016. Mesmo com a saída de Jordi Ribera para coordenar as seleções de base e ser o treinador da seleção espanhola de Handebol, no final do ciclo olímpico Rio 2016, os Acampamentos foram retomados no ano de 2017, com patrocínios dos Correios, contando com etapas estaduais, regionais e nacionais, nos napes masculinos e femininos, conforme cronograma de atividades programados para 2017 e 2018 (CBHb, 2017).

Esta formação contribui para a criação e a consolidação de uma cultura esportiva dentro de uma concepção de esporte e um padrão de jogo de acordo com princípios e diretrizes coerentes e fundamentadas. No próximo subcapítulo, serão aprofundados os aspectos inerentes ao Acampamento Nacional de Handebol, promovidos durante a passagem de Jordi Ribera, na coordenação das atividades das seleções brasileiras masculinas de handebol.

4.1.2 Aspectos históricos do Acampamento Nacional de Handebol

Em maio de 2005, tendo em vista o início do ciclo olímpico para os Jogos de Beijing 2008, foi realizado o Seminário de Integração e Padronização de Procedimentos, a serem utilizados por todas as Seleções Nacionais para avaliar e traçar as novas diretrizes da modalidade e o

consultor da CBHb Juan Oliver Coronado assume a seleção feminina (CBHb, 2005).

Em 2006, o técnico espanhol Jordi Ribera¹ teve sua primeira passagem pela seleção brasileira. A chegada dele é motivada com as metas para a conquista da medalha de ouro nos Jogos Pan-americanos do Rio de Janeiro, após comandar a seleção júnior e adulto da Argentina, em 2004 e 2005 (CBHb, 2006).

No entanto, mais do que pensar nas seleções adulta, Jordi propõe a implantação de uma concepção de jogo e filosofia de trabalho que resultou na evolução da equipe e aplicação de novas ideias para a formação de atletas e treinadores com a adoção de acampamentos para o desenvolvimento técnico-tático desde a iniciação esportiva no país. Esta ação é motivada pelo sucesso das suas experiências junto a Federação Catalã de Handebol, quando promoveu acampamentos de verão em zonas de montanhas, com cerca de cem crianças com idade entre 10 e 15 anos, sendo eleito o melhor treinador da modalidade em 1998. Além disto, Jordi Ribera recebeu diversos prêmios pelo trabalho realizado junto as equipes espanholas (CBHb, 2006).

Inicia-se assim, uma nova era para as seleções masculinas de handebol. Entre as ações realizadas está a proposta de levar as seleções mais novas para disputar competições em categorias mais velhas. Assim como a importância de fazer a projeção para o desenvolvimento da modalidade. “Nós temos que pensar em todas as categorias, do infantil ao adulto, e temos que trabalhar as expectativas para o futuro” (CBHb, 2006a).

Neste contexto histórico, as discussões no âmbito da formação profissional em Educação Física proporcionam esvaziamento das especificidades do ensino dos esportes por conta das conjunturas legais que pairavam a área com as modificações na formação promovida pelas Resoluções nº 01 e 02 /2002 (foco sobre alterações em todas as licenciaturas), e nº 07/2004 (com texto específico para área) (AMORIM, 2011).

As práticas docentes para formação mesmo no início do século XXI ainda eram guiadas pelos pressupostos que sustentaram o ensino dos esportes coletivos na década de 1970. A compreensão das diferentes perspectivas e implicações para ensino dos esportes coletivos na

¹ Nascido em Sarria de Ter, em Girona, na Espanha, e tem 50 anos. Ficou 19 anos na Liga Asobal, liga profissional da Espanha considerada a maior do mundo. fonte: CBHb (2005) - http://www.brasilhandebol.com.br/Admin/Anexos/000523_Perfil.pdf

modernidade ainda não se consolidaram, orientada por pilares tradicionais de ensino (GRECO, 2012; REZER, 2012). O que se vê em meio ao debate sobre formação profissional é a “mera junção de conteúdos relativos às especificidades das modalidades” (NASCIMENTO *et al.*, 2009, p. 360).

E, no campo da realidade, a proposta que Jordi apresenta rompe com a lógica de detecção e seleção de talentos (GOMES, 2004) e traz aspectos orientados para o desenvolvimento esportivo (FOLLE, 2014) e criação de ambientes de aprendizagens (CÔTÉ *et al.*, 2017) onde aumenta a oportunidade de acesso às práticas para poder ampliar o número de sujeitos envolvidos com a modalidade.

No início do ano de 2006, foram realizados os primeiros acampamentos, em Blumenau, Santa Catarina, denominado Acampamento Nacional de Desenvolvimento e Melhoria Técnica, com cerca de 80 garotos na categoria cadete e outros 80 na categoria juvenil, de 19 estados brasileiros. O processo de seleção para participação contou com indicação de atletas pelas federações, além dos convocados a partir de observações dos jogos escolares e competições de clubes.

A duração do Acampamento foi de oito dias, com os atletas selecionados por meio de indicação de treinadores e representantes de cada Federação Estadual divididos em oito grupos de trabalho. Dentre as dinâmicas de trabalho foram desenvolvidas palestras explicativas sobre as atividades a serem propostas e análise dos vídeos das partidas realizadas, contando com uma equipe de profissionais da CBHb e de treinadores esportivos convocados a participar do processo de gestão e organização dos grupos de trabalho e se familiarizarem com o modelo de estruturação das tarefas.

Na oportunidade, em matéria publicada no site da CBHb, Jordi revelou que “esta está sendo uma experiência muito bonita tanto para os atletas quanto para as os treinadores. Estarmos reunidos todos estes dias é muito interessante para unificar os treinamentos” (CBHb, 2006b). Um aspecto que deixou o espanhol animado foi a dedicação dos meninos, mesmo com a constatação dos diferentes níveis técnicos.

Os Acampamentos apresentam também a função de reflexão sobre as formas de treinar e jogar para os técnicos das seleções brasileiras. Assim, Jordi Ribera coordenou todas as atividades e contou com as Comissões Técnicas das seleções de base, que observavam atletas para compor as seleções que participariam de competições pan-americanas.

Um depoimento do treinador da seleção cadete, em reportagem da CBHb revelou como foi a recepção das ideias do espanhol para handebol brasileiro: “muito bom esse tempo com os jogadores. É uma nova filosofia que está sendo empregada na Seleção Brasileira e a intenção é padronizar

o estilo de jogo, desde as categorias menores até o adulto. Vamos trabalhar os sistemas defensivos e de ataque da mesma forma em todas as categorias para que o jogador quando chegar na Seleção principal já esteja adaptado e pronto para ser utilizado”, (CBHb, 2006c).

No mesmo sentido, o treinador da seleção brasileira júnior em 2006, comentou o seguinte sobre as atividades de fevereiro de 2006:

O Jordi foi muito feliz em ter essa ideia e implantá-la já neste início de ano. Com esse tipo de acampamento o handebol brasileiro vai crescer muito e conseguir uma padronização em todas as categorias. Além disso, agora, o mesmo handebol que é jogado no Sul, será jogado no Norte e assim por diante, dando uma cara para a modalidade no Brasil [...] todos nós estamos aprendendo um pouco. Os garotos da categoria Juvenil que lá treinaram estão a um passo da categoria Junior e, em três anos, estarão na Seleção Adulta. É preciso que em todas as etapas da carreira eles sigam a mesma filosofia para chegar prontos na equipe principal. Estamos no caminho certo, é só dar sequência no trabalho (CBHb, 2006d).

A aceitação positiva daqueles que estavam orientando e envolvidos com as seleções brasileiras de handebol contribuiu para que o objetivo “de padronização do estilo de jogo das seleções de base” (CBHb, 2006d) fosse implantada durante o Acampamento, o que permitiria eventualmente aumentar o nível competitivo das seleções brasileiras e a compreensão sobre as formas de jogo.

É importante ressaltar que processo de adequação das atividades realizadas no Brasil, país de dimensões continentais similares ao desenvolvido na Espanha, a partir da criação dos centros regionais de desenvolvimento não impossibilita adequação e o desenvolvimento de uma cultura para os treinadores esportivos e atletas.

Durante o ano todo o ano de 2006, o técnico Ribeira foi requisitado e participou de diversos eventos pelo país para a capacitação de treinadores, além de promover Acampamentos Regionais. Foi o caso do Encontro de Treinadores em Recife, cuja palestra teve como temática Tendências do Handebol Brasileiro (CBHb, 2006e).

Com o fim do ciclo olímpico de Pequim (2008), Jordi retorna a Europa para dirigir as principais equipes espanhola. O também espanhol

Javier Garcia Cuesta assume a seleção brasileira principal, mas há descontinuidade dos acampamentos.

Reconhece-se que Jordi Ribera é a personificação de suas palavras e convicções pela atitude. Freire (2007) afirma sobre a necessidade de diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz e, de certo modo, o espanhol consegue cativar e promover um impacto positivo sobre eventuais necessidades de repensar a forma com que os jovens são tratados no âmbito da modalidade no cenário nacional.

A seleção masculina adulta de handebol não participou dos Jogos Olímpicos de Londres, 2012. Em meados do mesmo ano, Jordi Ribera volta e afirma que gostaria de retomar os acampamentos que contribuiu muito para integrar novos atletas a seleção (CBHB, 2012). Em reportagem para a TV UOL, é ressaltado pelas palavras do próprio treinador a importância do desenvolvimento dos Acampamentos durante o ciclo Olímpico do Rio 2016. “Para nós os Acampamentos no Brasil são importantes. A ideia é padronizar uma forma e um estilo de jogo que podemos ir adaptando às necessidades do momento atual porque uma coisa que é boa hoje, amanhã pode ser modificada” (TV UOL, 2015).

Para isto, cada acampamento conta com a colaboração de técnicos de diversos locais do país, que discutem, planejam e aplicam as atividades para os oito grupos de trabalho (cerca de 120 atletas) de acordo com as concepções propostas por Jordi Ribera (CBHb, 2012a). Neste novo ciclo, a realização de Acampamentos Regionais para capacitação e desenvolvimento esportivo de atletas foi potencializado e o técnico Jordi Ribera esteve presente em todas as regiões do país desenvolvendo atividades com atletas e orientando treinadores, no intuito de padronizar o desenvolvimento da modalidade (CBHb, 2012b).

Assim, os Acampamentos aconteceram nas categorias infantil, cadete e juvenil com participação de cerca de 120 atletas em cada uma, treinadores das seleções de base, treinadores esportivos de diversas regiões do país, equipe de médica, fisioterapeutas e o preparador físico da seleção adulta nos anos de 2013 e 2014. Em 2015, houve mais uma descontinuidade do projeto devido à problemas orçamentários da Confederação.

No verão europeu os acampamentos para fomentar e dar continuidade ao processo de desenvolvimento e integração esportiva de praticantes de handebol é uma prática recorrente. Neste sentido, a *European Handball Federation* (EHF), criou em 2005 o *Workshop Summer Camps*, com intuito de capacitar treinadores esportivos, fomentar a prática e a melhoria de habilidades específicas para crianças de 6 a 12 anos de idade, sistematizada pela Comissão de Métodos da EHF

(ELIASZ, s/d). No mesmo sentido, foram encontrados registros dessas atividades desenvolvidas na Polônia², Macedônia³, República Tcheca e Alemanha⁴.

A concepção proposta pelo modelo alemão de acampamento volta-se para o apoio na promoção de jovens talentos, promovendo o handebol em atividades concentradas em formatos de acampamentos durante o período de férias (HANDBALL-CAMPS, s/d).

Após as experiências realizadas em parceria com a Federação Polonesa na cidade de Gdansk com grupos de 13 e 14 anos, foi feita uma nova sistematização a serem organizados em 3 grupos de trabalhos, de 6 a 9 anos, durante 5 a 7 dias; 10 a 12 anos, durante 7 a 10 dias e; de 13 a 15 anos, durante 10 a 14 dias (ELIASZ, s/d).

Os objetivos primários visam o fomento da prática e a integração de praticantes de diversos países, contribuindo para promover o desenvolvimento social, tolerância e capacidade de cooperação. As atividades respeitam as recomendações para cada seguimento de aprendizagem e sugere que o nível de 13 a 15 anos seja exclusivo masculino ou feminino devido ao tempo de práticas e possibilidades de grandes diferenças em níveis de desempenho (ELIASZ, s/d).

Foram encontrados registros de ações promovidos pela *Real Federación Española de Balonmano*, como atividade formativa de desenvolvimento de praticantes para compor as seleções nacionais femininas com participação de 80 jovens (REFBM, 2011), similares as que acontecem no Brasil.

Com o final do ciclo olímpico Rio 2016, Jordi Ribera deixa a seleção brasileira para desenvolver trabalho similar na seleção espanhola.

²Realizado em Gdansk, na Polônia, o *Summer Youth Handball Camp* para cerca de 40 atletas até 14 anos, em parceria da Federação Polonesa, Universidade de Educação Física e Esportes, com apoio da Federação Européia, em 2012, (http://cms.eurohandball.com/PortalData/1/Resources/4_activities/3_pdf_act/Gdansk_2012_training_camp_-_info_1.pdf).

³ Realizado também em 2012, na Costa do Adriático, Budva na Macedônia **Youth Handball Camp Z23, com cerca de 70 atletas da Suécia, Montenegro e Sérvia de** <http://www.handball-planet.com/youth-handball-camp-z23-in-budva-meets-expectations/>; <https://www.facebook.com/Z23-Handball-Camp-242607275802131/>

⁴ Promovido por uma empresa de assessoria esportiva, apoiada pelo clube THW Kiel e pela Federação Alemã de Handebol, oferece diversos serviços de Acampamentos com crianças, adolescentes em períodos de 5 ou 9 dias, com pernoite e sem pernoite. <https://www.handball-camp.de/index.php?id=975>

Em setembro de 2017, com a concepção do próprio Jordi Ribera, foi criado o *Programa Nacional de Tecnificación de la RFEBM*, com os mesmos intuítos das práticas desenvolvidas no Brasil.

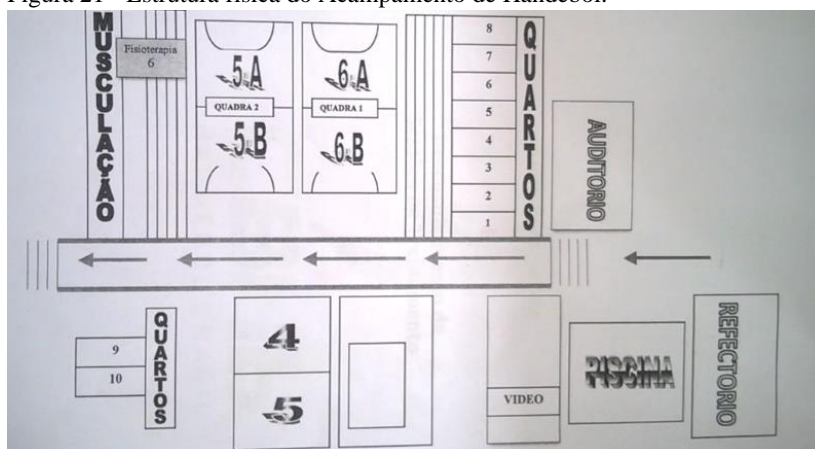
4.1.3 Estrutura de funcionamento do Acampamento Nacional de Handebol

O desenvolvimento de uma atividade de grande magnitude requer uma infraestrutura adequada capaz de comportar o número de pessoas envolvidas e parceiros para o desenvolvimento das atividades, tais como, o Ministério do Esporte e os Correios foram os principais apoiadores dos Acampamentos Nacionais.

A estrutura que a CBHb utilizou para a realização dessas ações foi o Complexo Esportivo Bernardo Werner, Serviço Social da Indústria (SESI) de Blumenau, Santa Catarina, localizado na região sul do Brasil⁵.

Os atletas ficaram alojados em quartos dentro do complexo esportivo, assim como a comissão técnica e toda equipe de apoio. A estrutura conta com duas quadras com medidas físicas, uma ao lado da outra, além da academia de musculação, refeitório, auditório, sala para análise de vídeos, piscina (conforme apresentado na **figura 21**).

Figura 21 - Estrutura física do Acampamento de Handebol.



Fonte: CBHb, 2014.

Participam em média de cada Acampamento Nacional cerca de 120 atletas, 10 treinadores de handebol em formação, 2 coordenadores

⁵ Endereço completo disponível no link: <https://goo.gl/maps/xrQEkWB7ySk>

técnicos, 2 treinadores de goleiros, 3 fisioterapeutas, 1 médico, 4 árbitros, 1 supervisor e 1 diretor. Eles são realizados em períodos distintos de acordo com o cronograma de datas e possuíram a mesma estrutura em 2013 e 2014.

O processo de convocação dos atletas seguia as indicações de federações estaduais via seus clubes e observações de desempenho tanto nas competições promovidas pela CBHb quanto nos Jogos Escolares da Juventude⁶. Inclusive, esta competição potencializa o desenvolvimento da modalidade desde a década de 1970, reunindo o maior número de escolas participantes (MUSSI; MUSSI; AMORIM, 2014).

Neste ínterim, as observações do desempenho de atletas nas competições de base e, nos Jogos Escolares da Juventude, por reunir maior número de praticantes em relação às competições de base com atletas de todo o país em nível competitivo, jovens praticantes da modalidade em situação de competição, considerando que nem todas escolas participam de competições de clubes e a presença de atletas e membros da comissão técnica se tornaram constantes (CBHb, 2012c).

A organização diária das tarefas segue um cronograma de horários e programação de atividades fixas com organização das tarefas bem definidas como o Handball Camp Liberec, realizado na República Tcheca (ŠRAJBROVÁ, 2009); ao Handball Summer Camp, Polônia (ELIASZ, s/d). A Concentración de Promesa, promovida pela Confederação Espanhola (RFEBM, 2010) possui um cronograma mais geral e não tão detalhado como os demais, conforme quadro abaixo

⁶ Jogos Escolares Brasileiros era a nomenclatura adotada de 1971 a 2004. A partir de 2005, com a entrada do Comitê Olímpico Brasileiro passou teve seu nome modificado.

Quadro 3 - Programação de Acampamentos de Handebol pelo mundo.

Acampamento Nacional de Desenvolvimento e Melhoria Técnica, Blumenau / Brasil, 2014	Handball Summer Camp Gdansk / Polónia, 2011	Handball Camp Liberec /República Tcheca, 2008	Concentración Nacional de Promesa Feminina Valladolid / Espanha, 2010.
<p>7:30 Despertar 7:45 Café da manhã 8:45-10:30 treinamento 1 (GRUPO A-B-C-D) 8:45-10:15 VÍDEO (GRUPO E-F-G-H) 10:30-12:15 treinamento 1 (GRUPO E-F-G-H) 10:45-12:15VÍDEO (GRUPO A-B-C-D) 12:30-13:00 piscina (GRUPO A-B-C-D) 13:15 Almoço 15:15 JOGO 1 16:30 JOGO 2 17:45 JOGO 3 19:00 JOGO 4 20:30 Jantar 21:15 filme ou assistir a um jogo (Livre) 22:00 Reunião de treinadores</p>	<p>8:00 da manhã - 8:30 da manhã - Café da manhã A1 + B1 + C1 8:30 – 9:00 - Café da manhã A2 + B2 + C2 9:30 – 12:30 - Sessões de treino</p> <p>Grupo C: 9:30-11:00 C1 - Salão Esportivo nº 1, Handball (H1) 11.00-12.30 C2 - Salão Esportivo nº 1, Handball (H1)</p> <p>Grupo B: 9.30-11.00 B1 - campo externo; jogos complementares 11:00-12.30 B2 - campo externo; jogos complementares</p> <p>Grupo A: 9.30-11.00 A1 - academia, ginástica com equipamento (G) 11.00-12.30 A2 - ginásio, ginástica com equipamento (G) 1:00 da tarde - 1:30 da tarde - Almoço A1 + B1 + C1 13:30 - 14:00 - Almoço A2 + B2 + C2</p>	<p>7:30 Despertar 7:50 Café da manhã 8:25 Início 8:30 Partida na Escola Primária Dobiášova 9:00- 12:00 Treinamento principal 12:20 Levantar-se 12:30 Partida para a escola 13:00 Almoço + descanso 14:45 Partida para a Escola Primária Dobiášova 15:00-17:00 Bloco de jogos e competições 17:15 Petisco 18:00-20:00 Bloco de movimento e relaxamento 21:00 Jantar 21:30 Higiene 22:00 Reunião de treinadores</p>	<p>- A programação é diferente ao longo dos dias de Acampamento, mas com sessões de atividades matinais e vespertinas.</p>

23:00 Dormir	15:00 – 16:00 - Treinamento de goleiros 16:00 – 19:00 e - Treinamento (Parte do Torneio IV) 16:00:00-17:00 - A2 - B2 17:00-18:00 - A1- C2 18:00-19:00 - B1- C1 18:30 19:00 - Jantar A2 + B2 + A1 19:30 - 20:00. - Jantar C1 + B1 + C2 20:30- 23:00 – Festa (discoteca)		
--------------	--	--	--

Fonte: Elaborado pelo autor, 2017.

Um aspecto similar entre o evento brasileiro e o tcheco é a reunião com os treinadores ao final do dia para discussão e organização do planejamento das atividades do dia seguinte. O Handball Summer Camp Gdansk (Polônia) promove atividades para além das específicas ligadas ao handebol. Na proposta brasileira, as sessões de treino acontecem apenas pela manhã, com o modelo de jogos pela tarde. Nos quatro modelos estão associadas sessões de treino e atividades de jogo formal.

As atividades do Acampamento Infantil, duraram oito dias e 5 sessões de treino, 5 sessões de análise de vídeo e 7 jogos, enquanto que o Acampamento cadete e juvenil, são 10 dias de atividade com 7 sessões de treinos, 7 sessões de análise de vídeo e 9 jogos. Para todas as categorias é disponibilizado um dia para palestras, geralmente com atleta da Seleção adulta, registro da foto oficial e a tarde livre para passeio (CBHb, 2014).

No primeiro dia ocorre o acolhimento dos atletas e as atividades se iniciam no turno vespertino com uma reunião geral, em que são apresentados a equipe de trabalho, a estrutura e as normas de convivência durante o Acampamento. Em seguida, os atletas são divididos em oito/dez equipes e cada equipe realiza dois jogos, com marcação 6:0 e 5x1 em cada tempo, em 2 tempos de 15min. Ao treinador, neste momento, cabe apenas gerir as substituições e controlar o tempo de cada atleta em quadra, não passando nenhum tipo de orientação técnica ou tática aos jogadores (CBHb, 2014).

Os atletas passam por avaliação diagnóstica, valendo-se da observação, para que sejam constituídos os grupos de treinamento. Todas as noites ocorrem reuniões técnicas para avaliação das atividades realizadas no dia, realizar os ajustes no planejamento do dia seguinte e a definição dos grupos de treino de cada atleta.

Para esta tarefa, os treinadores contam com uma ficha de avaliação onde são atribuídos níveis de um a três para cada indicador e cada grupo de trabalho reúnem atletas com similaridade de níveis, composta pelos seguintes indicadores para os jogadores de linha: defesa (geral); ofensividade (geral); arremesso; qualidade do passe; drible; coordenação geral; domínio do posto específico (posição em que atua preferencialmente); tática individual; tática coletiva; 1x1 ofensivo; 1x1 defensivo; atitude para a competição (CBHb, 2014).

E, pelos seguintes indicadores para os goleiros: Posturas técnicas; velocidade de reação; flexibilidade; estatura (altura x envergadura); tática individual; tática coletiva; equilíbrio emocional; qualidade lançamento em contra-ataque; ligação defesa contra-ataque; domínio posto específico; coordenação geral; orientação defensiva; segurança para equipe (CBHb, 2014).

A utilização desta ficha representa um avanço sobre as críticas proferidas por Szeremeta *et al.* (2015) acerca das análises empíricas sem adequação de indicadores claros sobre o processo de avaliação de jogadores nas chamadas “peneiras” de futebol. Garganta (2001, p. 57) sinaliza sobre a necessidade de analisar as formas com que os jogadores e equipes realizam as diferentes tarefas do jogo no sentido de “aferir a congruência da sua prestação em relação aos modelos de jogo e treino preconizados”.

Assim, tendo em vista o objetivo de classificação de sujeitos por desempenho, as orientações presentes nos instrumentos realizados permitem compreender aspectos importantes a partir dos objetivos previstos a serem desenvolvidos durante o Acampamento, possibilitando perceber da realidade no sentido de homogeneizar a realização da tarefa a partir de múltiplos olhares. Estriga e Moreira (2014), para cada fase de jogo a ser desenvolvida possui um instrumento com indicadores realicoados aos objetivos e, facilitam do ponto de vista teórico, acompanhar os avanços e as limitações sobre os conteúdos ministrados aos jovens praticantes.

No segundo dia, os atletas já estão divididos em oito grupos de A a H, de acordo com os indicadores táticos-técnicos definidos (é possível que durante o Acampamento um atleta mude de grupo de trabalho), formados por aproximação de performance em situação de jogo. Os treinadores convidados são responsáveis pela execução da sessão de treino supervisionada pela Comissão técnica da seleção brasileira e os coordenadores de quadra (**figura 22**).

Figura 22 - Distribuição dos quatro grupos (equipes) de trabalho pelas quadras.



Fonte: CBHb, 2014b.

No turno matutino, a sessão de treino possui a duração total de 1h45m, seguida da sessão de análise de vídeo com duração total de

1h30min. Os quatro grupos ficam na quadra (cada um em uma meia quadra) e os demais vão para a sala de análise de vídeo (**figura 23**), depois inverte-se, o grupo que estava na quadra vai para o vídeo e o grupo que estava no vídeo vai para quadra.

Figura 23 - Análise de vídeo.



Fonte: CBHb, 2014b.

Durante as reuniões com vídeo são apresentados o resumo do dia anterior, vídeos de correção a partir de situações vivenciadas pelos atletas dentro do modelo de competição, explanação de objetivos das sessões do dia por meio de apresentação de vídeos de treinamentos realizados por outras categorias e presença em situação real de jogo das ações por equipes internacionais.

Uma das variáveis presentes nos pilares do treinamento esportivo é o princípio de participação ativa e consciente sobre as tarefas a serem realizadas (BOMPA, 2005). Ao proceder a auto-observação e apresentação dos conceitos no viés teórico durante as atividades de análise de vídeo, os Acampamentos Nacionais contribuem para avançar sobre as perspectivas de atletas que reproduzem movimentos para atletas inteligentes e criativos para tomar decisões.

O jogador inteligente pode ser definido para além da unidade específica da prática desportiva, trata de um “ser humano que joga com mais autonomia, maior criatividade e maior capacidade de elaborar planos estratégicos, a fim de objetivar e inventar (escrever) outras realidades” (CASTRO, 2013, p. 104).

Castro (2013) realizou entrevistas com treinadores da seleção brasileira sobre o processo de formação de jogadores inteligentes no handebol. Um dos aspectos presentes no processo de planejamento e

qualificação dos envolvidos se insere no uso do vídeo e de ferramentas desta natureza para efetuar o feedback visual, a partir de filmagem de jogos e propor situações de treino na prática interligadas com a análise de vídeo.

Assim, as atividades de análise de vídeo presentes nos Acampamentos Nacionais contribuem para o exercício de reflexão sobre ações realizadas. A projeção em vídeo sobre erros e acertos de comportamentos táticos e técnicos frente às situações problemas presentes nas atividades desenvolvidas ao longo traz elementos para a formação de jogadores conscientes e inteligentes para o padrão de jogo proposto.

Dentro do tempo de cada sessão de treino existe um momento específico para os goleiros trabalharem com os preparadores de goleiros e interagirem nas sessões de treino. Em cada sessão esta relação é variável ou concomitante, ou seja, enquanto um grupo de goleiros participa das atividades com os jogadores de linha, outro grupo faz a sessão específica.

Greco (2002) sinaliza que por muitas vezes os goleiros se tornam observadores das sessões de treino, atuam em outras funções para delimitar ações dos atacantes e fazem as rotinas específicas e ficam no gol a serviço das ações técnicas e táticas orientadas aos jogadores de linha.

O treinamento de goleiros em conjunto com os jogadores de linha no sentido de ser sujeito participante ativo no processo é uma problemática sanada em partes durante os Acampamentos Nacionais, possibilitando treinos específicos aos goleiros (**figura 24**) e participação com volume de defesas presentes nas situações de jogo treinadas.

O feedback para os goleiros durante as interações com os jogadores de linha era exclusivo dos preparadores de goleiros, quando da presença destes, feito de forma mais incisiva no acampamento infantil.

Figura 24 - Goleiro em sessão de treino específico.



Fonte: CBHb, 2014b.

Nos Acampamentos cadete e juvenil também houve um momento específico com o preparador físico da seleção brasileira adulta masculino, no período da coleta, apresentando atividades a serem realizadas em academia com uso de pesos e halteres específicos para os principais grupos musculares exigidos durante a prática do handebol. Antes do almoço, os atletas possuem 30 minutos para tomar banho de piscina como atividade recreativa e regenerativa.

No turno vespertino, é realizado uma competição interna, no qual são observados o nível de assimilação dos conteúdos trabalhos dentro do jogo formal. Cada rodada possui regras específicas que podem variar de acordo com as atividades realizadas na sessão de treino no turno anterior. As equipes são constituídas por atletas de todos os grupos de treinamento, o que implica que em cada equipe há atletas com diferentes níveis tático-técnico e nivelamento das equipes para aumentar a competitividade.

Os treinadores ficam responsáveis por uma mesma equipe durante todo o Acampamento. As formas de comunicação e orientação com os atletas também são previamente combinadas, tendo foco a aplicação dos objetivos da sessão de treino do turno matutino. “Lembrar que não estamos em competição oficial, mas em numa atividade formativa com a ideia de transmitir o padrão de jogo” (CBHb, 2014, s/p.).

O Sistema de disputa envolve a criação de dois grupos com 4 equipes, que jogam todos contra todos no grupo. Enquanto que as duas

equipes que obtiverem maior pontuação formam um novo grupo, as duas com menor pontuação formam outro grupo, totalizando seis partidas para cada equipe.

Os jogos são disputados em 4 tempos de 12 minutos, com arbitragem da CBHb, que também possui um coordenador que avalia as duplas. A pontuação é por tempo disputado independente do placar somado, assim: tempo ganho, dois pontos; tempo empatado, um ponto; tempo perdido, zero ponto. As circunstâncias de jogo formal surgem durante o acampamento como atividade complementar e formativa.

“A competição como um conteúdo do planejamento do professor pode enriquecer/incrementar o processo de ensino” (SCAGLIA *et al.*, 2006, p. 2). A vivência do jogo formal também é atividade presente em todos os Acampamentos citados, independente da motivação recreacional ou de formação de equipes competitivas. A relação entre treino-jogo é uma referência importante para a formação esportiva. “

Bettega *et al.* (2017), ratifica a importância desta atividade ao sinalizar que o processo de formação esportivo atrelado de valores positivos não pode perder de vista a competição, desde que sirvam como instrumento complementar a formação.

Um aspecto relevante da prática esportiva está a apropriação sobre as formas de competir e o gosto de competir dentro dos padrões e normas estabelecidas obtendo desempenho satisfatório ante as transferências de aprendizagem para situações reais de jogo. Assim, o ambiente competitivo é motivador e desafiador para aplicação de competências tático-técnicas (BETTEGA *et al.*, 2017).

O período noturno é reservado para uma sessão de filme ou livre para os atletas, enquanto ocorre a Reunião Técnica. Nesta reunião é realizado o balanço do dia, a divisão das tarefas auxiliares ao funcionamento do Acampamento, definição de horários e o planejamento das atividades com base nos objetivos propostos. É o momento em que se avalia o que foi feito e reorienta o que será realizado a partir da base já previamente montada.

A avaliação é uma etapa importante para se obter informações sobre as distâncias e as aproximações entre os objetivos propostos e o desenvolvimento das atividades realizadas, auxiliando o treinador esportivo a tomar decisões frente a necessidade constante de readequar o planejamento (RODRIGUES *et al.*, 2017).

O registro, a análise e a organização dos resultados pode qualificar os retornos dos dados aos atletas e treinadores que participam das atividades do acampamento. Vale ressaltar que o padrão de jogo preterido e os objetivos de aprendizagem são previamente definidos pela

Coordenação geral do Acampamento, onde busca-se, em todos os grupos de trabalho, independente de um nível de compreensão fraco ou forte, a vivência dos conceitos propostos.

As luzes são apagadas às 23 horas e os celulares recolhidos e entregues no dia seguinte, antes do café da manhã. A programação das atividades foram as mesmas na quinta-feira, sexta-feira, domingo e segunda-feira.

Figura 25 - reunião técnica (esquerda) e atividade noturna (direita).



Fonte: CBHb, 2014b.

No sábado no infantil (e no domingo no cadete e juvenil), no período matutino ocorre uma palestra com um convidado, geralmente atleta da seleção adulta (**figura 26**), seguida das fotos oficiais do Acampamento (**figura 26**). No período vespertino é desenvolvida uma atividade fora do SESI, comumente ida ao shopping.

Figura 26 - palestra com atleta seleção brasileira adulta (esquerda) e foto oficial (direita).



Fonte: CBHb, 2014b.

No dia seguinte são retomadas as atividades com as sessões de treino pela manhã e jogos pela tarde. Na terça-feira (infantil) e quinta-feira (cadete e juvenil), último dia do Acampamento, as últimas partidas da Competição organizada são realizadas pela manhã, usando de forma

simultânea as duas quadras de treinamento. Em seguida, o encerramento é realizado no auditório, seguido da entrega dos certificados aos participantes.

Eliaz (s/d) fala que as finalidades do Handball Summer Camp orientado para a integração e a cooperação através do handebol, com vivência de elementos específicos da modalidade e acesso a outras práticas esportivas e atividades recreo-sociais.

Ao apreciar a estrutura e os aspectos que balizam os acampamentos é percebido que o mesmo possui dois pilares de sustentação. No primeiro, os Acampamentos Nacionais de Desenvolvimento e Melhoria Técnica surgem como alternativa para padronizar as formas que se praticam a modalidade no país, criando uma cultura esportiva de modelo de treino e os pilares do padrão de jogo a ser replicado nas seleções da base ao adulto, assim como nos diversos ambientes de prática, no naipe masculino. E, no segundo, o fomento e a prática do modelo de treino para atletas de todas as regiões do país, num ambiente de convivência e interação de valores positivos e formação de praticantes e treinadores esportivos. O Acampamento infantil acontece em oito dias e o Acampamento cadete e juvenil, em dez dias. Os Acampamentos Regionais geralmente são no final de semana de sexta a domingo.

Galatti *et al.* (2008) traz dois referenciais para a pedagogia do esporte: técnico-tático e socioeducativo. No primeiro contemplam-se os Métodos de ensino e aprendizagem; o Planejamento ao longo do período; a Organização de cada treino; Adequação da proposta ao grupo de trabalho; Aspectos Técnicos; Aspectos Táticos; Aspectos Físicos. No segundo, orienta-se na promoção e discussão de princípios, valores e modos de comportamento; Promoção da participação, inclusão, diversificação, a coeducação e a autonomia; Construção de um ambiente favorável para desenvolvimento de relações intrapessoais e interpessoais (coletivas); Estabelecimento de relações entre o que acontece na sessão de treino com a vida em comunidade.

Com isto, fica evidenciado que os Acampamentos Nacionais de handebol no plano estrutural e sistematização de atividades possibilita a vivências dos dois pilares citados por Galatti *et al.* (2008) em seu funcionamento.

Machado, Galatti e Paes (2012) propõe a inserção de mais um elemento balizado pela dimensão histórico-cultural evidenciando as relações entre a história da modalidade, desenvolvimento da modalidade no cenário nacional, dentre outros aspectos que evidenciam o papel de sujeito histórico de cada atleta.

Tendo em vista o processo de palestras com atletas de referência da modalidade interagindo com os atletas em formação e as falas orientadas ao longo do processo sobre a participação no Acampamento Nacional como experiência que pode levar a uma futura seleção nacional, acredita-se que este pilar esteja presente nas interações das escolhas da CBHb, considerando, por exemplo que, todas as pessoas que participam do apoio ou treinam as equipes de base da seleção tiveram a oportunidade de terem sido atletas da equipe adulta em outras oportunidades.

Côté *et al.* (2017, p. 15), valoriza a qualidade e o significado que as experiências esportivas proporcionam aos envolvidos, evidenciando na formação de jovens “a qualidade das atividades ofertadas, tanto em termos tático-técnicos como nos aspectos psicossociais que permeiam as práticas e os relacionamentos estabelecidos”.

O modelo de formação esportiva por meio de Acampamentos possibilita avançar sobre o processo de detecção e seleção de talentos, permitindo tempo para aquisição dos conhecimentos e oportunizando a prática por um grande grupo de jovens que interagem em sessões de treino, análise de vídeos e participação em competição interna orientada pelos objetivos e conteúdos definidos pela Confederação Brasileira para implantação de um padrão de jogo imbricado em um modelo de treino em todas as categorias de formação.

4.2 ANÁLISE DA ESTRUTURA E VARIÁVEIS PEDAGÓGICAS DAS SESSÕES DE TREINO DOS ACAMPAMENTOS NACIONAIS DE HANDEBOL

Nesta etapa da análise e discussão dos resultados serão apresentadas as estruturas gerais das divisões que compõem as sessões de treino, bem como a análise do conjunto de variáveis pedagógicas que compõem as mesmas referentes as categorias: infantil, cadete e juvenil.

As estratégias de aplicação dos conteúdos estão diretamente relacionadas às sistemáticas de organização e progressão das tarefas presentes nas sessões de treino. Interessa neste momento, descrever aspectos estruturais das sessões de treino do Acampamento, trazendo os princípios do protocolo de aquecimento e analisando as variáveis pedagógicas que compõem o modelo de treino.

As sessões de treinamento possuem duração de 105 minutos, sendo no plano teórico dividido em três partes: aquecimento, parte principal e postos específicos. O aquecimento possui tempo total de 20 minutos, divididos na realização do Protocolo de Aquecimento, com duração de cerca de 12 minutos, seguido em boa parte de um jogo pré-desportivo

orientado ao desmarque e de acordo com os objetivos da sessão de treino. A parte principal consiste em grupo de tarefas com duração variável entre 10 e 15 minutos, com tempo total 50 minutos, em que se desenvolve os conteúdos táticos e sistemas orientados de acordo com o padrão a ser seguido em todas as categorias.

A estrutura de sessão de treino proposta pela CBHb, nos Acampamentos Nacionais ao tratar o aquecimento e como primeira tarefa a ser realizada e a parte principal com uso de atividades combinativas em função os objetivos valendo-se de experiências reduzidas são dimensões comuns ao proposto por Estriga e Moreira (2013) e Ehret *et al.* (2002).

Por meio das observações das sessões de treino do Acampamento Nacional, pode-se constatar que a organização das tarefas acontece prioritariamente de forma alternada entre os atletas que atuam pelo lado direito e esquerdo, realizadas em meia quadra. Os meios de intervenção são pontuais e dirigidos aos atletas de forma objetiva de modo que haja continuidade das tarefas.

A parte principal das sessões de treino valoriza as condutas tático-técnicas como antecedente aos gestos técnico-tático. Menezes e Reis (2017) sinalizam que as experiências situacionais de estruturas funcionais da parte principal coadunam com as perspectivas presentes na literatura sobre as relações entre oposição e cooperação frente a dinâmica complexa inerente ao jogo.

Na sequência, ocorre o trabalho de postos específicos, em cerca de 35 minutos, que consiste em ações ofensivas, as quais ocorrem sem defesa ou com defesa estática, para orientar as relações entre os seguintes postos específicos em situação de finalização ao gol: Grupo Pivô, Pontas, Central, Laterais; Grupo Pivô- Central / Laterais-Pontas; Grupo Pivô-Lateral/ Central-Pontas; Grupo Pivô-Pontas/ Central-Laterais. Todos com presença de goleiros.

A parte final orientada para postos específicos com atividades de finalização durante as sessões de treino do Acampamento precedente ou não a tomada de decisão não aparece na sugestão de Moreira e Estriga (2013). Na abordagem de Ehret *et al.* (2002) seriam realizadas, após o aquecimento como atividades de exercícios, não necessariamente lançamentos ao gol.

A sugestão de estruturação da sessão de treino deixa espaço para aplicação formal das experiências vividas nas sessões de treino durante a competição interna (realizada no turno vespertino). Ou seja, a configuração das atividades orientadas para o jogo formal, em função das suas formas de estruturação correlacionadas às sessões de treino e análise de vídeo contribuem para o que Bettiga *et al.* (2015) sinalizam em suas

reflexões sobre a compreensão das vivências do jogo formal (coletivo) como atividade constituinte do processo de ensino-aprendizagem para os jovens praticantes (BETTEGA *et al.*, 2015).

4.2.1 Princípios do protocolo de ativação e aquecimento

Durante a execução das ações específicas pertencentes ao esporte, o praticante utiliza grandes grupamentos musculares, repetidas vezes durante as seções de treino e jogo, dada a complexidade que cada ação tem durante as partidas.

O handebol é uma modalidade avaliada com alto risco para a ocorrência de lesões, pois é uma atividade esportiva coletiva com possibilidades de contato entre os oponentes, até mesmo com indivíduos da mesma equipe, além de ter o salto, a corrida retilínea e as constantes mudanças de direção dentre os gestos básicos de sua prática (ALLOZA; INGHAM, 2003).

Treinamentos de especificidade do atleta de acordo a posição dentro de quadra apresentam dados que norteiam um programa de treinamento para prevenção de lesões que incluem força muscular e mobilidade articular (SANTOS *et al.* 2007). O treino proprioceptivo reduz a incidência de possíveis lesões do joelho e tornozelo (DOMINGUES, 2008).

Em estudo com 1892 jovens atletas entre 13-17 anos de futebol, Soligard *et al.* (2008), concluiu que o risco de lesões graves, lesões por uso excessivo e lesões em geral foi reduzido em função da adoção de programa de aquecimento estruturado.

A primeira atividade de todas as sessões de treino realizadas durante o Acampamento Nacional foi a realização de uma rotina de exercícios com caráter de aquecimento e previsão de duração de 12 minutos. Trata do Protocolo de Aquecimento da Seleção Brasileira de Handebol, com objetivo de ativação neurosteomioarticular, apresentado e implementado nas categorias infantil, cadete e juvenil. O protocolo deveria ser realizado antes de cada sessão de treino e antes do início dos jogos da competição interna realizada durante o Acampamento.

Entende-se por aquecimento todas as atividades realizadas como preparação para participação das sessões de treino ou jogo, cuja intenção é a obtenção do estado de estimulação física, psíquica, preparação cinética e coordenada na prevenção de lesões. O aquecimento tem o potencial de melhorar o desempenho na prática esportiva porque permite a adaptação mais rápida do corpo ao estresse do exercício e, conseqüentemente, permite maior tempo do estado estável do exercício e/ou melhor

capacidade de concentração nas habilidades adicionais que devem acompanhá-lo (ROBERGS; ROBERTS, 2002).

Para tanto, considerando o corpo como conjunto de estruturas ósseas, musculares, ligamentares e de tendões, os modelos tradicionais de alongamento e aquecimento podem não ser tão eficazes para atender a especificidade da prática do handebol na contemporaneidade. Não há evidências sobre os efeitos benéficos do alongamento estático no desempenho da atividade esportiva. Estudos recentes informaram que o alongamento estático diminui a produção de força (BEHM *et al.*, 2004), o desempenho da agilidade (VAN GELDER; BARTZ, 2011), e o tempo de reação (ALPKAYA; KOCEJA, 2007).

Exercícios estáticos reduzem a transmissão eficiente de sinais e forças entre o sistema nervoso central e do sistema esquelético (MARKOVIC; MIKULIC, 2010). Já em exercícios dinâmicos, ocorre uma elevação da temperatura muscular (FLETCHER; JONES, 2004) e um aumento da excitabilidade unidade motora (JAGGERS *et al.*, 2008).

Parte-se de princípios do Treinamento Funcional que possui como fundamento preparar o organismo de maneira completa, segura e eficiente através do centro corporal visando aumento do padrão de movimento e autonomia motora, por meio de estímulos os receptores proprioceptivos presentes no corpo, a fim do desenvolvimento da consciência sinestésica e do controle corporal (MONTEIRO; EVANGELISTA, 2012).

Para Amorim *et al.* (2013, p. 7), “toda preparação para uma aplicação correta dos exercícios nos treinos e nos jogos requer uma disciplina tanto do jogador e do treinador para que diminua ou amenize as lesões causada pelo esporte”. O conjunto de atividades presentes no Protocolo de aquecimento da Seleção Brasileira de Handebol (CBHb, 2014), possibilitam alcançar os seguintes objetivos: estimular a Ativação Muscular, nos membros inferiores (MMII) e membros superiores (MMSS); ativação do centro (CORE); aumento do Fluxo Sanguíneo; ganho de Mobilidade Global; estabilização segmentar e propriocepção em MMII e MMSS; Coordenação motora, propriocepção, resistência muscular localizada.

Os exercícios de ativação em todas as sessões de Acampamento Nacional são realizados de uma lateral a outra da quadra (20 metros), com todos os atletas simultaneamente. O tempo do protocolo é de aproximadamente 12 minutos, corroborando com a sinalização de que um protocolo de aquecimento deve ter um curta duração e adequadamente preparar os alunos para as atividades (CHAOUACHI *et al.*, 2010).

A progressão do Protocolo abarca exercícios dinâmicos e multiplanares: flexão de quadril, Rotação Externa de Quadril com Flexão

de Joelho, Agachamento com avanço, alcance ao solo, alcance ao solo unilateral, Adução/Abdução horizontal dos Membros Superiores (MMSS), Flexão dos MMSS; Dissociação de cinturas com controle de tronco; Exercício balístico de Membros Inferiores (MMII) e superiores.

Na sequência, são realizadas as pranchas com objetivos de estimular a musculatura do CORE, responsável pela estabilização e sustentação corporal. Tratam de grupos musculares com função de suportar o complexo lombo-pélvico-quadril, estabilizador da coluna vertebral, cintura pélvica e a cadeia cinética durante os movimentos funcionais (FREDERICSON, 2005).

Para realização das atividades na sequência, os atletas usam as laterais das quadras e realizam os exercícios em duas séries de cerca de 20 segundos dos seguintes exercícios de domínio de centro (prancha estática 4 apoios, prancha três apoios, prancha dinâmica, prancha dois apoios, prancha lateral, elevação de quadril com pernas cruzadas).

Em estudo sobre as relações entre capacidades funcionais e execução de gestos técnicos do handebol com adultos (24 anos em média) concluiu que os resultados dos testes técnicos são os mais influenciados pelo nível de desenvolvimento da força abdominal e da velocidade de execução (EUGEN, ZENOVIA, CONSTANTIN, 2014). Assim, a realização de atividades que estimulem a força abdominal como os exercícios presentes no protocolo pode contribuir para a melhora de habilidades motoras necessárias para o desenvolvimento das capacidades técnicas do jogo.

Fica evidente o reconhecimento e a importância da realização da tarefa, atrelado a otimização do tempo nas atividades iniciais do treino. O processo de consciência é uma dimensão importante para que o atleta na contemporaneidade compreenda todas as atividades e a execute com concentração (BOMPA, 2005). Esta é uma preocupação da comissão técnica que distribui aos atletas uma ficha com as orientações dos exercícios a serem realizados.

A preparação para início das atividades é de extrema importância para a melhor organização da continuidade do treino, estimulando o cumprimento de horário de início das sessões de treino, atrelados ao impacto positivo no estado de ativação dinâmica e proprioceptiva para suportar a carga e a intensidade de treinos, considerando atividades realizadas em dois turnos durante 8 (infantil) e 10 (cadete e juvenil) dias consecutivos.

No entanto, um aspecto observado nas sessões de treino está relacionado ao baixo controle dos treinadores esportivos sobre o padrão de movimento. A ausência deste padrão pode levar a um efeito contrário

dos objetivos do Protocolo. Nos exercícios de prancha a problemática ligada ao padrão de movimento ficam aparentes e, o volume de exercícios acaba se tornando atividade de preparação física e não apenas aquecimento.

Em estudo feito por Amorim *et al.* (2016), sobre a adoção de um protocolo de aquecimento baseado no da seleção em equipe universitária de handebol identificou benefícios de sua utilização na fala dos sujeitos para a concentração, o cumprimento de horário de início de atividades, a prevenção de lesões e o suporte a carga de treino planejada. Os aspectos negativos situaram sobre a massificação da rotina, sugerindo propor exercícios similares que cumpram aos objetivos e a realização sem se preocupar com a amplitude de movimento necessária para alcance dos objetivos.

Em linhas gerais, entende-se que as atividades realizadas atendem aos objetivos de aquecimento e ao estímulo integrado, usando exercícios multiplanares para preparação para o esforço decorrente do treino/jogo e atenuar lesões, possibilitando benefícios para os atletas que participam do Acampamento de Desenvolvimento e Melhoria Técnica, promovido pela Confederação Brasileira de Handebol.

4.2.2 Variáveis pedagógicas das sessões de treino: pilares estruturais do desenvolvimento tático-técnico

A partir da tabulação das informações presentes nas sessões de treino, propõe-se na continuidade do texto apresentar e comparar as variáveis pedagógicas das sessões de treino dos Acampamentos Nacionais infantil, cadete e juvenil, excluindo as atividades realizadas no Protocolo de Aquecimento, descritas e analisadas no tópico anterior.

Neste sentido, na **tabela 1** é possível indicar que o aumento da quantidade de sessões de treinamento proporciona um importante crescimento do número absoluto de atividades desenvolvidas no Acampamento Nacional das categorias cadete (61) e juvenil (58) em relação ao infantil (41).

Tabela 1 - Frequências de sessões de treinamento e atividades conforme as categorias dos participantes do Acampamentos Nacionais de Desenvolvimento e Melhoria Técnica da CBHb. Blumenau, 2014.

Categoria	Sessões totais	Atividades totais	% de atividades totais
Infantil	5	41	25,6%
Cadete	7	61	38,1%
Juvenil	7	58	36,3%

Fonte: Elaborado pelo autor, 2017.

Ressalta-se que os volumes de treinamento precisam estar adequados ao processo de desenvolvimento e a maturação dos jovens praticantes e se torna coerente haver quantidade diferenciada de sessões de treino e, conseqüentemente, o número de atividades entre aqueles mais velhos e/ou experientes. O princípio da individualidade biológica e interdependência volume x intensidade (BOMPA, 2005) pode justificar a diferença de carga de treino absoluta entre os acampamentos infantil e o cadete / juvenil.

Outra variável a ser considerada é o tempo de prática dos jovens esportistas e a importância de mesmo com processo de iniciação na categoria infantil, ocorrer dentro de um padrão ou modelo que possa romper com premissas historicamente consolidadas.

Estudo de Amorim *et al.* (2015b), com objetivo de identificar a idade de iniciação esportiva de atletas de equipes baianas de handebol, identificou que 76,6% dos participantes iniciaram a prática do esporte no estágio de transição, entre 12 e 14 anos de idade (GRECO, SILVA, GRECO, 2012). Diferentemente do ocorrido durante os processos de iniciação dos atletas baianos, predominantemente em estágios posteriores ao recomendado e em ampla maioria continua sendo no espaço escolar. Os Acampamentos Nacionais possibilitam experiências mais próximas aos períodos maturacionais adequados e enfoque no processo de EAT do esporte competitivo propriamente dito.

4.2.2.1 Situação de jogo

No primeiro momento, a situação de jogo foi agrupada para fins de tratamento estatístico em superioridade, superioridade com apoio, igualdade e igualdade com apoio. Pode-se constatar, conforme apresentado na **Tabela 2**, uma incidência geral de atividades em igualdade numérica (36,9%) sem o uso de apoio.

Quando estratificado por categoria e realizado teste de associação (qui-quadrado, $p=0,504$), apesar da ausência de significância estatística, é possível constatar um predomínio de atividades em superioridade na categoria juvenil (58,6%) em detrimento a igualdade, comparada às demais categorias que apresentam referências pareadas (infantil, 51,2% e 48,8%; cadete 50,8% e 49,2%, superioridade e igualdade, respectivamente (**Tabela 2**).

Tabela 2 - Situação de jogo conforme as categorias dos Acampamentos Nacionais de Desenvolvimento e Melhoria Técnica da CBHb. Blumenau, 2014.

Situação de Jogo	Categoria				P-valor
	Infantil	Cadete	Juvenil	Geral	
Superioridade	13 (31,7%)	20 (32,5%)	21 (36,2%)	54 (33,8%)	0,504
Superioridade com apoio	8 (19,5%)	11 (18,0%)	13 (22,4%)	32 (20,0%)	
Igualdade	17 (41,5%)	22 (36,1%)	20 (34,5%)	59 (36,9%)	
Igualdade com apoio	3 (7,3%)	8 (13,1%)	4 (6,9%)	15 (9,4%)	
Total	41 (100%)	61 (100%)	58 (100%)	160 (100%)	

Fonte: Elaborado pelo autor, 2017.

Na prática handebolística competitiva a busca pela superioridade numérica situacional e a manutenção da igualdade numérica estrutural são importantes para a obtenção de melhores resultados, devendo ser evitada a situação de inferioridade como um todo (MUSA *et al.*, 2017). Então, como identificado nos Acampamentos da CBHb, é fundamental que os atletas vivenciem essas duas situações desde sua iniciação esportiva, permitindo o desenvolvimento mais adequado para a tomada de decisão durante o jogo.

Belando e Arias-Estero (2015) investigaram as diferenças entre os jogos 7x7 e 4x4 em relação ao rendimento, percepção do esforço e intensidade da prática. Com a participação de 22 estudantes ($14,5 \pm 5$ anos) em seis sessões de treino, sendo três de cada configuração revelaram que houve maior percepção do esforço e implicações interacionais entre os participantes no jogo 4x4, orientando também para formas de jogos reduzidos caso possua objetivo de maior interação e envolvimento entre os participantes.

Dentre as atividades em superioridade na parte principal das sessões de treino, a estrutura funcional 2x1 é a mais recorrente nas atividades do acampamento em todas as categorias, presente em 14,6% do total das atividades infantil, 18%, cadete e 10,3%, juvenil. Considerando as atividades em igualdade, as estruturas 3x3 e 4x4 representam um total combinado de 29,2% na categoria infantil, 21,3%, cadete e 25,9%, juvenil.

Considerando o teor específico de cada situação de superioridade constata-se que as atividades nas situações 1x0 (1,3%); 1x0+1 (11,3%), 2x0 (5,6%) e 3x0 (1,9%) ocorreram em frequência de 33 atividades

(20,1%), todas correspondente a estruturação da etapa de treino referente aos postos específicos, com predomínio de atividades que envolviam a relação entre um atleta que faz o passe para outro finalizar, recebendo a bola em movimento (**Tabela 3**).

Tabela 3 - Situação de jogo em superioridade (com e sem apoio) e igualdade (com e sem apoio) conforme as categorias dos Acampamentos Nacionais de Desenvolvimento e Melhoria Técnica da CBHb. . Blumenau, 2014.

Situações de Jogo	Categoria			
	Infantil	Cadete	Juvenil	
Superioridade com e sem apoio	1x0	-	1 (1,6%)	1 (1,7%)
	1x0+1	4 (9,8%)	6 (9,8)	8 (13,8%)
	2x0	1 (2,4%)	1 (1,6%)	7 (12,1%)
	2x1	6 (14,6%)	11 (18%)	6 (10,3%)
	2x1+1	3 (7,3%)	1 (1,6%)	1 (1,7%)
	3x0	1 (2,4%)	-	2 (3,4%)
	3x2	1 (2,4%)	2 (3,3%)	-
	4x2	1 (2,4%)	-	-
	4x3	2 (4,9%)	4 (6,6%)	4 (6,9%)
	6x4	1 (2,4%)	1 (1,6%)	1 (1,7%)
	6x5 + 3x2+2	-	1 (1,6%)	1 (1,7%)
	Igualdade com e sem apoio	2x2	2 (4,9%)	1 (1,6%)
2x2+1		3 (7,3%)	8 (13,1%)	4 (6,9%)
3x3		7 (17,1%)	6 (9,8%)	8 (13,8%)
3x3+1		-	1 (1,6%)	2 (3,4%)
3x3+2		1 (2,4%)	1 (1,6%)	1 (1,7%)
4x4		5 (12,2%)	7 (11,5%)	7 (12,1%)
4x4+2		-	1 (1,6%)	-
5x5		1 (2,4%)	-	1 (1,7%)
6x6 + 3x2+1		2 (4,9%)	8 (13,1%)	3 (5,2%)
Total				

Fonte: Elaborado pelo autor, 2017.

Menezes, Reis e Tourinho Filho (2015) indicam que, para o ensino do handebol nas categorias infantil, cadete e juvenil, o uso de situações reduzidas oriundas do jogo formal permite uma melhor qualidade da experiência de estímulo a conduta tático-técnica individual e de grupo. A utilização de estruturas funcionais reduzidas para aprendizado dos elementos do jogo é sugerida em diversos modelos de iniciação ao desenvolvimento esportivo aplicado ao handebol. A diversidade de situações associado à ocupação do espaço relacionado às zonas de ação ofensiva e defensiva podem contribuir para ampliar as possibilidades de

percepção e tomada de decisão (ESTRIGA; MOREIRA, 2013; GRECO; BENDA, 1998; EHRET *et al.*, 2002; GRECO; ROMERO, 2012).

4.2.2.2 Meio e conteúdo geral

Para apresentação dos conteúdos de aprendizagem de uma modalidade coletiva, podem ser utilizados diversos meios. Existem opções metodológicas mais adequadas de acordo com a orientação teórica (referências), mas não se pode perder de vista a relação entre o nível de experiência dos esportistas, o ambiente de ocorrência da prática e os objetivos preteridos em cada atividade.

No que tange aos meios de aplicação dos conteúdos, a utilização de jogos complexos específicos, com 35,6%, e os jogos simples específicos, com 30,6%, predominaram no montante de atividades, com associação estatisticamente significativa (p -valor = 0,011) entre os Acampamentos Nacionais (**Tabela 4**).

Tabela 4 - Meios de aplicação dos conteúdos conforme as categorias dos Acampamentos Nacionais de Desenvolvimento e Melhoria Técnica da CBHb. Blumenau, 2014.

Meios de Aplicação dos Conteúdos	Categoria				p-valor
	Infantil	Cadete	Juvenil	Geral	
Exercício de aplicação simples	7 (17,1%)	9 (14,8%)	19 (32,8%)	35 (21,9%)	0,011
Exercício de aplicação complex	1 (2,4%)	1 (1,6%)	---	2 (1,3%)	
Jogo Simples Específico	10 (24,4%)	24 (39,3%)	15 (25,9%)	49 (30,6%)	
Jogo Complexo Específico	16 (39,0%)	21 (34,4%)	20 (34,5%)	57 (35,6%)	
Pré-desportivo / esporte adaptado	3 (7,3%)	4 (6,6%)	4 (6,9%)	11 (6,9%)	
Exercício + jogo simples Específico	4 (9,8%)	2 (3,3%)	---	6 (3,8%)	
Total	41 (100%)	61 (100%)	58 (100%)	160 (100%)	

Fonte: Elaborado pelo autor, 2017.

Numa relação com as proposições clássica analítica (exercício de aplicação simples e exercício de aplicação complexo), global (jogo simples específico, jogo complexo específico, pré-desportivo) e confrontação (jogo formal) pode-se perceber o predomínio de atividades

globais em 73,1% das atividades propostas no Acampamento Nacional de handebol. Os meios contemporâneos de ensino do esporte coletivo, abordam as condutas táticas como capacidade central para compreensão dos elementos que compõem o jogo (ESTRIGA; MOREIRA, 2013; FEU MOLINA, 2006). Fatores estes, melhor potencializados pelo método global.

Menezes (2012), ao fazer uma reflexão sobre as diferentes abordagens para ensino dos JEC, conclui que o melhor método de ensino esportivo é aquele que utiliza as situações-problema, que contemplem a aleatoriedade dos eventos e a imprevisibilidade das ações, ou seja, tarefas abertas, que permitem múltiplas respostas, presença de mais dominante dos jogos que dos exercícios. Constata-se nas atividades do Acampamento Nacional o uso de jogos em diferentes formas de manifestação, atividades potenciais para o estímulo destas

Uma variabilidade de exercícios de aplicação simples durante a etapa de postos específicos no Acampamento juvenil indicou maior número de atividades desta natureza nesta categoria em detrimento ao Acampamento infantil e cadete.

Durante os Acampamentos Nacionais, os jogos pré-desportivos, quando realizados, ocorriam após a realização do protocolo, estimulando um aspecto que seria objetivo da parte principal atrelado ao princípio de desmarque.

Vancini *et al.* (2015) acreditam que os jogos devem estar presentes nas sessões de treino por estimular respostas criativas individuais e de grupo, motivar os praticantes, estimular aspectos tático-técnicos do jogo formal. Ocorrem contribuições para compreensão da complexidade estrutural e dinâmica que orientam as ações de cooperar entre os membros de sua equipe e opor-se aos membros da equipe adversaria, em função da regulação dos constrangimentos (REVERDITO; SCAGLIA, 2009) e/ou condicionantes de pressão (KROGER; ROTH, 2002).

A diversificação de conteúdos gerais que orientam a prática esportiva aparece nas relações do Acampamento Nacional em ações gestuais individual e de grupo nas sessões de treino e de equipe na competição interna que ocorre como atividade complementar as sessões de treino durante os acampamentos.

No entanto, a **tabela 5** indica que as condutas tático-técnicas de ataque de grupo predominam a planificação das atividades em cerca de metade das atividades que acontecem (53,7% no infantil, 60,7% no cadete e 48,3% no juvenil), com relevância estatisticamente significativa (p -valor = 0,034) para a associação entre os conteúdos gerais dos Acampamentos Nacionais. A utilização de situações-problemas possibilita o

desenvolvimento de capacidade de tomar decisões e estímulos às condutas tático-técnicas de defesa e/ou de ataque (MENEZES; REIS, 2017; MOURA *et al.*, 2008; KNIJINK, 2009).

Tabela 5 - Conteúdo geral conforme as categorias dos Acampamentos Nacionais de Desenvolvimento e Melhoria Técnica da CBHb. Blumenau, 2014

Conteúdo Geral	Categoria				p-valor
	Infantil	Cadete	Juvenil	Geral	
Gesto individual técnico-tático de ataque	4 (9,8%)	7 (11,5%)	9 (15,5%)	20 (12,5%)	0,034
Gesto individual técnico-tático de defesa	1 (2,4%)	1 (1,6%)	1 (1,7%)	3 (1,9%)	
Conduta tático-técnica de grupo de ataque	22 (53,7%)	37 (60,7%)	28 (48,3%)	87 (54,4%)	
Conduta tático-técnica de grupo de defesa	2 (4,9%)	6 (9,8%)	7 (12,1%)	15 (9,4%)	
Gesto técnico-tático de grupo de ataque	6 (14,6%)	2 (3,3%)	10 (17,2%)	18 (11,3%)	
Conduta tático-técnica de equipe de ataque	2 (4,9%)	5 (8,2%)		10 (6,3%)	
Conduta tático-técnica de equipe de defesa	---	1 (1,6%)	---	1 (0,6%)	
Gesto individual técnico-tático + conduta tático-técnica de grupo de ataque	4 (9,8%)	2 (3,3%)	3 (5,2%)	6 (3,8%)	

Fonte: Elaborado pelo autor, 2017.

As relações defensivas também estão presentes nas estruturações das condutas tático-técnicas de ataque, mas adotou-se como critério o objetivo estrutural da atividade para classificar as ações. No plano das orientações de conduta tático-técnica defensiva de grupo, houve predomínio de ações do avançado frente ao jogo 5:1, revelando indícios sobre o padrão de jogo defensivo a ser desenvolvido nas categorias de base do handebol brasileiro.

4.2.2.3 Nível de oposição e fase

O que caracteriza o handebol enquanto esporte de invasão é a oposição entre os jogadores (SCAGLIA; REVERDITO, 2009). Assim, Kinijnik (2004) sinaliza como um dos conceitos básicos para as etapas de iniciação e treinamento de base a presença da oposição.

A diversificação das fases do jogo também deve compor o cenário da prática do handebol, tendo em vista as fases do jogo baseados nas

relações inversamente proporcionais entre as equipes, ou seja, quando uma equipe A ataca a equipe B defende, quando há o retorno a defesa pela equipe A, a outra equipe sai no contra-ataque; quando a equipe A defende, a B, ataca e, por fim, quando a equipe A sai no contra-ataque, a equipe B, realiza o retorno defensivo (SIMÕES, 2002). “Para cada uma dessas fases há as escolhas de sistemas de jogo específicos, que irão nortear o posicionamento e o comportamento tático de todos os jogadores” (MENEZES; REIS, 2010, p.460).

Durante o Acampamento foi identificado domínio geral de 65,6% das atividades relativas à fase mista (que envolvem ações de ataque e defesa), em todas as categorias (73,2%, infantil; 70,5%, cadete e; 55,2%, juvenil), superando a soma de todas as demais, aplicadas entre os atletas do Acampamento Nacional (**Tabela 6**). Dentro dos testes de associação realizado e possíveis pode-se afirmar que existe associação na variável pedagógica fase de jogo (p-valor = 0,009) entre os Acampamentos Nacionais infantil, cadete e juvenil.

Tabela 6 - Fase de jogo conforme as categorias dos Acampamentos Nacionais de Desenvolvimento e Melhoria Técnica CBHb. Blumenau, 2014.

Fase de Jogo	Categoria				P-valor
	Infantil	Cadete	Juvenil	Geral	
Ataque	4 (9,8%)	7 (11,5%)	17 (29,3%)	28 (17,5%)	0,009
Defesa	---	4 (6,6%)	5 (8,6%)	9 (5,6%)	
Contra-ataque	7 (17,1%)	6 (9,8%)	3 (5,2%)	16 (10,0%)	105 (65,6%)
Mista	30 (73,2%)	43 (70,5%)	32 (55,2%)		
Aquecimento goleiro	---	1 (1,6%)	1 (1,7%)	2 (1,3%)	

Fonte: Elaborado pelo autor, 2017.

A velocidade e o ataque em transição são uma característica do handebol moderno e ocupa espaço restrito no acampamento, mas não dispensável, compondo 10% do total de atividades. Menezes, Marques e Morato (2013), estudaram a visão de treinadores esportivos (23,5+ 7 anos de experiência) sobre a transição (contra-ataque/retorno defensivo) no handebol. As análises revelam a importância de variáveis de cunho técnico (como a execução dos fundamentos dos goleiros e dos jogadores de linha) e de cunho técnico-tático (como a dinâmica de ocupação espacial dos jogadores em ambas as estratégias).

Acompanhando o predomínio de atividades mistas, o nível de oposição (embora sem significância estatística, p-valor=0,057) caracterizado pela intervenção ativa do oponente esteve presente em

75,6% das atividades gerais, sendo 82,9% no infantil, 78,7% no cadete e 75,6% no juvenil (**Tabela 7**).

Tabela 7 - Nível de oposição conforme as categorias dos Acampamentos Nacionais de Desenvolvimento e Melhoria Técnica da CBHb. Blumenau, 2014.

Nível de Oposição	Categoria				P-valor
	Infantil	Cadete	Juvenil	Geral	
Sem oposição	7 (17,1%)	9 (14,8%)	17 (29,3%)	33 (20,6%)	0,057
Com obstáculo estático	---	---	2 (3,4%)	2 (1,3%)	
Com obstáculos dinâmicos	---	2 (3,3%)	---	2 (1,3%)	
Com oposição modulada	---	2 (3,3%)	---	2 (1,3%)	
Com oposição	34 (82,9%)	48 (78,7%)	39 (67,2%)	121 (75,6%)	

Fonte: Elaborado pelo autor, 2017.

Menezes (2012) sinaliza que as relações de oposição requerem a capacidade de percepção das situações de jogo para orientar as tomadas de decisão, considerando que existe uma diversidade de soluções para cada situação.

Considerando as estruturas funcionais predominantes, as buscas por condições de situações de jogo orientam a priorizar os conteúdos de aprendizagem em oposição ativa, privilegiando em fases de adaptação a redução do número de defensores para ampliar as possibilidades de sucesso ofensivo, atrelado ao desenvolvimento das trocas, dobras e relações 1x2 para os jogadores que defendem.

4.2.2.6 Presença do goleiro, linha ofensiva e defensiva

A presença do goleiro durante as atividades apresenta-se como uma característica marcadamente dominante (**tabela 8**). Constata que no Acampamento Infantil ocorrem maior percentual de atividades sem os goleiros em detrimento aos demais, 19,5% (cadete, 9,8% e juvenil 10,3%).

Tabela 8 - Presença dos goleiros conforme as categorias dos Acampamentos Nacionais de Desenvolvimento e Melhoria Técnica da CBHb. Blumenau, 2014.

Goleiro	Categoria				P-valor
	Infantil	Cadete	Juvenil	Geral	
Com presença	33 (80,5%)	55 (90,2%)	52 (89,7%)	140 (87,5%)	0,207
Sem presença	8 (19,5%)	6 (9,8%)	6 (10,3%)	20 (12,5%)	

Fonte: Elaborado pelo autor, 2017.

Musa *et al.*, 2017 sinaliza que tem sido recorrente para verificar se as estratégias das equipes estão de acordo com os resultados esperados a utilização de ferramentas de análise de jogo para identificar as relações entre as atividades realizadas em treino e as ações desempenhadas em jogo para que ocorra uma harmonização no processo de treino de forma que considere o verdadeiro contexto do jogo. Assim, atividades que decorram em processo de situações com lançamentos ao gol potencializam experiências reais ao jogo, atrelada à oposição real já sinalizada em tópico anterior.

Todos os jogos pré-desportivos utilizados foram sem goleiro, totalizando 11 atividades. Durante a primeira seção do Acampamento da categoria infantil foram realizadas atividades situacionais de passe ao pivô sem goleiro.

Foram observados que não haviam feedbacks realizados pelos treinadores para os goleiros, pois estes deveriam estar focados nas ações de modulação ofensiva e defensiva. No entanto, os goleiros possuem sessões de treino específicas, orientados pelos preparadores que por vezes, atuavam em conjunto dos goleiros nas atividades de interação com a defesa e o ataque.

Durante as atividades de transição, em que havia a exigência do passe do goleiro, sua participação tornou-se mais ativa em função dos posicionamentos ofensivos e passes realizados para desenvolvimento das atividades.

Não foi possível observar nas sessões de jogador contra goleiro (atividades sem oposição e situação 1x0, 1x0+1, 2x0, 3x0) orientações específicas quanto ao lado, direção e/ou tipo de lançamento realizado pelos atletas, embora houve variação de lançamentos em todos os postos específicos após orientações de posicionamento e coordenação realizadas nas sessões específicas dos goleiros.

Em estudo de Canãdas *et al.* (2011), realizado com praticantes de handebol na categoria infantil, constatou que a atividade que mais motiva os atletas nas sessões de treino é o lançamento da bola ao gol.

Os sistemas ofensivos orientam as ações individuais, de grupo e equipe realizadas pelo ataque com diferentes estruturas, tomando como premissa uma relação posicional (geralmente 3:3) para orientar o comportamento tático flexível para surpreender os defensores (MENEZES, 2017), valendo-se de ações livres, posicional, circulante ou pré-fabricado (KNIJINIK, 2009; FEU MOLINA, 2006).

O lateral é o jogador que está presente em grande maioria das atividades realizadas durante o Acampamento, em ação isolada (4,4%) combinada com o pivô em (16,3%), com o central (13,8%), com o central

e o pivô (20%), outras formas de combinação estiveram presentes em 17,5%. Outro jogador que atua em papel de destaque é o pivô, 2,5% isolado, 16,3% em ações com o lateral, 2,5% com o central, 20% com os jogadores de primeira linha e 16,2% com o ponta e jogadores de primeira linha. As atividades sem definição de um posto ofensivo específico compuseram 10,6% do geral (**tabela 9**).

Ao comparar entre as categorias a participação nota-se que houve maior predomínio da relação entre os jogadores de primeira linha (lateral e central ou central, lateral direito e esquerdo), no acampamento infantil (22,1%), no cadete, lateral com pivô (19,6%), enquanto que no juvenil a relação predominante foi primeira linha com o pivô (24,4%). A relação entre primeira linha com o pivô também é representativa nos acampamentos infantil e cadete somado a relação entre lateral e pivô (**tabela 9**).

Tabela 9 - Linha ofensiva conforme as categorias dos Acampamentos Nacionais de Desenvolvimento e Melhoria Técnica da CBHb. Blumenau, 2014.

Linha Ofensiva	Categoria				p-valor
	Infantil	Cadete	Juvenil	Geral	
Central	1 (2,4%)	1 (1,6%)	2 (3,4%)	4 (2,5%)	0,793
Lateral	1 (2,4%)	3 (4,9%)	3 (5,2%)	7 (4,4%)	
Pivô	1 (2,4%)	1 (1,6%)	2 (3,4%)	4 (2,5%)	
Ponta	1 (2,4%)	2 (3,3%)	2 (3,4%)	5 (3,1%)	
Primeira linha	9 (22,1)	7 (11,5%)	6 (10,3%)	22 (13,8%)	
Central + pivô	1 (2,4%)	1 (1,6%)	2 (3,4%)	4 (2,5%)	
Lateral + pivô	6 (14,6%)	12 (19,6%)	8 (13,8%)	26 (16,3%)	
1ª linha + pivô	10 (24,4%)	10 (16,4%)	12 (20,7%)	32 (20%)	
1ª linha + ponta	3 (7,3%)	2 (3,3%)	3 (5,2%)	8 (5,0%)	
1ª linha + 2ª linha	3 (7,3%)	10 (16,4%)	4 (6,9%)	17 (10,6%)	
Ponta + lateral	---	---	5 (8,6%)	5 (3,1%)	
2ª linha + lateral	---	5 (8,2%)	4 (6,9%)	9 (5,6%)	
Sem posto específico	5 (12,2%)	7 (11,5%)	5 (8,6%)	17 (10,6%)	

Fonte: Elaborado pelo autor, 2017.

Estes dados implicam em afirmar que há uma prevalência de atividades que envolvem o lateral e o pivô em suas mais diversas formas de combinação com o central ou com o ponta. Ao adotar um modelo de jogo posicional, os atacantes assumem postos específicos em função de características que lhes são peculiares. Corroborando com as orientações presentes na literatura (ESTRIGA, MOREIRA, 2013; GRECO, BENDA, 1998), ocorre uma diversificação de experiência da parte dos jogadores em relação as ações ofensivas, permitindo que vivencie as diversas posições de ataque, tendo em vista que o padrão de jogo em fase de

implantação orienta para alternância entre linhas de ataque entre os jogadores dos 9m (primeira linha) e os jogadores que atuam nos 6m (segunda linha).

No handebol, todos os jogadores que atuam no ataque exercem a função de defesa (caso não sejam substituídos). No entanto, ao ocupar os postos defensivos, existe uma nomenclatura específica, assim como as formas de organização dos sistemas defensivos (SIMOES, 2002). Para que haja harmonia nas ações táticas e técnicas defensivas, Antón Garcia (2002) sinaliza a necessidade de se conhecer as funções de cada setor defensivo para que as ações de grupo e equipe mantenham as distâncias necessárias em largura e profundidade adequado ao sistema defensivo adotado.

As ações do segundo foram os postos defensivos mais solicitados nos acampamentos, seja associado ao terceiro, ao avançado ou ao primeiro. A prevalência da atuação do avançado indicam uma opção por um sistema defensivo denominado 5:1, onde um jogador ocupa a segunda linha defensiva na região central da quadra dificultando as ações ofensivas da armação da equipe adversária. A incidência alta de atividades sem defesa (18,8%) está diretamente ligada a parte da sessão de treino de postos específicos realizadas em grande maioria, evidenciando a relação jogador contra goleiro sem a presença de um defensor (**tabela 10**).

Tabela 10 - Posto defensivo conforme as categorias dos Acampamentos Nacionais de Desenvolvimento e Melhoria Técnica da CBHb. Blumenau, 2014.

Posto Defensivo	Categoria				p-valor
	Infantil	Cadete	Juvenil	Geral	
Segundo	6 (14,6%)	10 (16,4%)	5 (8,6%)	21 (13,1%)	0,998
Avançado	1 (2,4%)	---	---	1 (0,6%)	
Primeiro + segundo	---	2 (3,3%)	---	2 (1,3%)	
Segundo + base + avançado	1 (2,4%)	1 (1,6%)	1 (1,7%)	3 (1,9%)	
Sem posto específico	3 (7,3%)	4 (6,6%)	4 (6,9%)	11 (6,9%)	
Sem defesa	6 (14,6%)	8 (13,1%)	16 (27,6%)	30 (18,8%)	
Os dois segundos	---	2 (3,3%)	---	2 (1,3%)	
Segundo + terceiro	3 (7,3%)	7 (11,5%)	3 (5,2%)	13 (8,1%)	
Defensor estático	---	---	2 (3,4%)	2 (1,3%)	
Dois segundos + terceiro	2 (4,9%)	2 (3,3%)	2 (3,4%)	6 (3,8%)	
Defesa 5:1	2 (4,9%)	4 (6,6%)	3 (5,2%)	9 (5,6%)	
Primeiro + segundo + terceiro	2 (4,9%)	5 (8,2%)	6 (10,3%)	13 (8,1%)	
Avançado + base	2 (4,9%)	1 (1,6%)	1 (1,7%)	4 (2,5%)	

avançado + dois Segundos	---	2 (3,3%)	2 (3,45)	4 (2,5%)
Individual	1 (2,4%)	1 (1,6%)	1 (1,7%)	3 (1,9%)
Base + avançado + segundos	3 (7,3%)	5 (8,2%)	6 (10,3%)	14 (8,8%)
Segundos + base	2 (4,9%)	1 (1,6%)	1 (1,7%)	4 (2,5%)
Dois segundos + dois terceiros	1 (2,4%)	---	---	1 (0,6%)
Retorno defensivo equipe	---	1 (1,6%)	---	1 (0,6%)
Segundo marcando individual	6 (14,6%)	5 (8,2%)	5 (8,6%)	16 (10,0%)

Fonte: Elaborado pelo autor, 2017.

4.2.2.5 Implicação cognitiva e espaço de jogo

Castro (2015), inquieto com a recorrente utilização do termo “formar jogadores inteligentes”, resolveu se debruçar sobre materiais não publicados por federações internacionais ou por associações de treinadores. O autor ressalta a importância do papel do treinador como coordenador deste processo, ao propor metodologias que potencializem esta importante dimensão da formação do desportista, justificado pela literatura especializada, considerando a complexidade de relações presentes no jogo e evidenciando a tomada de decisão e ações motoras adequadas às situações. “Jogar deve ser entendido então como uma atividade humana que pode ser libertadora se inteligente e criativa; no infinito processo de humanização do ser humano” (CASTRO, 2015, p. 303).

No ponto de vista da implicação cognitiva pode-se afirmar que os Acampamentos Nacionais procuram diversificar as formas de estímulos frente as diversas situações de jogo, em que as progressões de implicações cognitivas ocorrem dentro de cada sessão de treino em função da especificidade de conteúdo trabalhado em cada sessão.

Embora as atividades possuam similaridades estruturais, o tempo para progredir e a vivência em cada categoria e conteúdo depende dos sujeitos envolvidos nas tarefas.

“Os meios táticos são formas de combinações ofensivas (com e sem a posse da bola) e defensivas (obrigatoriamente sem a posse da bola) que visam obter êxito perante os jogadores da equipe adversária” (MENEZES, 2012, p. 57). No jogo de handebol interagem no ataque 6 jogadores para cooperar entre os companheiros e 6 jogadores para se opor defensivamente, excluindo o goleiro.

Tabela 11 - Implicação cognitiva conforme as categorias dos Acampamentos Nacionais de Desenvolvimento e Melhoria Técnica da CBHb. Blumenau, 2014.

Implicação Cognitiva	Categoria				p-valor
	Infantil	Cadete	Juvenil	Geral	
1x0 - sem relação, com intervenção individual	6 (14,6%)	8 (13,1%)	18 (31,0%)	32 (20,0%)	0,376
2x1,1x1 - Relacionamento com um companheiro e/ou adversários.	9 (22,0%)	14 (23,0%)	7 (12,1%)	30 (18,8%)	
3x2,2x2 - Relacionamento com dois companheiro e/ou adversários.	10 (24,4%)	19 (31,1%)	10 (17,2%)	39 (24,4%)	
4x3, 3x3 - Relacionamento com três companheiros e/ou adversários.	10 (24,4%)	12 (19,7%)	15 (25,9%)	37 (23,1%)	
5x4, 4x4 - Relacionamento com quatro companheiros e/ou adversários.	5 (12,2%)	8 (13,1%)	7 (12,1%)	20 (12,5%)	
7x6, 6x6, 5x5 - Relacionamento com toda a equipe e adversários.	1 (2,4%)	---	1 (1,7%)	2 (1,3%)	

Fonte: Elaborado pelo autor, 2017.

Do ponto de vista estrutural, as atividades do acampamento ocorrem predominantemente em meia quadra ou $\frac{1}{4}$ de quadra em todas as categorias (infantil, 87,8%, cadete, 91,8% e juvenil 94,8%). As atividades quando ocorrem em $\frac{1}{4}$, acontecem de forma alternada, dinamizando a tarefa e diminuindo o intervalo entre a participação ativa e o repouso.

As atividades de contra-ataque e o retorno a defesa são contempladas no acampamento, mas não ocupam % significativo do número de atividades realizadas. As formas de aquisição de elementos do handebol em 8 alunos ($18,25 \pm 1,04$ anos) em espaços reduzidos ($10 \times 7,5\text{m}$) possui maior frequência de ações de sucesso defensivas, enquanto que no espaço mais amplo ($20 \times 7,5\text{m}$) ocorrem maiores situações de desmarque (CLEMENTE; ROCHA, 2013).

A variação do espaço contribui para a mudança de ênfase na relação do aprendizado das dimensões de atacar e defender no handebol. Quanto maior o espaço, maior favorecimento à elementos ofensivos e maior exigência defensiva e quanto menor, maior favorecimento de êxito defensivo e maior exigência ofensiva para manutenção da posse de bola em atividades que aparentemente focam o passe/recepção, mas que estimulam o desmarque, o oferecer-se, a finta, a antecipação e a interceptação, deslocamentos ofensivos e defensivos na mesma unidade de tempo.

Estes achados, mesmo com número de participantes reduzidos, podem servir de orientação para estruturação do processo de ensino do comportamento tático-técnico em jovens praticantes, corroborando com investigações da área que sugerem estruturação de progressão de graus de complexidade (GRECO, BENDA, 1998b; PAES, OLIVEIRA, 2004). As diferenciações pairam na sugestão de propostas reduzidas considerando a oposição e o companheiro para facilitar a aprendizagem dos elementos do jogo em detrimento dos condicionantes coordenativos e habilidades estruturados de forma individualizada.

Tabela 12 - Utilização do espaço de jogo conforme as categorias dos Acampamentos Nacionais de Desenvolvimento e Melhoria Técnica da CBHb. Blumenau, 2014.

Espaço Utilizado	Categoria				P-valor
	Infantil	Cadete	Juvenil	Geral	
¼	18 (43,9%)	35 (57,4%)	29 (50,0%)	82 (51,2%)	0,369
Meia quadra	18 (43,9%)	21 (34,4%)	26 (44,8%)	65 (40,6%)	
Quadra completa	5 (12,2%)	5 (8,2%)	3 (5,2%)	13 (8,1%)	

Fonte: Elaborado pelo autor, 2017.

4.3 CONTEÚDOS TÁTICO-TÉCNICOS INERENTES AO PADRÃO DE JOGO DESENVOLVIDO NAS ATIVIDADES DO ACAMPAMENTO NACIONAL

O material de divulgação do Acampamento Nacional de Handebol, chama atenção para o slogan adotado: “Trabalhando o Presente para construir o Futuro”. Quando se busca o processo de desenvolvimento esportivo ao longo do tempo é importante considerar que ele seja inteligente para resolver as demandas oriundas do jogo adaptando-se constantemente em função dos modelos de jogo preterido na organização tático-técnica da equipe ofensiva e defensivamente (**figura 27**).

Figura 27 - Banner divulgação Acampamento Nacional de Handebol



Fonte: CBHB, 2014b.

Pensar em construir o Futuro a partir de ações no Presente, como expresso também nos objetivos dos Acampamentos orientados para “padronizar a forma como o handebol é praticado em todas as regiões do País” (CBHb, s/d), carece de uma compreensão sobre quais os valores pretende ser desenvolvidos nos ambientes de prática e quais as diretrizes que irão orientar as formas de jogar ao longo dos anos, considerando as peculiaridades de cada categoria de formação (infantil, cadete, juvenil) e mantendo relação com o que se propõe para a categoria adulta.

No último mundial adulto masculino, realizado na França, em janeiro de 2017, dos dezoito (18) atletas convocados para a seleção brasileira, quinze (15) participaram dos Acampamentos Nacionais que ocorrem ao longo dos anos de forma independente às fases de treinamento das seleções de base.

Existem diversos conceitos que sustentam distintos métodos de ensino precisam ser compreendidos como possibilidades de orientar padrões de jogo, tendo em vista diferentes estímulos orientados a ignorar “o constante reducionismo do jogo a simples esquemas de movimento, a especialização precoce e modelos tidos como “ideais” a serem

perseguidos (seja de habilidades motoras, de jogadores ou de esquemas táticos)” (MENEZES, 2012, p. 40).

Dentre as diversas definições de modelo, Santos (2016, p.23) retrata o modelo “como uma representação simbólica de uma entidade ou evento, constituída pelos seus elementos característicos, que facilite ou realce a identificação e o reconhecimento do todo ou das partes constituintes e a sua inter-relação”.

Neste contexto, ao pensar em um padrão de jogo, ele precisa estar presente em todo o processo organizacional para estímulos dos condicionantes que orientam as capacidades para a representação das formas de jogar (modelo de jogo proposto), durante o treino, palestras, jogo formal, servindo de referência para orientar condutas de todos os praticantes em função dos objetivos anunciados e visa aplicações conscientes e não meramente reprodução de exercícios sem estabelecer as relações com as formas que se pretende jogar. Em síntese, o padrão de jogo define como a equipe irá se comportar frente as diversas situações presentes no jogo (GARGANTA, 1996).

O desenvolvimento tático-técnico precisa ser estruturado em todas as atividades da sessão de treino em detrimento ao treinamento de variáveis técnicas e táticas fragmentadas. Acredita-se que a sistematização e a organização dos conteúdos da sessão de treino em progressões de complexidade das atividades envolvendo multiplicidades dos elementos que compõem o jogo, qualificam o tempo, a transferência para situação real de jogo das aprendizagens adquiridas e, como consequência, o desenvolvimento tático-técnico.

Para Garganta (1996), ao se pensar em um padrão de jogo, o treinador esportivo deve considerar o que existe no jogo de alto nível de rendimento no que tange as características essenciais comuns, identificando o que seria o modelo de jogo evoluído. Em seguida, considerar as características socioculturais, o perfil dos jogadores (biotipológica e física) e as condições de treino. Ao traçar o padrão de jogo para sua equipe não pode perder de vista também as tendências evolutivas do jogo.

Neste sentido, para orientar as estratégias de desenvolvimento tático-técnico que orientam o padrão de jogo a ser desenvolvido apresentado durante as atividades dos Acampamentos Nacionais foram tecidas análises sobre as sessões de treino, aprofundando nos conteúdos tático-técnicos de ataque e de defesa trabalhados.

O planejamento das atividades é previamente estruturado, apresentado e discutido entre os treinadores antes de cada sessão de treino. Sua estrutura não está completamente fechada e pode ter alterações em

função de demandas pontuais de cada grupo de trabalho sem perder o foco nos objetivos propostos.

Algumas orientações presentes no material de apoio disponibilizado pela CBHb (2014, s/p.) sobre a condução das atividades pelos treinadores esportivos:

Intervir o menos possível na sessão de treinamento, devem ser claros ao explicar o exercício e dar o máximo protagonismo ao atleta; fazer as correções na base do programa estabelecido e os objetivos que se quer alcançar no dia; respeitar os horários estabelecidos e a duração da atividade; selecionar a informação que se dá aos jogadores; Orientação nas partidas baseadas nos conteúdos do treinamento; Respeito para os tempos de trabalho e descanso (partidas-treinamento).

Os relatos das experiências práticas orientam para uma relação contemporânea nos Acampamentos Nacionais sobre os processos de ensino, aprendizagem e organização do ambiente pedagógico, mostrando-se atual em aspectos ligados à estrutura do modelo de treino e estrutura do Acampamento em consonância com a literatura da Pedagogia do Esporte (DE ROSE JR, 2006; SCAGLIA; REVERDITO, 2009; GRECO; SILVA; GRECO, 2012; ESTRIGA; MOREIRA, 2014, BETTEGA *et al.*, 2015).

A ênfase dada às orientações para a condução das tarefas de treino aos treinadores traz indícios de uma concepção de gestão de sessão de treino centrada no aprendiz, avançando sobre pilares tradicionais de educação que possuem o treinador esportivo como centro processo de ensino-aprendizagem. Neste cenário, o conhecimento se torna fruto de experiências vivenciadas individualmente e refletidas com os companheiros mediada pelo treinador esportivo (MILISTETD, 2014).

As observações realizadas durante as sessões de treino permitem sinalizar que os Acampamentos Nacionais promovem também, experiências de aprendizagem para os treinadores esportivos convidados que atuam em duplas junto ao seu grupo de trabalho, supervisionados pelo coordenador de quadra.

As intervenções do coordenador ocorrem de forma pontual para os treinadores e de forma mais incisiva para os atletas, servindo também de referência comportamental sobre as formas de lidar com as situações planejadas em linhas gerais por outro que, por vezes é constado dificuldades de proferir feedbacks sobre a estrutura da tarefa, sobre o posicionamento dos envolvidos nas tarefas e, principalmente sobre meios de ajudar aos alunos a perceberem as variabilidades de respostas frente às

situações de aprendizagem previstas prioritariamente abertas, ou seja, permitem diversas respostas.

O Acampamento Infantil possui um número menor de sessões de treino do que o Acampamento Cadete e juvenil. Enquanto que no primeiro são 5 sessões de treino, nos demais são 7 sessões de treino. “O aspeto mais importante no treino é, portanto, escolher, de forma criteriosa, aqueles que são os exercícios mais efetivos e eficazes para se atingir o maior rendimento da equipe” (SANTOS, 2016, p. 16). Todo o trabalho deve ter clareza de objetivos e alinhamento com o padrão de jogo tático-técnico a ser orientado tendo viés de melhorias individuais e de equipe.

Para haver aprendizagem as proposições de conteúdos devem estar adequadas aos praticantes, bem como ter relação com suas expectativas e interesses, estando “um pouco além das capacidades e competências já adquiridas e ser suficientemente desafiador para despertar a motivação e o entusiasmo para a aprendizagem” (TANI, BASSO, CORREIA, 2012, p. 339).

Tani, Basso e Correia (2012) fazem as críticas ao processo de iniciação esportiva precoce, sintetizando como “a submissão do aluno a uma experiência para a qual ainda não está devidamente preparado”. Assim, a articulação entre os objetivos preteridos mesmo com foco no desenvolvimento a longo prazo deve estar atrelada a considerar as peculiaridades dos jovens praticantes e aos seus anseios do presente sobre o conjunto de experiências desenvolvidas no aprendizado das diversas capacidades inerentes à modalidade.

Quando da sistematização de experiências de aprendizagem, orientada pela dinâmica proveniente do jogo (GARGANTA, 2004), torna-se importante avançar sobre conteúdos e métodos que privilegiem comportamentos descontextualizados. Não trata de deixar de desenvolver as habilidades motoras e o refino do gesto técnico em prol da inteligência de jogo e comportamento tático. A adequação entre estas perspectivas contribui para o desenvolvimento esportivo e aprendizado das competências inerentes ao jogo.

Os conteúdos do jogo descritas nas tabelas **13** e **14** partem de uma síntese elaborada a partir dos conteúdos sistematizados por teóricos que discutem a especificidade da modalidade (GARCÍA, 1995; GRECO, 2000; SIMÕES, 2002; FEU MOLINA, 2006; KNIJNIK, 2009; MENEZES, 2011; EHRET *et al.*, 2002; ESTRIGA; MOREIRA, 2014; SANTOS, 2014; MENEZES; REIS, 2017). Estes aspectos contribuem para orientação do padrão de jogo proposto pela CBHb e como se processam nas atividades de treino, sendo sistematizado assim, um modelo de treino para os Acampamentos Nacionais.

Os conteúdos ofensivos inerentes ao padrão de jogo revelados na **tabela 13** e nas análises descritivas das sessões de treino⁷ são os seguintes: Jogo em desdobramento do sistema 3:3 para o 2:4 (com lateral e com o central); ataque em espaços livres (para criar situações de superioridade numérica na continuidade da ação ofensiva); circulação do ponta; desmarque sem bola e oferecer-se; ações dos jogadores de primeira linha com o pivô; jogo 2x2; saída marcação individual contra defesa mista 5+1 (STOP); melhora dos postos específicos. Em relação ao jogo em transição, o conceito de passe ao futuro, por meio da melhoria do passe em deslocamento; orientação para o posicionamento para realizar a transição distante dos 6m.

Tabela 13 - Conteúdo de ataque conforme as categorias dos Acampamentos Nacionais de Desenvolvimento e Melhoria Técnica da CBHb. Blumenau, 2014.

Conteúdo de Ataque	Categoria			
	Infantil	Cadete	Juvenil	Geral
Ataque em profundidade	1 (2,4%)	2 (3,3%)	2 (3,4%)	5 (3,1%)
Ataque em superioridade	2 (4,9%)	1 (1,6%)	---	3 (1,9%)
Circulação do ponta	2 (4,9%)	3 (4,9%)	---	5 (3,1%)
Desdobramento do central	3 (7,3%)	10 (16,4%)	8 (13,8%)	21 (13,1%)
Desmarque e oferecer-se	4 (9,8%)	7 (11,5%)	7 (12,1%)	18 (11,3%)
Desdobramento do lateral	7 (17,1%)	3 (4,9%)	4 (6,9%)	14 (8,8%)
Cruzamento lateral-central	1 (2,4%)	1 (1,6%)	1 (1,7%)	3 (1,9%)
STOP - saída marcação individual	6 (14,6%)	5 (8,2%)	5 (8,6%)	16 (10,0%)
Jogo 2 x 2 - lateral/pivô	2 (4,9%)	5 (8,2%)	3 (5,2%)	10 (6,3%)
Passe do central ao pivô	1 (2,4%)	1 (1,6%)	1 (1,7%)	3 (1,9%)
Desdobramento da armação	1 (2,4%)	2 (3,2%)	1 (1,7%)	4 (2,6%)
Ações em situação de falta	---	4 (6,6%)	3 (5,2%)	7 (4,4%)
Desmarque avançado + jogo com pivô	1 (2,4%)	---	---	1 (0,6%)
Jogo com reposicionamento do pivô	1 (2,4%)	5 (8,2%)	4 (6,9%)	10 (6,3%)
Postos específicos - finalização da ponta	1 (2,4%)	2 (3,3%)	4 (6,9%)	7 (4,4%)
Engajamento - fixação do defensor e passe	---	1 (1,6%)	1 (1,7%)	2 (1,3%)
Engajamento - finalização do lateral	1 (2,4%)	2 (3,3%)	4 (6,9%)	7 (4,4%)

⁷ Vide Apêndice B : Estrutura das sessões de treino do Acampamento Nacional das categorias infantil, cadete e juvenil

Finalização do ponta no pivô após circulação	---	---	1 (1,7%)	1 (0,6%)
Finalização do lateral no pivô após desdobramento	---	---	2 (3,4%)	2 (1,3%)
Postos específicos - finalização do pivô	1 (2,4%)	1 (1,6%)	3 (5,2%)	5 (3,1%)
Postos específicos - Finalização do central	1 (2,4%)	1 (1,6%)	2 (3,4%)	4 (2,5%)
Contra ataque - melhora passe em movimento	5 (12,2%)	4 (6,6%)	1 (1,7%)	10 (6,3%)
Precisão lançamento - Aquecimento goleiro	---	1 (1,6%)	1 (1,7%)	2 (1,3%)

Fonte: Elaborado pelo autor, 2017.

A diversificação de ações de postos específicos nos acampamentos e a preocupação em eleger a parte final de todas as sessões de treino para esta atividade contribui para evidenciar que os objetivos centrais do acampamento estão orientados para o desenvolvimento de condutas tático-técnicas em detrimento ao refino de habilidades. No acampamento promovido pela Real Fedaración Española, havia um turno dedicado a realização de testes motores para os atletas como atividade a ser desenvolvida (RFEBM, 2010)

O processo de automatização de ações motoras realizados de forma adequada o processo de ajustamento, eficiência, eficácia e tomada de decisão das habilidades motoras possibilita que o atleta execute os gestos do jogo de forma natural e oriente sua atenção à percepção da situação-problema para tomar as decisões táticas adequadas ao contexto. Esta dimensão é reforçada por Eugen, Zenovia e Constantin (2014) quando sinalizam que a melhoria do treinamento gestual possibilita ampliação do repertório de possibilidades para resolver situações inesperadas durante uma partida.

Os conteúdos defensivos inerentes ao padrão de jogo revelados na **tabela 14** e nas análises descritivas das sessões de treino⁸ são os seguintes: recuperação da posse de bola, estabelecer comportamento ativo para manter os atacantes longe do gol, melhora na relação 1x1, 1x2 e 2x2; jogo contra desdobramentos do central, lateral e circulação de ponta; sistema 5:1; deslocamentos e técnicas gestuais para marcação do pivô.

⁸ Vide Apêndice B : : Estrutura das sessões de treino do Acampamento Nacional das categorias infantil, cadete e juvenil

Tabela 14 - Conteúdo de defesa conforme as categorias dos Acampamentos Nacionais de Desenvolvimento e Melhoria Técnica da CBHb. Blumenau, 2014.

Conteúdo Geral	Categoria			
	Infantil	Cadete	Juvenil	Geral
Defesa jogo ponta/circulação	2 (4,9%)	4 (6,6%)	2 (3,4%)	8 (5,0%)
Defesa 6:0	4 (9,8%)	2 (3,3%)	2 (3,4%)	8 (5,0%)
Defesa 5:1	2 (4,9%)	3 (4,9%)	1 (1,7%)	6 (3,8%)
Melhora 1x2	5 (12,2%)	9 (14,8%)	4 (6,9%)	18 (11,3%)
Defesa contra jogo em desdobramento	---	2 (3,3%)	3 (5,2%)	5 (3,1%)
Ação do avançado	4 (9,8%)	9 (14,8%)	11 (19,0%)	24 (15,0%)
Interceptação	2 (4,9%)	2 (3,3%)	2 (3,4%)	6 (3,8%)
Troca defensiva - melhora 2x2	3 (7,3%)	6 (9,8%)	4 (6,9%)	13 (8,1%)
Antecipação contra bloqueio ofensivo	6 (14,6%)	6 (9,8%)	6 (10,3%)	18 (11,3%)
Ação do avançado + base	1 (2,4%)	---	---	1 (0,6%)
Deslocamento defensivo em inferioridade	---	4 (6,6%)	2 (3,4%)	6 (3,8%)
Sem defesa	6 (14,6%)	8 (13,1%)	16 (27,6%)	30 (18,8%)
Defesa passiva	---	---	2 (3,4%)	2 (1,3%)
Melhora 1x1 (individual)	3 (7,3%)	2 (3,3%)	2 (3,4%)	7 (4,4%)
Retorno defensivo	3 (7,3%)	2 (3,3%)	1 (1,7%)	6 (3,8%)
Interceptação	---	2 (3,3%)	---	2 (1,3%)

Fonte: Elaborado pelo autor, 2017.

Menezes e Reis (2017, p. 173) entrevistaram treinadores com mais de 23 anos de experiência que sinalizam ser importante variar os sistemas defensivos em função das demandas ofensivas adversárias. “As alterações no cenário do jogo provocadas pelos atacantes implicam percepção e identificação, pelos defensores, de aspectos que permitam planejar suas ações e dificultar o encadeamento das ações ofensivas”.

Os autores identificaram comportamentos ofensivos orientados para ações contra o sistema ofensivo clássico (ataque 3:3): impedir a recepção dos pontas; variabilidade do jogo defensivo; continuidade do jogo defensivo; dificultar o jogo com o pivô; flutuação, cobertura, dissuasão e basculação (deslizamento) e; trabalho conjunto defensor-goleiro. As ações defensivas contra os sistemas 2:4 e 4:2, seriam as seguintes: diminuir a velocidade do jogo ofensivo; alternância de sistemas defensivos; adaptação às mudanças de sistemas ofensivos; marcação, flutuação e troca de marcação; dificultar a produção de espaços. Estas premissas aparecem nos conteúdos das sessões de treino do Acampamento Nacional.

Menezes e Dias (2015) entrevistaram onze treinadores de handebol escolar responsáveis pelas equipes de treinamento fora do turno escolar e que disputam as competições da Liga de Handebol Escolar de Ribeirão Preto/SP com 14,7 anos ($\pm 8,1$) de experiência, para identificar os conteúdos e métodos do comportamento defensivo nas categorias mirim e infantil. Existe uma ênfase para marcação individual. “Os treinadores optam pelo desenvolvimento de aspectos relacionados ao posicionamento dos jogadores, à indução às regiões laterais da quadra e à marcação propriamente dita” (MENEZES; DIAS, 2015, p. 273).

Os autores revelam como possibilidades o método analítico, situacional e global. No entanto, é mais preferido pelos treinadores o método analítico “para o ensino de determinadas movimentações/posicionamentos defensivos de maneira descontextualizada às exigências do jogo” (MENEZES; DIAS, 2015, p. 273). Nos resultados, são apresentados que existe uma preocupação com o desenvolvimento de diferentes aspectos do jogo, incluindo o comportamento defensivo, partindo de uma relação gestual para uma relação de conduta desde o mirim, com ênfase na marcação individual.

Em estudo de Souza *et al.* (2013) que avaliou os comportamentos táticos que podem ser alterados após 20 sessões de treino de futsal baseada no TGFU, em 18 jogadores da categoria sub-14. As conclusões apontam que os treinos foram eficazes para a melhora da unidade defensiva que levou a uma melhora no desempenho tático global e compreensão do jogo coletivo no ataque entre os jogadores avaliados.

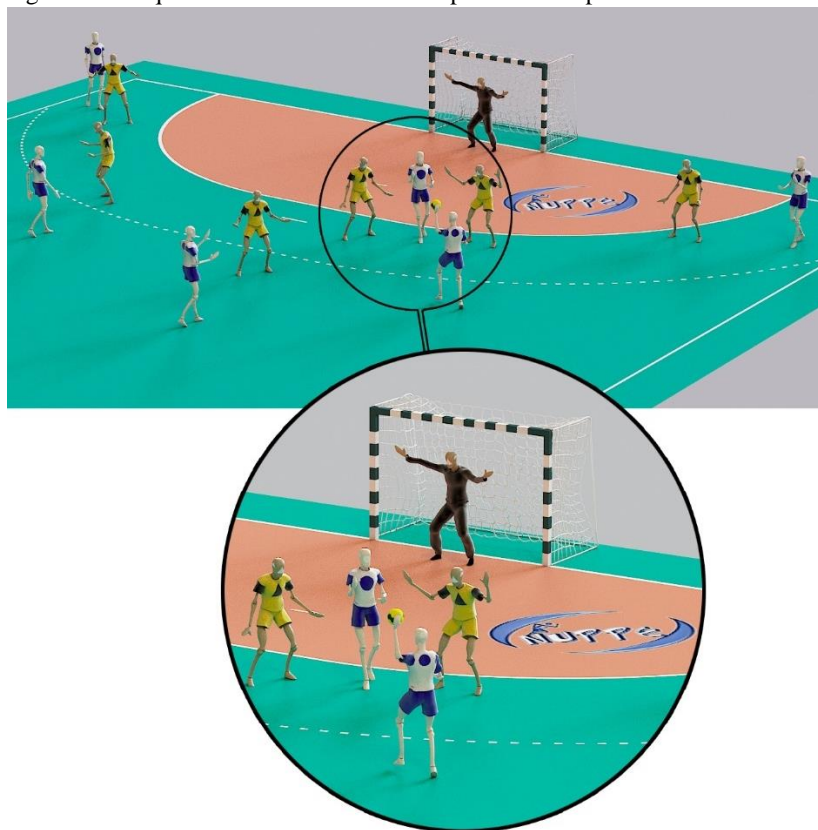
A manutenção do princípio de unidade defensiva parte de uma coesão, efetividade e equilíbrio entre os jogadores de defesa, organizando os deslocamentos em função das variabilidades das situações decorrentes do jogo (SOUZA *et al.*, 2013). Os comportamentos defensivos não devem ser orientados para reagir frente as ações ofensivas, mas de constantemente criar situações para induzir os atacantes a ocupar áreas da quadra que limitem suas ações e possuam as ações defensivas favoráveis (MENEZES; REIS, 2017).

A noção de padrão de jogo está balizada por orientações e regulação de condutas tático-técnicas individuais, de grupo e coletivas tendo em vista um padrão sistemático de jogo em meio a complexidade estrutural das tarefas presentes no jogo. A concepção estratégico-tática redefine o sentido do jogar, pois vê o jogo a partir da disputa de objetivos, intenções e estratégias, concebendo todas as ações como situações estrategicamente determinadas (CASTRO, 2013).

Na figura 28 encontra-se em síntese as propostas de orientação de condutas tático-técnicas presentes de forma representativa nas atividades

do acampamento infantil, cadete e juvenil. Sistema defensivo 5:1, estímulo ao jogo 2x2 lateral e pivô. Seja com passe vindo do ponta ou do central, seja após realização do desdobramento ou da circulação. O padrão de jogo proposto nas três categorias privilegia a relação 2x2 para criar condições de vantagem a partir do jogo com o pivô após transformação do sistema ofensivo do jogo 3:3 para 2:4. O conceito de continuidade e fixação defensiva aparece a medida em que se avançam as estruturas funcionais. Na categoria infantil havia uma tendência a finalizar as ações dentro desta lógica dado a ênfase em atividades 2x1, 2x2 e 2x2+1 e no cadete e juvenil, somado as situações anteriores o estímulo a continuidade presentes em formas de jogos a partir do sistema 4x4.

Figura 28 - Esquema de estrutura funcional padrão Acampamento Handebol.



Dentre os modelos de apresentação das ações de jogo constata-se a opção de uma estrutura de jogo pré-fabricada nos Acampamentos Nacionais definida pelos deslocamentos dos jogadores e da bola ser pré-determinado guiado por combinações coletivas parcialmente fechadas (FEU MOLINA, 2006), onde as ações dos jogadores partem de indícios comportamentais previamente definidos de forma a facilitar a percepção da situação-problema e permitindo que o atacante e/ou defensor, dedique sua atenção a distribuição espacial de seus oponentes, prioritariamente desdobramento dos jogadores de primeira linha ou circulação de ponta. Após o início da movimentação ofensiva, a ação tática pode ser reorientada em função da percepção dos jogadores com e sem a bola dos meios de criar vantagem sobre a situação e ter uma clara chance de marcar o gol.

As ações ofensivas coletivas apresentadas nos Acampamentos Nacionais são desdobramento do lateral, desdobramento do central, circulação do ponta e STOP (saída da marcação individual 5+1), visando criar oportunidades de superioridade numérica, jogando em continuidade. O padrão de jogo defensivo preterido pela seleção brasileira é o 5:1. Feu Molina (2006) aponta como vantagem desta estrutura quando não há padrão definido de comportamentos e como desvantagens, os comportamentos automatizados que podem facilitar a antecipação defensiva e não ser de acordo com os princípios construtivistas que devem orientar a formação de base.

Torna-se necessário, garantir a variabilidade de ações dentro da complexidade estrutural do jogo, estimulando autonomia para decidir em função do comportamento defensivo. Como há uma intencionalidade em criar um padrão de jogo a ser aplicado em todas as etapas de formação, este modelo surge como o que pode ser melhor estruturado em relação aos objetivos das seleções, tendo em vista que o livre, o posicional e o circulante não possuem em seus pressupostos aspectos que possam contribuir para atender aos anseios.

Esta estruturação de sessão de treino valorizando os meios tático como antecedente aos meios técnicos é uma compreensão importante para o processo de formação esportiva em esportes coletivos. As experiências situacionais de estruturas funcionais coadunam com as perspectivas presentes na literatura e trazem elementos que levam a indagações sobre a relação entre o título do Acampamento e os conteúdos e estratégias de desenvolvimento apresentados.

Milisted *et al.* (2016) trazem reflexões importantes sobre as mudanças pontuais promovidas pela memorização (aprendizagem superficial) por não serem duradouras e as mudanças promovidas pela

compreensão dos conceitos (aprendizagem profunda) que tendem a ser ressignificadas a partir dos conhecimentos prévios. Assim, determinadas formas de organização de cursos e capacitações atuam no viés da aprendizagem superficial e movido por muitos treinadores esportivos para obtenção de novos exercícios para seus treinos.

Diferentemente do processo profundo que demanda na aplicação de conceitos por meio de atividades na realidade para novamente ser teorizados. Aos treinadores esportivos que participam diretamente das atividades do acampamento, é possível avançar sobre as premissas apresentadas e modificar condutas em sua realidade para além da experiência formativa na seleção e, como consequência, possibilitar que os atletas possam ter o alcance esperado pelo idealizador das ações.

O que se pode dizer é que foi imposta uma estrutura previamente fechada sobre conteúdos, métodos e padrão de jogo tendo as ações previstas para a seleção adulta como fio principal que orienta o padrão de jogo a ser adotado em todas as categorias de formação. Traz indícios para mudança de comportamentos sobre o processo de formação esportiva a longo prazo, valendo-se de meios de acampamentos e processo construído ao longo de um tempo. No entanto, a ausência de significância estatística em determinadas variáveis revela indícios de que embora haja uma estrutura similar, em cada Acampamento Nacional, são desenvolvidas experiências diferenciadas aos envolvidos na dinâmica das atividades realizadas.

A carência de princípios e meios de sistematizar o processo de ensino-aprendizagem nas etapas de formação do handebol brasileiro visando um processo a longo prazo, sinalizam que ambas passagens de Jordi Ribera deixaram legados importantes para o processo de desenvolvimento da modalidade no país para todos os envolvidos.

Não é possível afirmar que os treinadores esportivos modificaram de forma permanente suas práticas nem que os atletas foram capazes de replicar em suas realidades os conhecimentos obtidos no acampamento. Mas pode-se afirmar que os Acampamentos Nacionais são ambientes de aprendizagem rico para treinadores esportivos, membros da comissão técnica, atletas participantes, equipe de saúde de apoio e equipe de arbitragem envolvida que cumpre com os objetivos sobre a estrutura de funcionamento e as proposições do modelo de treino em consonância com a literatura contemporânea em Pedagogia do Esporte.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados revelaram que as estratégias utilizadas para o desenvolvimento tático-técnico dos atletas fazem uso de conhecimentos oriundos de distintos modelos de ensino dos esportes, servindo para contribuir em ambientes de prática sobre a necessidade de se pensar os processos dinâmicos e complexos que orientam a prática esportiva também orientado por diversas perspectivas. As abordagens dos Jogos para Compreensão (TGFU) e da Iniciação Esportiva Universal orientam condutas que contribuem para aquisição de experiências de prática que sustentarão as escolhas dos jovens frente as situações-problemas enfrentadas na prática esportiva.

“O Acampamento Nacional de Desenvolvimento e Melhoria Técnica” constitui em um ambiente de prática adequado para o desenvolvimento de valores positivos e o processo de apresentação de uma concepção de jogo a ser estimulada em todas as categorias. Entende-se que a nomenclatura dos Acampamentos Nacionais em todas as categorias é reducionista ao evidenciar a melhoria técnica como terminologia sumária. Sugere adequação para considerar o desenvolvimento tático-técnico, baseado nos aspectos identificados nas sessões de treino dos quais passo a narrar.

No que diz respeito ao percurso histórico, base conceitual e estrutura de funcionamento dos Acampamentos Nacionais promovidos pela CBHb, as evidências encontradas revelam que a realização dos Acampamentos Nacionais contribuiu para o desenvolvimento esportivo por oportunizar experiências de aprendizagem ao longo dos dias de trabalho. Cada sessão de treino orienta-se para uma dimensão do padrão de jogo em fase de implantação sistematizado por Jordi Ribera. As atividades do acampamento sugerem uma tríade formativa, articulada entre a sessão de treino, a análise de vídeo e competição, com regras e normas de comportamento diretamente relacionada ao conteúdo proposto nas sessões de treino.

Quanto ao modelo de treino presente nas atividades das sessões de treino investigadas, os resultados apontam que nas categorias infantil (sub14), cadete (sub16) e juvenil (sub18) existe uma relação proximal de conteúdos, métodos e princípios, servindo de orientação para implantação do padrão de jogo proposto.

As tarefas são situacionais e se adequam aos praticantes, embora a seleção de conteúdos e formas de intervenção são apresentadas de forma vertical da Direção do Acampamento para a equipe de apoio, treinadores esportivos em formação e aos atletas.

Todas as sessões de treino iniciam com um protocolo de aquecimento, com duração média de 12 minutos, para favorecer a ativação dinâmica musculomioarticular por meio de exercícios coordenativos, atividades balísticas e domínio de centro (CORE) e diminuir potencial risco de lesão. A estratégia está de acordo com as tendências do treinamento esportivo e possibilitam que os atletas treinem sobre alto volume.

Na parte principal do treino identificou-se uma importante participação dos postos ofensivos: lateral, central e pivô e defensivos: segundo, avançado e base; tendo em vista o sistema defensivo 5:1. Ocorre uma ênfase no jogo com o pivô (posicionado ou consequência de ações pré-organizadas chamadas de desdobramento ou circulação).

Constatou-se a preocupação com o aumento de implicação progressiva dentro de cada sessão de treino e ações em predomínio de superioridade 2x1, 3x2 e 4x3 com ou sem apoio em detrimento a igualdade numérica. O espaço de jogo prioritariamente utilizado é a meia quadra e, quando as ações acontecem em um quarto, as atividades tendem a ser organizadas em alternância dos lados. Os conceitos propostos não sofrem influência da organização do espaço com duas quadras oficiais divididas em boa parte dos treinos entre quatro grupos de trabalho.

Pode-se concluir que pensar em um processo de padronização das atividades de jogo requer seleção adequada de conteúdos atrelados a um processo metodológico coerente, flexível e com foco nos objetivos privilegiando atividades que contemplem jogos reduzidos, com oposição real, com presença de goleiros, valendo-se de atividades em que as relações de defesa e ataque estejam presentes em grupo, ocupando espaço de meia quadra, evidenciado as ações para o $\frac{1}{4}$ do lado esquerdo e do lado direito de forma alternada.

Em todas as sessões de treino há o momento dedicado as ações dos postos específicos e compõem a parte final da sessão de treino, por meio de ações de jogador contra goleiro predominantemente 2x0, com a execução de passe anterior ao lançamento ao gol. Enquanto que na relação lateral/ponta ou ponta/lateral não haviam oponentes, na relação central e pivô envolviam tomada de decisão.

Com relação ao padrão de jogo identificado nos conteúdos tático-técnicos presente nas sessões de treino das categorias investigadas, destaca-se que a CBHb se vale de sessões de treino, relacionadas com análise de vídeo e competição interna para organizar os Acampamentos Nacionais.

As situações de jogo em estruturas funcionais reduzidas orientam as bases das tarefas das sessões de treino, com preferência para situações

de superioridade numérica. As tarefas seguem uma lógica, visando um padrão de ataque pré-fabricado, a partir do desdobramento do lateral, do central e da circulação do ponta. Os meios predominantes são os jogos simples e complexos para balizar as fases de desenvolvimento misto. A presença do goleiro e os níveis de oposição real também compõem as orientações estruturais das sessões de treino nas três categorias investigadas.

O padrão de jogo presente nos acampamentos orienta para um comportamento defensivo a partir do sistema 5:1, tendo em vista um processo de recuperação da posse de bola por meio de deslocamentos sucessivos e ativos. O ataque visa construção de um padrão de jogo pré-fabricado a partir de movimentações de desdobramentos da armação e circulação dos pontas, baseado em conceitos de desmarque e oferecer-se e continuidade ofensiva.

É possível sinalizar que o processo de desenvolvimento esportivo versa sobre a construção de um ambiente de aprendizagem adequado imerso em valores positivos da prática esportiva para jovens por meio de acampamentos de formação parece ser estratégia mais interessante do que processos de detecção/seleção via peneiras esportivas.

As estratégias de desenvolvimento tático-técnico presentes nos Acampamentos Nacionais estão em consonância com as perspectivas teóricas e metodológicas contemporâneas da pedagogia do esporte, valendo-se de situações-problema, estímulo à tomada de decisão, tarefas abertas que permitem múltiplas respostas de acordo com as diversas especificidades do jogo. Embora os conteúdos de trabalho serem os mesmos, foi possível identificar adequações e simplificações de tarefas com carga de implicação cognitiva ajustada em função tanto dos participantes quanto da compreensão dos objetivos para cada sessão de treino.

Ao tratar as perspectivas de aplicação prática serão apresentadas as seguintes orientações que podem ser apresentadas a partir da análise da estrutura de funcionamento e das sessões de treino dos Acampamentos Nacionais:

- Oportunizar aos jovens em formação a jogarem, treinarem e analisarem suas ações;
- Organizar processos seletivos, envolvendo atividades para além de testes físicos e vivência do jogo formal;
- Estimular ambientes de prática onde haja integração entre os participantes além das tarefas de treino;

- Estimular o gosto pela competição e a necessidade de jogar o jogo de forma organizada dentro dos princípios coletivos trabalhados;
- Diversificar os espaços e as formas de execução das tarefas;
- Compreender que a mesma atividade a partir de uma orientação diferente ganha outro significado;
- Preferir atividades que envolvam oposição com possibilidades de respostas abertas;
- Oportunizar situações de ataque em superioridade numérica para aumentar o êxito ofensivo e, como consequência, a motivação para prática;
- Identificar os objetivos das tarefas e estruturar toda a sessão de treino voltada para atingir este objetivo;
- Anunciar aos atletas os objetivos e as atividades que serão utilizadas;
- Provocar reflexão dos atletas sobre atividades realizadas no treino e análise de vídeos de situações de jogo;
- Preferir situações em que a oposição seja ativa;
- Tomar cuidado com prevenção de lesões, mediante adoção de protocolos de ativação / aquecimento;
- Efetuar os feedbacks pontuais durante as atividades sem ter que parar o treino;
- Oportunizar vivência de tarefas jogador contra goleiro na parte final das sessões de treino;
- Explorar a largura e profundidade para organização das tarefas;
- Adotar um padrão de jogo e apresentar de forma gradual e considerando as experiências motoras e o processo de tomada de decisão;
- Discernir as atividades utilizadas para os atletas da seleção e fragmentar em quantas partes for necessário para simplificar as formas de apresentação aos atletas;
- Estimular a percepção do espaço e o jogo com o pivô;
- Promover jogos pré-esportivos que estimulem o desmarque e oferecer-se;

- Conduzir os meios táticos ofensivos orientado pelo jogo pré-fabricado;
- Criar o gosto de defender e diminuição das possibilidades de ação ofensiva;
- Ter clareza e consciência que em um processo aberto sempre algo escapará por entre os dedos e isto não o faz nem o pior nem o melhor treinador esportivo.

Considerando a dinâmica das redes de evidências complexas que orientam condutas e escolhas, é importante reconhecer as lacunas da investigação anunciada e a necessidade de estudos futuros dentro do contexto apresentado.

A tríade formativa treino-vídeo-competição é uma dimensão de aprendizagem significativa que pode ser aprofundada em estudos posteriores, da mesma forma que a manutenção de condutas tático-técnicas no cotidiano dos atletas envolvidos após a participação nos acampamentos. Outro aspecto que pode ser objeto de investigações futuras são as atividades que envolvem os goleiros e como acontece os meandros formativos (compreensão, aplicação, reflexão, mudança de comportamentos na vida cotidiana) dos treinadores esportivos que participam dos treinamentos e a harmonização ou não deste modelo entre as distintas comissões técnicas das seleções. Considerando o cenário feminino do handebol brasileiro, estudos que tematizem como se desenvolvem os talentos esportivos e os métodos formativos adotados por este naipe entre as diversas categorias de formação.

Debruçar sobre a realidade contribui para diminuir distâncias que a Academia proporciona e a devolutiva para a mesma é imprescindível. Assim, interessa também, como continuidade das investigações por ora apresentadas na produção e criação de materiais técnicos que possam ser utilizados pelos treinadores esportivos que fazem a modalidade acontecer.

Por fim, estes são desafios para a área do conhecimento que é intitulada de ciência aplicada que, infelizmente, aplica-se prioritariamente a atender seus anseios científicos e mantendo-se cada vez mais distante e produzindo materiais que irão ficar parados pegando poeira na estante. Se não é o que deseja, siga adiante e perceba na fluidez das relações o que é aplicar conceitos em ambientes reais.

REFERÊNCIAS

- AGUILAR, Ó. G. Análisis de La Producción Científica En Balonmano En Las Revistas De La Web Of Science [Analysis of scientific production in handball in journals of web of science]. **E-balonmano.com: Revista de Ciencias del Deporte**, v. 10, n. 2, p. 77-88, 2014.
- ANTÓN GARCÍA JL. Balonmano:táctica grupal defensiva. In: **Concepto, estructura y metodología**. Granada: Grupo Editorial Universitario; 2002.
- ALARCÓN, F.; CÁRDENAS, D.; UREÑA, N. Influencia de los factores de organización de las tareas de aprendizaje sobre los tiempos de práctica del jugador de baloncesto. *Apunts, Educación Física y Deportes*(92), 46-55, 2008.
- ALFERMANN, D.; STAMBULOVA, N. Career transitions and career termination. In G. Tenenbaum & R.C. Eklund (Eds.), **Handbook of sport psychology**, 3rd ed. New York: Wiley, 2007. pp.712-736.
- ALVARENGA, C. R., *et al.* Relação entre a força dos músculos rotadores do ombro e a capacidade de ativação do músculo transverso abdominal em atletas de handebol. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte** vol.36 no.3 Porto Alegre July/ept. 2014
- ALLOZA, J.F.M., INGHAM, S.J.M. Handebol. In, COHEN, M., ABDALLA, R.J. **Lesões nos esportes – diagnóstico, prevenção e tratamento**. São Paulo: Revinter, 2003.
- ALPKAYA, U.; KOCEJA, D. The effects of acute static stretching on reaction time and force. **The Journal of Sports Medicine and Physical Fitness**, 2007.
- LVES, R. **Filosofia da ciência: introdução ao jogo e a suas regras**. São Paulo: Loyola, 2007.
- MORIM, A. M. **Sentidos da docência Universitária para professores das disciplinas técnico-esportivas da UNEB**. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal da Bahia. Salvador 2011.
- AMORIM, A. M., *et al.* Lesões mais frequentes no handebol: o que diz a literatura especializada. **Anais do XVI Semana de Mobilização Científica**, UCSAL, 2013.

AMORIM, A. M.; AMORIM, A. P. D.; MUSSI, R. F.; SANTOS, S. G.; NASCIMENTO, J. V. “Arremesso para vida”: concepções de ensino do handebol em projeto social. IN: **Anais do 5. Congresso Internacional dos Jogos Desportivos**. (Orgs) GRECO, P. J.; MORALES, J. C.; PRAÇA, G. B.; TEIXEIRA, G. C.; CASTRO, H. O. Belo Horizonte: EEEFTO/UFMG, 2015a, p. 367-372

AMORIM, A. M.; AMORIM, A. P. D.; MUSSI, R. F.; SANTOS, S. G. Iniciação do atleta de handebol baiano: locais e períodos. IN: **Anais do 5. Congresso Internacional dos Jogos Desportivos**. (Orgs) GRECO, P. J.; MORALES, J. C.; PRAÇA, G. B.; TEIXEIRA, G. C.; CASTRO, H. O. Belo Horizonte: EEEFTO/UFMG, 2015b, p. 444-449 .

AMORIM, A. M.; MUSSI, R. F.; FREITAS, D. A.; SANTOS, S. G.; ESPÍRITO SANTO, F. R. Formação em educação Física e a intervenção no esporte de crianças e jovens IN: FARIAS, G. O.; NASCIMENTO, J. V. (orgs) **Educação, Saúde e esporte: novos desafios à Educação Física**. Ilheus-BA: Editus, 2016.

AMORIM, A.M.; MUSSI, R. F.; PAIVA, V. C.; AMORIM, A. P. D.; NASCIMENTO, J. V. Finta com passada no handebol: propostas didático-pedagógicas IN: AMORIM, A. M. RODRIGUES, D. N.; MUSSI, R. F. F. (orgs). **Esporte: ensino, saúde e políticas públicas**. Coleção Movimentação: debates e propostas, volume 2. Goiânia: Kelps, 2017.

ANGUERA, M. T.; HERNÁNDEZ-MENDO, A. Observational methodology in sport sciences. E-Balonmano.com. **Journal of Sport Sciences**, 9(3), 135-160, 2013.

ASSIS DE OLIVEIRA, S. **Reinventando o esporte: possibilidades da prática pedagógica**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

BARBOSA, R. M. C.; PINHEIRO, M. H.; LAMBOGLIA, C.; JOÃO, P. V.; ARANHA, A. Prevalência de utilização de métodos de ensino para tarefas motoras na iniciação esportiva IN: **Anais do 5. Congresso Internacional dos Jogos Desportivos**. (Orgs) GRECO, P. J.; MORALES, J. C.; PRAÇA, G. B.; TEIXEIRA, G. C.; CASTRO, H. O. Belo Horizonte: EEEFTO/UFMG, 2015b, p. 457-462.

BEHM, D. G. , BAMBURY , A. , CAHILL , F. , & POWER , K. Effect of acute static stretching on force, balance, reaction time, and movement time. **Medicine & Science in Sports & Exercise**, 2004.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e

Augusto Pinheiro. 5. ed. Lisboa: Edições 70, 2010.

BAYER, C. **La enseñanza de los juegos deportivos colectivos**. Barcelona: Hispano Europea, 1986.

BELANDO, M. de la T. M.; ARIAS-ESTERO, J. L. Diferencias entre el juego 7 vs. 7 y el 4 vs. 4 en el balonmano escolar en relación al rendimiento, percepción del esfuerzo y la intencionalidad de práctica. **Retos**, v. 27, p. 34-39, 2015.

BETTEGA, O. B. *et al.* Papéis do treinador esportivo de categorias de base nos jogos esportivos coletivos. IN: GALATTI, L. R.; SCAGLIA, A. J.; MONTAGNER, P. C.; PAES, R. R. (orgs) **Desenvolvimento de treinadores e atletas: pedagogia do esporte** vol 1. p. 17-38. Campinas - SP: Editora da UNICAMP, 2017.

BÖHME, M.T.S. Talento esportivo. In: GAYA, A.; MARQUES, A.; TANI, G. (Orgs.). **Desporto para crianças e jovens: razões e finalidades**. Porto Alegre: UFRGS, 2004. p. 235-249.

BOMPA, T. O. **Treinando atletas de Desporto Coletivo**. São Paulo: Phorte, 2005.

BOUET, M. **Signification du sport**. Paris: Éditions universitaires, 1968.

BRACHT, V. Esporte na escola e esporte de rendimento. **Movimento**, Porto Alegre, v. 6, n. 12, p. 14-24, jan./jun. 2000.

BRASIL. **Lei de incentivo ao esporte**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2006/lei/111438.htm

CABERO-ALMENARA, J.; OSUNA, J. B. La utilización del juicio de experto para la evaluación de TIC: el coeficiente de competencia experta. Bordón. **Revista de Pedagogía**, 65(2), 25-38, 2013.

CAÑADAS, M. *et al.* Análisis de los medios de entrenamiento en un equipo minibasket y la influencia de un programa formativo para el entrenador. Un estudio de caso. **Ágora para la Educación Física y el Deporte**, v. 13, n. 3, p. 363-382, 2011.

CASTRO, D. **A concepção estratégico-tática no handebol: implicações para a formação de jogadores inteligentes**. Dissertação (mestrado) Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas. Campinas - SP, 2013.

CASTRO, D. Sobre a formação de jogadores inteligentes no handebol: a possível ajuda da concepção estratégico-tática. IN: **Anais do 5. Congresso Internacional dos Jogos Desportivos.** (Orgs) GRECO, P. J.; MORALES, J. C.; PRAÇA, G. B.; TEIXEIRA, G. C.; CASTRO, H. O. Belo Horizonte: EEEFTO/UFMG, 2015, p. 299-304.

CBHb. CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE HANDEBOL. **Caderno de atividades do Acampamento de Desenvolvimento e Melhoria Técnica.** Aracaju: CBHb, 2014.

CBHb. CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE HANDEBOL. **Banco de Imagens e Vídeos dos Acampamentos Nacionais de Desenvolvimento e Melhoria Técnica (infantil, cadete e juvenil).** Blumenau: CBHb, 2014b.

_____. **Atuação das brasileiras em clubes europeus de handebol ganha cada vez mais destaque.** 2013. Acesso em 27.out.2015.

disponível em:

http://www.brasilhandebol.com.br/noticias_detalhes.asp?id=28430&moda=&area=&ip=

_____. **Primeiro Acampamento Nacional de Handebol Masculino já tem data marcada.** 2014. Acesso em 27.out.2015. disponível em:

[<http://www.brasilhandebol.com.br/noticias_detalhes.asp?id=30104&moda=&area=&ip=>](http://www.brasilhandebol.com.br/noticias_detalhes.asp?id=30104&moda=&area=&ip=)

_____. **MiniHand.** 26/05/2013. Disponível em:

http://www.brasilhandebol.com.br/noticias_detalhesEspecial.asp?id=28764&contexto=07.01&moda=&area=&ip=)

_____. **No garimpo: CBHb caça talentos visando as olimpíadas de 2016.** Disponível

em:http://www.brasilhandebol.com.br/noticias_detalhes.asp?id=22824&moda=001&contexto=01&area=0%25&evento

_____. **De olho no futuro.** 25.06.2009a. Disponível em:

http://www.brasilhandebol.com.br/noticias_detalhes.asp?id=24411&moda=001&contexto=01&area=0%&evento=

_____. **695 escolas aderiram ao projeto.** 2009b Disponível em:

http://www.brasilhandebol.com.br/noticias_detalhes.asp?id=24897&moda=001&contexto=01&area=0%&evento=

_____. **De olho na renovação das seleções, CBHb realiza acampamentos com a base em todo o Brasil.** 16 de maio de 2017. Disponível em:

http://cbhb.com.br/noticias_detalhesEspecial.asp?id=32639&contexto=30.01&moda=&area=&ip=

_____. **Sobre Jordi**, 2005. Disponível em:

http://www.brasilhandebol.com.br/Admin/Anexos/000523_Perfil.pdf

_____. **Renovação. 31.03.2006a.** Disponível em:

http://www.brasilhandebol.com.br/noticias_detalhes.asp?id=20390&moda=001&contexto=01&area=0%&evento=

_____. **De olho no futuro (2).** 08.02.2006b. Disponível em:

http://www.brasilhandebol.com.br/noticias_detalhes.asp?id=20277&moda=001&contexto=01&area=0%&evento=

_____. **De olho no futuro (3).** 23.02.2006c. Disponível em:

http://www.brasilhandebol.com.br/noticias_detalhes.asp?id=20294&moda=001&contexto=01&area=0%&evento=

_____. **Em Blumenau.** 01.03.2006d. Disponível em:

http://www.brasilhandebol.com.br/noticias_detalhes.asp?id=20319&moda=001&contexto=01&area=0%&evento=

_____. **EM RECIFE.** 29.09.2006e. Disponível em:

http://www.brasilhandebol.com.br/noticias_detalhes.asp?id=21119&moda=001&contexto=01&area=0%&evento=

_____. **Espanhol Jordi Ribera volta a comandar a Seleção Brasileira Masculina. 12.05.2012a.** Disponível em:

http://www.brasilhandebol.com.br/noticias_detalhes.asp?id=27638&moda=&area=&ip=)

_____. **Treinadores buscam padronização no Acampamento Nacional.** 2012b. Disponível em:

http://www.brasilhandebol.com.br/noticias_detalhes.asp?id=28387&moda=001&contexto=01&area=0%&evento=

_____. **Treinador da Seleção fará trabalho de padronização da modalidade no Rio.** 22.11.2012c. Disponível em:

http://www.brasilhandebol.com.br/noticias_detalhes.asp?id=28176&moda=001&contexto=01&area=0%&evento=

_____. Técnico da Seleção Masculina dá sequência a Tour pelo Brasil. Disponível em:

http://www.brasilhandebol.com.br/noticias_detalhes.asp?id=28124&moda=001&contexto=01&area=0%25&evento

_____. **Técnicos das Seleções comprovam grande potencial da modalidade nas escolas.** Disponível em:

http://www.brasilhandebol.com.br/noticias_detalhes.asp?id=27956&moda=001&contexto=01&area=0%&evento=

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE (CNS/BRASIL). **Resolução nº 466**, de 12 de dezembro de 2012. Brasília, 2012. Disponível em:

<http://www.conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf> .

Acesso em 18.out.2015.

CHAOUACHI, A.; CASTAGNA, C.; CHTARA, M.; BRUGHELLI, M.; TURKI, O.; GALY, O.; CHAMARI, K.; BEHM, D. G. Effect of warm-ups involving static or dynamic stretching on agility, sprinting, and jumping performance in trained individuals. **Journal of Strength and Conditioning Research**, 2010.

CLEMENTE, F. M.; ROCHA, R. F.; MENDES, R. S. Estudo da quantidade de jogadores em jogos reduzidos de handebol: mudança na dinâmica técnica e tática. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 28, n. 1, p. 135-145, 2014

CLEMENTE, F. M; ROCHA, R. Jogos Reduzidos no Handebol: a influência do espaço de jogo na prática motora. **Arquivos em Movimento**, v. 9, n. 2, p. 19-33, 2013

COLLET, C. *et al.* Processo de ensino-aprendizagem- treinamento no voleibol infantil masculino em Santa Catarina. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 18, n. 2, p. 147-159, 2. sem. 2007

COLLET, C. **Construção e validação do instrumento de avaliação do desempenho técnico-tático (IAD-VB) nas categorias de formação no voleibol.** 2010. 159 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

COQUE, I. Valoración subjetiva de la carga del entrenamiento técnico-tático. Una aplicación práctica (I). Clínic, **Revista Técnica de Baloncesto** (81), 39-43, 2008.

COQUE, I. Valoración subjetiva de la carga del entrenamiento técnico-táctico. Una aplicación práctica (II). Clínic, **Revista Técnica de Baloncesto**(82), 42-45, 2009.

CORONADO, J. F. O. **Curso de solidariedade olímpica**. São Paulo: s/e., 2002.

CÔTÉ, J. The influence of the family in the development of talent in sport. **Sport Psychologist**, Champaign, v. 13, n. 4, p. 395-417, Dec. 1999.

CÔTÉ, J; HAY, J. Children's involvement in sport: a developmental perspective. IN SILVA, J.M.; STEVENS, D. (Eds), **Psychological foundations of sport** (2ª ed), pp. 484-502, Boston, MA: Merrill, 2002.

CÔTÉ, J. *et al.* Quadro teórico para o desenvolvimento de valores pessoais no processo dinâmico de desenvolvimento pelo esporte. IN: GALATTI, L. R.; SCAGLIA, A. J.; MONTAGNER, P. C.; PAES, R. R. (orgs) **Múltiplos cenários da prática esportiva: pedagogia do esporte** vol 2. p. 15-40. Campinas - SP: Editora da UNICAMP, 2017.

DALLEGRAVE, E. J.; BERNO, C. S.; FOLLE, A. Método situacional: aplicação nos treinamentos técnico-táticos de uma equipe de base do handebol feminino. **Revista Corpoconsciência**, v. 21, n. 1, p. 100-113, 2017.

DANCEY, C. P. **Estatística sem matemática para as ciências da saúde**. Porto Alegre: Penso, 2017.

DARIDO, S.C.; FARINHA, F.K. Especialização precoce na natação e seus efeitos na idade adulta. **Revista Motriz**, 1(1), 96-106, 1995.

DIAS, R. M.; CORRÊA, D. A. Aspectos importantes no processo detecção e orientação de talentos esportivos e a contribuição da estatística z neste contexto. **CONEXÕES: Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP**, v. 13, n. 2, p. 166-184, 2015.

DIETRICH, K.; DÜRRWÄCHTER, G. SCHALLER, H-J. **Os grandes jogos. Metodologia e prática**. Rio de Janeiro: Ao livro Técnico, 1984.

DURAND, G. *El adolescente y los deportes*, Barcelona: Luís Miracle, 1959.

Ehret A, Späte D, Schubert R, Roth K. **Manual de handebol: treinamento de base para crianças e adolescentes**. São Paulo: Phorte Editora; 2002.

ELIASZ, J. SUMMER CAMPS - Ideas and Philosophy (With Particular Reference to the Summer Camps Organised by the Polish Handball Federation since 2010). Disponível em:

http://cms.eurohandball.com/PortalData/1/Resources/1_ehf_main/3_download_pdf/SUMMER_CAMPS_JE.pdf. Acesso em 13.jul.2017

ERICKSON, K.; CÔTÉ, J. The Intervention Tone Of Coaches' Behaviour: Development Of The Assessment Of Coaching Tone (Act) Observational Coding System. **International Journal Of Sports Science & Coaching**. 10(4):699-716 · August 2015

ESTRIGA, L. **A iniciação ao andebol (handebol) – uma abordagem centrada no desenvolvimento de competências de jogo** IN: LEMOS, K. L.; GRECO, J. P.; MORALES, J. C. P. 5º CIJD: Congresso Internacional dos Jogos Desportivos, p. 255-270. Belo Horizonte: EEEFTO/UFGM, 2015

ESTRIGA, Luisa; MOREIRA, Ireneu. **Ensino do Andebol na Escola: Ensinar e aprender**. Universidade do Porto, Faculdade de Desporto. Porto: FADEUP, 2014.

EUGEN, BAȘTIUREA; ZENOVIA, Stan; CONSTANTIN, Rizescu. Aspects regarding the relationship between technical training and somatic, functional and motor parameters, at handball players. **Triangle**, v. 5, p. 5x30, 2014.

FERNÁNDEZ, M. M.. **Análisis de las finalizaciones de los jugadores extremo en balonmano**. Tese - Facultat de Formació del Professorat Universitat de Barcelona, Barcelona, 2010.

FEU MOLINA, Sebastián. Organización didáctica del proceso de enseñanza-aprendizaje para la construcción del juego ofensivo en balonmano. **E-balonmano. com: Revista de Ciencias del Deporte**, v. 2, n. 4, 2006.

FILIN, V. P. **Desporto juvenil**. 1ª ed. Londrina: Centro de Informações Desportivas, 1996.

FILIN, V. P.; VOLKOV, V. M. **Seleção de Talentos nos Desportos**. Londrina: MIDIOGRAF, 1998

FLETCHER, I. M.; JONES, B. The effect of different warm-up stretch protocols on 20 meter sprint performance in trained rugby union players. **Journal of Strength and Conditioning Research**, 2004.

FOLLE, A **Processo de formação esportiva: estudo em ambiente de sucesso no desenvolvimento de talentos do basquetebol feminino**. 2014. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina.

FOLLE, A.; NASCIMENTO, J. V.; GRAÇA, A. B. Processo de formação esportiva: da identificação ao desenvolvimento de talentos esportivos. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 26, n. 2, 2015.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

FREDERICSON, M.; Core stabilization training for middle and long-distance runners. *New Stud. Athletics*. 2005.

GALATTI, L. R. *et al.* Pedagogia do esporte e a aplicação das teorias acerca dos jogos esportivos coletivos em escolas de esportes: o caso de um clube privado de Campinas–SP. **Revista Conexões**, v. 5, n. 2, p. 35, 2007.

GALATTI, L. R. *et al.* Pedagogia do Esporte: tensão na ciência e o ensino dos Jogos Esportivos Coletivos. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 25, n. 1, p. 153-162, 2014

GALATTI, L. R. *et al.* O ensino dos jogos esportivos coletivos: avanços metodológicos dos aspectos estratégico-tático-técnicos. **Pensar a Prática**, v. 20, n. 3. 2017.

GARCÍA, J. L. **Balonmano: metodologia y alto rendimiento**. Barcelona: Piadotribo, 1995.

GARGANTA, J. Modelação da dimensão tática do jogo de futebol IN: OLIVEIRA, J (ed) **Estratégia e Tática nos Jogos Desportivos Coletivos**. Porto: Faculdade de Desporto da Universidade do Porto (FADEUP), 1996.

_____. Analisar o jogo nos jogos desportivos coletivos: uma preocupação comum ao treinador e ao investigador. *Horizonte – Revista de Educação Física e Desporto*, 1998.

_____. A formação estratégico-tática nos jogos desportivos de oposição e cooperação. In A. GAYA, A. Marques & G. TANI (Eds.), *Desporto para crianças e jovens. Razões e finalidades* (pp. 217-233). Porto Alegre: UFRGS, 2004.

_____. Para uma teoria dos jogos desportivos coletivos. In: OLIVEIRA, J.; GRAÇA, A. (org.). **O ensino dos jogos desportivos coletivos**. 3.ed. Porto: Universidade do Porto, 1998

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas em Pesquisa Social**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. **O ensino dos jogos desportivos**. Porto: CEJD/FCDEF-UP, 1995.

GRAÇA, A. Os contextos sociais do ensino e aprendizagem dos jogos desportivos coletivos. IN: NASCIMENTO, J. V.; RAMOS, V.; TAVARES, F. (ORGs). **Jogos Desportivos: formação e investigação**. Coleção Temas em Movimento. Volume 4. 2013. p. 79-102.

GRAÇA, A.; MESQUITA, I. Modelos e concepções de ensino dos jogos desportivos. IN TAVARES, F (org) **Jogos Desportivos Coletivos: ensinar a jogar**. Porto: Editora FADEUP, 2013.

GRECO, P. J. **Caderno de rendimento do atleta de handebol**. Ed. Health, 2000.

_____. **Caderno do goleiro de handebol**. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

GRECO, J. P. Desafios dos estágios nos cursos de bacharelado em Educação Física: a questão dos esportes coletivos. IN: NASCIMENTO, J. V.; FARIAS, G. O. **Construção da identidade profissional em Educação Física: da formação à intervenção**. Coleção Temas em Movimento. Volume 2. Florianópolis: UDESC, 2012. p. 287-302.

GRECO, P.J. **O ensino do comportamento tático nos jogos esportivos coletivos: aplicação no handebol**. 1995. 224 f. Tese (Doutorado em Educação: Psicologia Educacional) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

GRECO, P. J.; BENDA, R. N. **Iniciação esportiva universal: da aprendizagem motora ao treinamento técnico**. vol 1. Belo Horizonte: UFMG, 1998a.

_____. **Iniciação esportiva universal: metodologia da iniciação esportiva na escola e no clube**. Vol 2. Belo Horizonte: UFMG, 1998b.

GRECO, P. J.; SILVA, S. A.; GRECO, F. L. O sistema de formação e treinamento esportivo no handebol brasileiro (SFTE-HB) IN: GRECO,

P. J.; ROMERO, J. J. F. **Manual de Handebol: da iniciação ao alto nível**. São Paulo: Phorte, 2012.

GRIFFIN, L.; MITCHELL, S.; OSLIN, J. **Teaching sport concepts and skills: a tactical game approach**. Champaign, IL: Human Kinetics, 1997.

HANDBALL-CAMP. **Deine handball-camps**, sem data. disponível em: <https://www.handball-camp.de/index.php?id=974> . ACESSO EM 12.set.2017.

IBÁÑEZ, S. J.. La planificación y el control del entrenamiento técnico-táctico en Baloncesto. In TERRADOS, N; CALLEJA, J. (Eds.), **Fisiología, entrenamiento y medicina del Baloncesto**. Barcelona: Paidotribo, 2008 (pp. 231-250).

IBÁÑEZ, S. J. FEU, S.; CAÑADAS, M.; PAREJO, I.; GARCÍA, J.. Shot differences between professional (ACB) and amateur (EBA) basketball teams. Multifactorial study. **Revista de Psicología del Deporte**, v. 18, n. 3, p. 0313-317, 2009.

IBÁÑEZ, S. J.; SÁNCHEZ, F.; BLÁZQUEZ, E. PYC BASKET 2.0. Software para la planificación y control del entrenamiento en baloncesto. In: ARGUDO, F. M.; IBÁÑEX, S. J.; RUIZ, E.; ALONSO, J. I. (Eds.), **Softwares aplicados al entrenamiento e investigación en el deporte** (pp. 23-38). Sevilla: Wanceulen Editorial Deportiva, 2010.

IBÁÑEZ, S. J.; FEU, S.; CAÑADAS, M. Sistema integral para el análisis de las tareas de entrenamiento, siate, en deportes de invasión [Integral analysis system of training tasks, SIATE, in invasion games]. **E-balonmano. com: Revista de Ciencias del Deporte**, v. 12, n. 1, p. 3-30, 2016.

KAPANDJI, A. I. **Fisiología articular. 5ª ed**. São Paulo: Medicina Panamericana Editora, 2000.

KIRK, D., MACPHAIL, A. Teaching Games for Understanding and Situated Learning: Rethinking the Bunker-Thorp Model. **Journal of Teaching in Physical Education**, 21 (2) January, pp.177-192, 2002.

KNAPP, B. **La habilidade em el deporte**. Miñon: Valladolid, 1979.

KNIJNIK, J. D. Conceitos básicos para a elaboração de estratégias de ensino e aprendizagem na iniciação à prática do handebol. **Revista Ludens – Ciências do Desporto**, Lisboa, p. 75-81, 2004.

_____. **Handebol: Agón – o espírito do esporte.** São Paulo: Odysseus, 2009.

KNIJNIK, J. D.; MASSA, M.; FERRETTI, M. A. C.. Direitos Humanos e Especialização Esportiva Precoce: Considerações Metodológicas e Filosóficas. In: MACHADO, Afonso Antonio (Org.). **Especialização esportiva precoce: perspectivas atuais da psicologia do esporte.** Jundiaí: Fontoura, 2008. p. 109-128.

KROGER, C.; ROTH, K. **Escola da bola: um ABC para iniciantes.** São Paulo: Phorte, 2002.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte.** 6ª ed. Ijuí: Unijuí, 2006.

LAVILLE, C.; L; DIONNE, J. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas.** Belo Horizonte: UFMG, 1999.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

MACHADO, G. V.; GALATTI, L. R.; PAES, R. R. Pedagogia do Esporte e o Referencial Histórico-cultural: interlocução entre teoria e prática. **Pensar a Prática**, v. 17, n. 2, 2014.

MARCON, F. M.; SAAD, M. A. Análise do tempo e das tarefas realizadas nas sessões de treinamento no futsal de base. **Lecturas, Educación Física y Deportes.** Buenos Aires, año 16, n° 164, enero de 2012. Disponível em: < <http://www.efdeportes.com/efd164/tarefas-nas-sessoes-de-treinamento-no-futsal.htm> > Acesso em 13.abr.2016

MENDES, J. C. **O processo de ensino-aprendizagem-treinamento do handebol no Estado do Paraná: estudo da categoria infantil.** 2006. 114 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Florianópolis, SC, 2006.

MENEZES, R. P. O ensino dos sistemas defensivos do handebol: considerações metodológicas acerca da categoria cadete. **Pensar a Prática**, v.13, n.1, maio 2010.

MENEZES, R. P. **Modelo de análise técnico-tático do jogo de handebol: necessidades, perspectivas e implicações de um modelo de interpretação das situações de jogo em tempo real.** Tese (doutorado)

Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.
Campinas - SP, 2011.

MENEZES, R. P.; MARQUES, R. F. R.; NUNOMURA, M.
Especialização precoce e o ensino dos jogos coletivos de
invasão. **Movimento (ESEF/UFRGS)**, v. 20, n. 1, p. 351-373, 2014.

MENEZES, R. P.; MARQUES, R. F. R. ; MORATO, M. P. . Transição
no handebol na visão de técnicos experientes: da análise dos discursos às
possibilidades de ensino. **Revista Mineira de Educação Física (UFV)**,
v. 9, p. 113-119, 2013.

MENEZES, R. P.; DIAS, M, R, T. Identificação e análise do ensino dos
conteúdos individuais defensivos do handebol em ambiente escolar IN:
Anais do 5. Congresso Internacional dos Jogos Desportivos. (Orgs)
GRECO, P. J.; MORALES, J. C.; PRAÇA, G. B.; TEIXEIRA, G. C.;
CASTRO, H. O. Belo Horizonte: EEFPTO/UFMG, 2015, p. 271-276

MENEZES, R. P. Possibilidades de ensino-aprendizagem no handebol:
análise do sistema defensivo 3: 3. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 4,
n. 1, 2013.

MENEZES, R. P.; REIS, H. H. B.; TOURINHO FILHO, H. Ensino-
aprendizagem-treinamento dos elementos técnico-táticos defensivos
individuais do handebol nas categorias infantil, cadete e juvenil.
Movimento (ESEFID/UFRGS), Porto Alegre, p. 261-274, fev. 2015.

MENEZES, R. P.; REIS, H. H. B. O jogo defensivo diante de diferentes
sistemas ofensivos no handebol: análise do cenário técnico-tático e
reflexões sobre o ensino. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v.
39, n. 2, p. 168-175, 2017.

MESQUITA, I. **A pedagogia do treino: a formação em jogos**
desportivos coletivos. 2. ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2000.

MESQUITA, I. Ensinar bem para aprender melhor o jogo de voleibol.
IN: TANI, G.; BENTO, J.; PETERSEN, R. **Pedagogia do Desporto.**
Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

MESQUITA, I. Pespectiva construtivista da aprendizagem no ensino
do jogo. IN: NASCIMENTO, J. V.; RAMOS, V.; TAVARES, F.
(ORGs). **Jogos Desportivos: formação e investigação.** Coleção Temas
em Movimento. Volume 4. 2013. p. 103-132.

MESQUITA, I; GRAÇA, A. Modelos de ensino dos jogos desportivos. In: **Pedagogia do Desporto** In: TANI, G.; BENTO, J. O.; PETERSEN, R. D. S. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan 2006. p. 269-283.

MILISTED, M. **A aprendizagem profissional de treinadores esportivos: Estratégias da formação inicial em Educação Física**. Tese (Doutorado em Educação Física) – Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

MILISTETD, M. *et al.* Coache's development in Brazil: structure of sports organizational programmes. **Sports Coaching Review**, v. 5, n. 2, p. 138-152, 2016.

MONTEIRO, A. G.; EVANGELISTA, A. L. **Treinamento funcional: uma abordagem prática**. São Paulo: Phorte, 2012.

MUSA, V. *et al.* Participação do goleiro-linha no handebol: Análise a partir do tempo de jogo, relação numérica, posto específico e match status. *RPCD 17 (S1.A): 213-221*

MUSSI, L. M. P.; MUSSI, R. F. F.; AMORIM, A. M. Handebol na Bahia: dificuldades econômicas para prática esportiva. Anais do XVI Encontro Regional de História da ANPUH-Rio: Saberes e práticas científicas. 28 de julho a 01 de agosto de 2014. Disponível em: http://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1400553755_ARQUIVO_TextoAnpuhRio_O_Handebol_na_Bahia_LeilaMussi_Ricar_doMussi_AngeloAmorim.pdf Acesso em 23.set.2017.

NAVARRO, A. C. Produção científica Brasileira da Pedagogia do Esporte sobre o handebol. **RBFF-Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, v. 3, n. 10, 328-334, 2011.

NEGRINE, A. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. IN: MOLINA NETO, V; TRIVIÑOS, A. N. **A pesquisa qualitativa na Educação Física: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

NITSCH, J. R.; NEUMAIER, A.; MARÉS, H.; MESTER, J. **Entrenamiento de la técnica: Contribuciones para un enfoque interdisciplinario**. Barcelona: Paidotribo, 2002.

OLIVEIRA, J. Organização do jogo de uma equipa de Futebol. Aspectos metodológicos na abordagem da sua organização estrutural e funcional. Vila Real: Documento apresentado às II Jornadas Técnicas de Futebol da UTAD, 2003.

PAES, R. R.; OLIVEIRA, V. A pedagogia da iniciação esportiva: um estudo sobre o ensino dos jogos desportivos coletivos. **Revista Digital**, Buenos Aires, Año 10, n. 71, abr. 2004.

PAIS, José Machado. Lufa-lufa Quotidiana. Ensaios sobre Cidade, Cultura e Vida Urbana. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2010.

PRUDENTE, J *et al.* Desenho e validação de um sistema de observação no Andebol. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, vol. 4, n° 3 [49–65], 2004.

RFEBM. REAL FEDERACION ESPAÑOLA DE BALONMANO. Deporte Base Y Promoción. 2011. disponível em:

<http://www.rfebm.com/noticia/v%C3%ADdeos-con-las-sesiones-de-trabajo-de-la-concentraci%C3%B3n-nacional-de-primavera-2011>

REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J. A gestão do processo organizacional do jogo: uma proposta metodológica para o ensino dos jogos coletivos. **Motriz. Revista de Educação Física. UNESP**, v. 13, n. 1, p. 51-63, 2007.

REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J. **Pedagogia do esporte: jogos coletivos de invasão**. São Paulo: Phorte, 2009.

REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J.; PAES, R. R. Pedagogia do Esporte: conceito e cenário contemporâneo. IN: REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J.; MONTAGNER, P. C. (Org.). **Pedagogia do Esporte: Aspectos conceituais da competição e estudos aplicados**. 1ªed.São Paulo: Phorte Editora, 2013, v. 1, p. 19-40.

ROBERGS, R. A; ROBERTS, S. O. **Princípios fundamentais de fisiologia do exercício para aptidão, desempenho e saúde**. 1ª Ed. São Paulo: Phorte Editora, 2002.

ROSE JUNIOR, D. **Modalidades esportivas coletivas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

SAAD, M. A. **Estruturação das sessões de treinamento técnico-tático nos escalões de formação do futsal**. 2002. 101 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

SANTOS S. G; DETANICO D; GRAUP S; DOS REIS D. C. **Relação entre alterações posturais, prevalência de lesões e magnitudes de**

impactos nos membros inferiores em atletas de Handebol. Fit Perf J. 2007 ;6(6):388-93

SANTOS, A. L. P. Manual de Mini-handebol. 2ª edição revista e ampliada. São Paulo: Phorte, 2014.

SANTOS, W. R.; MENEZES, R. P. Ensino do handebol no âmbito escolar e o desenvolvimento das diferentes dimensões do desempenho na opinião dos treinadores. IN: **Anais do 5. Congresso Internacional dos Jogos Desportivos.** (Orgs) GRECO, P. J.; MORALES, J. C.; PRAÇA, G. B.; TEIXEIRA, G. C.; CASTRO, H. O. Belo Horizonte: EEEFTO/UFGM, 2015, p. 345-351.

SCAGLIA, A. *et al.* O ensino dos jogos esportivos coletivos: as competências essenciais e a lógica do jogo em meio ao processo organizacional sistêmico. **Movimento**, v. 19, n. 4, 2013.

SCAGLIA, A. J.; SOUZA, A. A pedagogia do esporte. IN: COMISSÃO DE ESPECIALISTAS – ME. **Dimensões pedagógicas do esporte:** Brasília: UNB / Cad, 2004.

SIEDENTOP, D. *Sport Education: Qualit PE through positive sport experience.* Champaign, IL: Human Kinects, 1994.

SOARES, Sandra Regina.; RIBEIRO, Marinalva. As representações sociais sobre a prática educativa de professores de cursos de licenciatura. In: D'ÁVILA, Cristina; VEIGA, Ilma. (Orgs). Profissão docente: novos sentidos, novas perspectivas. Campinas, SP: Papirus, 2008.

SOUZA, Carlos Raphael Braga Corrêa *et al.* Quais comportamentos táticos de jogadores de futebol da categoria sub-14 podem melhorar após 20 sessões de treino?. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 36, n. 1, 2013.

ŠRAJBROVÁ, M. Organizace Handball Campu . Technická univerzita v Liberci. FAKULTA PŘÍRODOVĚDNĚ-HUMANITNÍ A PEDAGOGICKÁ. Liberec, Czech Republic, 2009.

https://dspace.tul.cz/bitstream/handle/15240/6396/bc_16638.pdf?sequence=1

SZEREMETA, T. P. *et al.* O talento no futebol na perspectiva da bibliografia brasileira. **Pensar a Prática**, v. 18, n. 2, 2015.

TAVARES, F. J. S. Analisar o jogo nos esportes coletivos para melhorar a performance. Uma necessidade do processo de treino. In: DE ROSE

Jr., D. (Org.) **Modalidades esportivas coletivas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 60-67.

TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

TEODORESCU, L. **Problemas de teoria e metodologia nos jogos esportivos**. Lisboa: Livros Horizonte, 1984.

TESSIE, J. M THODE Sportive; **Rev. E.P.S.**, n. 111, 1971.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K.; SILVERMAN, S. J. **Métodos de Pesquisa em Atividade Física**. 5ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

THOMAS, J. R.; SILVERMAN, S.; NELSON, J. (2015). Research Methods in Physical Activity, 7E. Champaign, IL: Human Kinetics

THORPE, R.; BUNKER, D.; ALMOND, L. **Rethinking Games Teaching**. Loughborough, UK: Loughborough University of Technology, 1986.

TRIBUNA DO PARANÁ. **Handebol: CBHb busca por talentos**.

05/02/2005. Disponível em:

<http://www.tribunapr.com.br/esportes/handebol-cbhb-busca-talentos/>

TV UOL. **Jordi Ribera é responsável pelas categorias de base da seleção de handebol**, 20/09/2015, <https://tvuol.uol.com.br/video/jordi-ribera-e-responsavel-pelas-categorias-de-base-da-selecao-de-handebol-04024E99376CC4B15326>)

UEZU, R. **Análise das propostas e iniciativas da Confederação Brasileira de Handebol para o aprimoramento profissional**. 2014.

Tese (Doutorado em Pedagogia do Movimento Humano) – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, 2014.

VAN GELDER, L. H.; BARTZ, S. D. The effect of acute stretching on agility performance. **Journal of Strength and Conditioning Research**, 2011.

ZAGUETTO, R. C.; FERREIRA, L. A. Reflexões preliminares sobre a temática da avaliação no handebol nas produções científicas brasileiras. **Revista Mineira de Educação Física (UFV)**, v. 9, p. 420-426, 2013.

APÊNDICE

APÊNDICE A – SÍNTESE DOS MODELOS DE ENSINO DO HANDEBOL

CATEGORIA INFANTIL (SUB14)		
Manual de Handebol (GRECO; ROMERO, 2012)	Treinamento de Base (EHRET <i>et al.</i> 2002)	Ensino do Handebol (ESTRIGA; MOREIRA, 2014)
Em linhas gerais	Em linhas gerais	Em linhas gerais
<ul style="list-style-type: none"> -Desenvolver capacidades cognitivas (percepção, antecipação, tomada de decisão) - Desenvolver capacidades táticas individuais e do grupo - Iniciação no jogo posicional - Ampliar os exercícios de atenção e dissociação de segmentos musculares (pressão de organização) 	<ul style="list-style-type: none"> - Formação motora geral e variada - Tática individual independente do nível de desenvolvimento sistemático e da capacidade de jogo 	<ul style="list-style-type: none"> - Consolidar as noções táticas básicas e desenvolver os recurso técnicos fundamentais introduzidos na etapa anterior a essa faixa etária.
Defesa	Defesa	Defesa
<ul style="list-style-type: none"> - Marcação com sistemas zonais ofensivos: 1:5; 3:3; 3:2:1 - Desenvolver capacidade tática individual defensiva: tomar a marcação; posição de corpo e braços; tirar a bola do adversário - Iniciação a marcação zonal em grupo: troca de marcação; seguimento e deslizamento 	<ul style="list-style-type: none"> - Tática individual - Defesa ofensiva (orientada com adversário) - Zona mista 1:5 - Recomendação de jogar 5 minutos por treino na marcação individual 	<ul style="list-style-type: none"> - Introdução da defesa à zona alinhada - Consolidar os princípios da defesa em proximidade com o adversário - Introduzir noções básicas de defesa à zona e de cooperação defensiva - Marcação à distância e de interceptação - Ajuda (cobertura e dobra)

Ataque	Ataque	Ataque
<ul style="list-style-type: none"> - Iniciação do jogo posicional na formação do ataque 3:3 - Desenvolver sentido das mudanças de posição de largura e profundidade da quadra - Tática de grupo: tabelas; cruzamentos; permutas e cortinas - Comportamento tático em situações 1x1 e 2x1 	<ul style="list-style-type: none"> - Troca rápida de defesa e ataque e de posições na largura em profundidade - Tática e técnica individuais (jogo 1:1 e 2:1) - Jogo posicional 3:3 	<ul style="list-style-type: none"> - Assegurar/ desenvolver a ocupação racional do espaço em largura - Transição rápida de defesa para o ataque - Criação de superioridade numérica - Zonas de ataque - Criação de linhas de passe - Penetração sucessivas - Movimento de reposicionamento ofensivo sem bola
CATEGORIA CADETE (SUB16)		
MANUAL DE HANDEBOL CBHb	MANUAL DE HANDEBOL FEDERAÇÃO ALEMÃ	Ensino do Handebol a partir dos Jogos para Compreensão (TGfU)
Em linhas gerais	Em linhas gerais	Em linhas gerais
<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolver técnicas táticas necessárias às exigências nas diferentes posições e funções na equipe - Continuar a desenvolver as capacidades cognitivas e usar a troca de velocidade na ação de sair da marcação 	<ul style="list-style-type: none"> - Início da especialização nas posições - Tática individual dentro do aspecto da universalidade das posições - Desenvolvimento da capacidade do jogo 	<ul style="list-style-type: none"> - Consolidação das fintas no vocabulário tático - Noção de bloqueio - Desmarcação de apoio (criação de linhas de passe) e de ruptura (assistência ou finalização) - Aperfeiçoamento dos remates com adequação às funções de jogo nas pontas e interior da defesa - Drible em progressão
Defesa	Defesa	Defesa
<ul style="list-style-type: none"> - Sistema ofensivo 3:2:1 - Desdobramentos e trocas de formação de ataque (estruturas funcionais de 3x3 ou 4x4) 	<ul style="list-style-type: none"> - Defesa ofensiva 3:2:1 orientada com a bola - Nas transformações do ataque para 2:4 – 4:2 ou 3:2:1 ofensivo 	<ul style="list-style-type: none"> - Recuperação e identificação do espaço de intervenção no jogo de transição para a defesa - Desenvolvimento dos conceitos de ajuda;

- Tática defensiva de grupo: basculação, coberturas de espaço, trocar a marcação, deslizamentos, bloqueios de lançamentos	- Tática de grupo: segurança, cobertura e bloqueio.	corde de linhas de passe para o jogo interior; defesa da baliza em função da linha da bola e das linhas de passe - Pressão defensiva orientada em função do centro de jogo
Ataque	Ataque	Ataque
- Integrar a tática individual a tática de grupo - Jogo 3x3 com sem curingas e 4x4 com desdobramentos - Fixar a atenção dos seus defensores diretos, realizando ações sem bola.	- Jogo posicional e troca de posições de forma variada (3:3-2:4 ataque) - Tática individual em posicionamento específico - Tática de grupo posicional contra-ataques: simples e sustentando	- Ataque continuado 3:2 com transformações em 2:3 para introdução do conceito de pivô - Desenvolvimento do jogo em fase e ataque continuado com pivô (ataque em 2:3)
CATEGORIA JUVENIL: 16 A 18 ANOS		
MANUAL DE HANDEBOL CBHb	MANUAL DE HANDEBOL FEDERAÇÃO ALEMÃ	Ensino do Handebol a partir dos Jogos para Compreensão (TGFU)
Em linhas gerais	Em linhas gerais	Em linhas gerais
- Ampliar o conceito de jogadores All Rouser. Jogadores que jogam em várias posições, principalmente em ataque e defesa - Desenvolver capacidade de jogo individual e grupal contra diferentes sistemas defensivos - Domínio de fintas	- Treinamento posicional, mas em várias posições(Allrounder) - Desenvolver a capacidade de jogo diferentes formações defensivas e ofensivas	- Introduzir o jogador central como organizador - Consolidar mudanças de ritmo na exploração das fases - Recursos aos meios táticos de grupo para criação de situações de superioridade numérica: cruzamento; troca de posto específico; bloqueio e poste
Defesa	Defesa	Defesa
- Sistema defensivo 3:2:1 de forma mais frequente e funcionamento deste	- Sistema defensivo 3:2:1/defesa 6:0 - Tática individual variável orientada com a	- Defesa zonal em linhas (5:1 e 3:3) - Recursos adequados às fases defensivas

<p>sistema frente a mudanças da formação de ataque</p> <ul style="list-style-type: none"> - Sistema defensivo 5:1 nas diferentes formas de aplicação: defensivo- ofensivo- antecipativo - Troca de formação defensiva e ensaios de marcação individual combinadas com defesas ofensivas 	<p>situação (defensiva, ofensiva, antecipativa)</p> <ul style="list-style-type: none"> - Aplicação de diferentes formações defensivas no jogo 	<ul style="list-style-type: none"> - Oposição por prioridades sem rutura da organização defensiva
Ataque	Ataque	Ataque
<ul style="list-style-type: none"> - Princípio da continuidade do jogo, particularmente após desdobramentos (3:3 a 2:4) - Diminuir o tempo de duração do ataque no jogo posicional. Variar o tipo de combinações de ataque - Qualidade de variação no tipo de passes e de lançamentos 	<ul style="list-style-type: none"> - Dar continuidade ao jogo ofensivo após a ação inicial - Encurtar as fases de armado de jogo - Dar sequencia após o contra-ataque 	<ul style="list-style-type: none"> - Ataque em 3:3 e 2:4 - Domínio de diversas condutas nas fases de ataque - Domínio de ritmo de jogo nas transições

APÊNDICE B - PROTOCOLO DE AQUECIMENTO

Atividades realizadas no Protocolo de Aquecimento descritas a partir da base de Cinesiologia (KAPANDJI, 2013) e Treinamento Funcional (MONTEIRO; EVANGELISTA, 2012)

01. Flexão de Quadril

Execução – flexão de quadril unilateral, segurando o membro inferior com as duas mãos, mantendo o tronco ereto e com os músculos do abdômen contraídos.

Estímulos – alongamento dos extensores de quadril com o membro que for suspenso; estabilização/propriocepção do membro inferior que ficar em contato com o solo.

02. Rotação Externa de Quadril com Flexão de Joelho

Execução – realizar a rotação externa de quadril com flexão de joelho unilateral juntamente com uma flexão de tronco (alcance ao solo).

Estímulos – alongamento de toda a cadeia posterior do membro que está em contato ao solo; propriocepção do tornozelo no membro que faz contato ao solo; alongamento dos rotadores internos e extensores do quadril com o membro que está fora do solo.

03. Agachamento com avanço

Execução – avançar um membro inferior e realizar uma flexão de joelhos, sendo que o membro que está a posterior não toca ao solo; faz uma rotação de tronco para o lado em que a perna está à frente.

Estímulos – ativação muscular para quadríceps, posteriores de coxa e glúteo máximo; mobilidade articular da coluna.

04. Alcance ao solo

Execução – avança um membro inferior (aproximadamente um passo 40cm) e realiza uma flexão de tronco para tentar alcançar o solo com as mãos (o lado do membro avançado é a mão que deve chegar próximo ao solo); os MMII não podem fazer flexão de joelhos.

Estímulos – Alongamento da cadeia posterior; mobilidade de tronco.

05. Alcance ao solo Unilateral

Execução – avança um membro inferior (o calcanhar desse membro tem que estar ligeiramente a frente dos dedos do contralateral) e realiza uma flexão de tronco para tentar alcançar o solo com as mãos; o membro inferior que está posterior, pode realizar uma flexão de joelho.

Estímulos – alongamento da cadeia posterior; mobilidade de tronco.

06. Adução/Abdução horizontal dos MMSS

Execução – tronco ereto, os MMSS irão realizar a adução/abdução horizontal rápida e o com o máximo de amplitude.

Estímulos – Ativação muscular da cintura escapular; mobilidade articular do complexo articular do ombro (CAO).

07. Flexão dos MMSS

Execução – os MMSS irão realizar flexão de cotovelos simultaneamente, porém, um passa pela frente do tronco (sem abdução do ombro) e o contralateral passa por trás da cabeça (com abdução do ombro)

Estímulos – ativação muscular do trapézio/deltóides (membro a cima), bíceps braquial/peitoral menor e maior (membro a frente). Alongamento do tríceps (membro a cima) e musculatura da cintura escapular (membro a frente).

08. Dissociação de cinturas com controle de tronco

Execução – um membro inferior dá um passo a frente e é realizada uma extensão máxima de tronco; o membro superior que avança é contralateral ao inferior (gesto da marcha).

Estímulos – coordenação motora; controle de tronco; dissociação de cinturas; ativação muscular do excêntrico do reto abdominal; mobilidade articular da coluna.

09. Exercício balístico de MMII

Execução – apoiado de frente para em uma superfície estática. Com um dos pés voltados para frente. Realizar movimento de balanceio da outra perna.

Estímulo – dissociação cintura pélvica, estabilização proprioceptiva de tornozelo.

10. Exercício balístico de MMSS

Execução – em posição em pé, de forma alternada, realizasse saltito com flexão de joelhos associado a elevação da perna e extensão do braço oposto.

Estímulo – dissociação cintura-escapular, cintura pélvica e equilíbrio dinâmico e recuperado de tornozelos.

11. Prancha estática 4 apoios

Antebraços apoiados no chão, cotovelos alinhados aos ombros, coluna reta e força para não deixar o quadril descer.

12. Prancha 3 apoios

A partir da prancha estática, irá retirar um dos braços e ergue-lo a frente. Volta a posição de quatro apoios, e alterna o braço.

13. Prancha dinâmica

A partir da prancha estática, irá retirar um dos braços e passá-lo por debaixo do outro. Volta a posição de quatro apoios, e alterna o braço.

14. Prancha 2 apoios

Em posição de apoio de frente ao solo, vai retirar simultaneamente um braço e uma perna oposta entre si, levando o braço em direção ao joelho que é erguido. Retorna a posição inicial e alterna o lado.

15. Prancha lateral

Deitado de lado, um dos cotovelos apoiados no chão, alinhado ao ombro e deixando o braço perpendicular ao corpo. Eleve o quadril e as pernas, deixando apenas o pé apoiado no chão. Em seguida, alterna o braço para realizar do outro lado. Este exercício, influencia mais os oblíquos abdominais.

16. Cruzar uma perna sobre a outra (Ativação Posterior)

Deitado, com pernas fletidas, sendo uma cruzada sobre a outra perpendicularmente. Braços abertos em diagonal ao longo do corpo. Para executar o exercício irá erguer o tronco e sustentar o peso corporal.

APÊNDICE C - SÍNTESE DO PLANEJAMENTO DAS SESSÕES DE TREINO

Sessão 1

INFANTIL	CADETE	JUVENIL
2x1+1 - passe do central ao pivô. Mesma estrutura de cada lado do ataque. Sem goleiro	2x1 +1 - passe central ao pivô após troca de passes com o lateral, com goleiro.	2x1 +1 - passe central ao pivô após troca de passes com o lateral, com goleiro.
2x2+1 sem goleiro. Mesma estrutura de cada lado do ataque. Lateral pivô, central de apoio	2x2+1 lateral e pivô + central de apoio, alternando o lado. Marcador de segundo e base faz a dobra nos dois lados.	2x2+1 lateral e pivô + central de apoio, alternando o lado. Marcador de segundo e base faz a dobra nos dois lados.
jogo com avançado base lateral 3x3 alternando os lados, um pivô de cada lado Cruzamento simples lateral avançado e busca do passe ao pivô. Sem goleiro.	3x3 – defesa alta com avançado e lateral alto. O lateral faz cruzamento com central e inicia o ataque.	3x3 (jogo contra avançado após cruzamento do lateral com central).
4x4 com avançado: lateral faz o passe ao central e cai de segundo pivô do lado oposto.	jogo 4x4 – desdobramento do lateral. Defesa alta. Variação - Jogo 4x4+2 Dois apoios na ponta contra defesa com avançado: o lateral desdobra usando o apoio do ponta ou fazendo o passe ao lateral.	4x4 (jogo contra avançado após desdobramento do lateral)
igual a anterior , 4x4 com goleiro	Jogo 4x4 ou 4x4+2 Dois apoios na ponta contra defesa com avançado: o central desdobra para o lado oposto ao realizado o passe do lateral .	Jogo 4x4 ou 4x4+2 Dois apoios na ponta contra defesa com avançado: o central desdobra para o lado oposto ao realizado o passe do lateral .
Chutes de postos específicos – todos	Chutes de postos específicos – todos	Chutes de postos específicos:

<p>chutam em todas as posições pontas: chute da ponta após passe. laterais: chute dos 9m com passe do central e/ou ponta pivô: passe no espaço vazio para deslocamento e chute. Central: faz o passe e desmarca pro mesmo lado, recebe o passe o chuta ao gol.</p>	<p>chutam em todas as posições pontas: chute da ponta após passe. laterais: chute dos 9m com passe do central e/ou ponta pivô: passe no espaço vazio para deslocamento e chute. Central: faz o passe e desmarca pro mesmo lado, recebe o passe o chuta ao gol.</p>	<p>pontas: chute da ponta após passe. laterais: chute dos 9m com passe do central e/ou ponta pivô: passe no espaço vazio para deslocamento e chute. Central: faz o passe e desmarca pro mesmo lado, recebe o passe o chuta ao gol. Pontas - chute pivô após circulação e posicionamento no lado oposto. Lateral – chute pivô após passe e desdobramento. Pivô – sai nos 9m, recebe o passe, fixa e retorna ao gol. central – faz o passe ao apoio e desdobra para segundo pivô.</p>
--	--	---

Sessão 2

INFANTIL	CADETE	JUVENIL
<p>Jogo 2x2+1 e 2x2 golzinho</p>	<p>Jogo – retorno defensivo 3x2 – depois 3x3 Área de gol na linha dos 3m da quadra de vôlei oposta (32x20, sendo 20m de área de jogo)</p>	<p>Jogo – retorno defensivo 3x2 – depois 3x3 Área de gol na linha dos 3m da quadra de vôlei oposta (32x20, sendo 20m de área de jogo)</p>
<p>chute lateral + jogo 2x1 mesmo lado (lateral de pivô) variação - Mudança de lado.</p>	<p>Atividade superioridade numérica Três defensores Três atacantes – O central da o passe e cai de pivô, o próximo central entra para jogar.</p>	<p>a) 2x1 central e lateral com passe e deslocamento por trás do avançado. Área delimitada. O central passa a bola ao lateral, desloca-se por detrás do “avançado” e infiltra para receber o</p>

		<p>passa do lateral na área delimitada.</p> <p>b) realização do lado oposto</p>
<p>chute lateral + jogo 2x1 com o pivô + 2x1 com lateral que desdobrou do outro lado.</p> <p>Varição – mudança de lado</p>	<p>pivô no centro, desloca para receber o passe do lateral na altura dos 9m e devolve o passe e joga 2x1</p> <p>Varição – troca de passe lateral e central e o lateral faz o passe ao pivô.</p> <p>Alternado os lados</p>	<p>situação 2x1 lateral e pivô. O lateral faz o passe ao pivô que se oferece a receber o passe na frente do defensor. O pivô devolve a bola ao lateral que decide entre o chute ou passe de volta ao pivô.</p>
<p>jogo 4x4 com avançado – ação desdobramento lateral</p>	<p>jogo 3x2 pivô, lateral e ponta.</p> <p>Pivô desloca do centro recebe o passe do lateral devolve e reposiciona</p>	<p>a) situação 4x3 lateral, pivô, ponta com passe do central.</p> <p>o central ataca para fora para fixar o defensor de terceiro, o lateral responde para dentro e, ao receber o passe decide entre o chute, passe ao pivô ou passe ao ponta</p> <p>b) realização lado oposto.</p>
<p>Numa meia quadra - 2x1 em progressão</p> <p>Outra meia quadra – jogo 3x2 em progressão (defesa em duas linhas) avançado e base.</p>	<p>4x3 . pivô posicionado entre segundo e terceiro.</p> <p>Troca de passes e o central ataca para fora e faz o passe ao lateral ao ponta ou ao pivô...</p> <p>o pivô faz a movimentação de troca de posto, sai do centro e vai para o segundo quando o lateral responde para dentro.</p>	<p>.</p>

Sessão 3

INFANTIL	CADETE	JUVENIL
<p>Jogo – retorno defensivo 3x2 – depois 3x3 Área de gol na linha dos 3m da quadra de vôlei oposta (32x20, sendo 20m de área de jogo)</p>	<p>Exercício coordenativos a) 2 a 2 – cada dupla com duas bola e troca de passes b) 2 a 2 – cada dupla com duas bolas uma troca de passes com as mãos e outra com os pés. c) 2 a 2 orientado ao gol, progressão e passe. d) 2 colunas cada uma com uma bola, troca de passes. Estimular deslocar de frente para o alvo Estimular olhar para frente antes e depois de receber a bola</p>	<p>jogo 2x2 lateral e pivô Organização: um atleta na posição de pivô. Dois defensores de segundo e terceiro. Coluna na posição lateral. Atletas de ataque: lateral e pivô. Atletas de defesa, segundo e terceiro. A defesa e o pivô ficam fixos. Lateais de posse de bola e um apoio (professor) no centro. Desenvolvimento: o lateral faz o passe ao central e quando recebe de volta decide chute, finta, passe ao pivô.</p>
<p>2x2+1 Lateral pivô com central de apoio, alternando os lados.</p>	<p>Circulação de ponta – 3x3+1 o ponta recebe a bola do lateral e depois circula ao devolver a bola e não participa do ataque.</p>	<p>jogo 3x3+1 com deslocamento pivô do centro para a lateral</p>
<p>jogo 3x3 com ponta (livre)</p>	<p>3x3 em profundidade.</p>	<p>jogo 3x3 na lateral e ponta com início após desdobramento do central Organização: atletas de ataque nas posições central, lateral e ponta. Atletas de defesa de primeiro, segundo e terceiro/base. Bolas no centro. Defesa fixa. Desenvolvimento: o central faz o passe ao lateral e desdobra de segundo pivô. O lateral decide a situação-</p>

		problema podendo dar continuidade a ataque usando ponta.
jogo 3x3 com ponta (circulando)	4x4 com desdobramento do lateral	jogo 4x4 no centro da quadra após desdobramento do lateral
Jogo 6x6 – circulação de ponta – defesa 5:1	6X6 com desdobramento do lateral	Posto específico – ponta a) chute extremo com passe do lateral, b) colocar um defensor semipassivo para estimular a finta do marcador da ponta.
desdobramento do central, jogo 6x6. Da o passe ao lado oposto e desdobra por detrás do avançado.	6x6 Defesa 5:1 Circulação do ponta	Posto específico – lateral a) chute lateral com passe vindo da ponta. b) o atleta recebe o passe do ponta que vai para o zero e devolve ao lateral que se posiciona para fora, recebe o passe de volta e finaliza
exercício de contra Ataque 2x0	Retorno defensivo e contra Ataque O grupo defensivo fica posicionado próximo ao meio da quadra. O grupo ofensivo no campo de defesa com os armadores (jogadores de primeira linha ofensiva) e já no campo de ataque na mesma linha da defesa o pivô centralizado e os pontas. Ao sinal do professor, a defesa dá dois passos para frente e retornam para impedir o contraAtaque.	Posto específico – relação central + pivô Ppasse ao pivô em situação 3x2+2. Organização: defensor em posição avançado e base. Central e pivô fixo. Dois apoios em cada lateral. Coluna na posição do centro. Desenvolvimento: cada apoio de posse de uma bola. O atleta A na posição central desloca para um dos lados e recebe o passe, o próximo atleta B entra para jogar a situação 3x2.

Sessão 4

INFANTIL	CADETE	JUVENIL
Jogo manutenção de posse 3x3+2 pivôs (defesa individual)	Jogo 2x2+1 e 2x2 golzinho	Jogo 2x2+1 e 2x2 golzinho
jogo 2x1 – STOP Passe ao pivô que fixa para a saída da marcação individual	3x3 – passe do central e desdobramento Avançado com área de limitação por fita 7m.	jogo 3x3 na região da armação com desdobramento do central por trás do avançado. Organização: atletas de ataque da armação (laterais e central). Atletas de defesa, os dois segundos e um avançado com área de atuação delimitada por fita crepe, aproximadamente 30cm atrás da linha do tiro de 7m, estendendo-se por 3m, sendo finalizada com uma tira de 30cm na diagonal para fora de cada lado. Desenvolvimento: o central faz o passe ao lateral e realiza o desdobramento por detrás do avançado.
Jogo 2x1 – STOP com o central	3x3 passe lateral e desdobramento Avançado com área de limitação por fita 7m	jogo 3x3 na região da armação com desdobramento do lateral por trás do avançado. (A fita para limitar ação avançado)
jogo 3x2 – central fazendo STOP Lateral + central + pivô	jogo 4x4 – 1 linha + pivô. Defesa 5:1 (sem base) Estímulo ao desdobramento do central e do lateral.	jogo 4x4 na região da armação após desdobramento

<p>jogo 3x2 STOP com o pivô</p>	<p>defesa – interceptação trajetória da bola e saída em contraataque Diminuição do espaço de jogo – 3x2. Duas fases a atividade – o central recebe o passe na defesa do goleiro e faz um passe a um dos laterais que estão posicionados próximo aos 10m de forma estática. o defensor antecipa a trajetória da bola e ataca 2x1. Em seguida, ocorre o retorno defensivo e a transição ofensiva com passe direto com sustentado do goleiro 2x2 (o lado do jogador que foi interceptado sai da quadra)</p>	<p>: jogo 4x4 na região da armação após cobrança de falta na linha dos 9m e desdobramento</p>
<p>jogo 4x4 com dois pivôs, laterais marcado individual</p>	<p>Segunda fase do exercício – retorno 2x2 com participação do lado do jogador interceptado. O defensor se desloca para o lado oposto ao do atleta que foi “interceptado”. Não tirar o defensor antes do passe, pois o atleta pode mudar a decisão. Mater-se proativo para antecipar a trajetória da bola.</p>	
<p>jogo 6x6 contra defesa 5+1 (fazer STOP)</p>		
<p>específico pivô - 2 defensores. Dois apoios. O lado que o atacante se deslocar entra o outro</p>		

atleta da coluna e joga 2x1		
Jogo 4x3 Laterais e defensores. Central faz o passe e cai de pivô o próximo central entra pra jogar.		

Sessão 5

INFANTIL	CADETE	JUVENIL
Jogo (usando quadra de vôlei) 6x4 / sendo 3x2 em cada meia quadra, duas bolas.a bola fica sempre do mesmo lado. Cada vez que o atleta da o passe desloca para o outro lado.	Jogo manutenção de posse 3x3+2 pivôs (defesa individual)	Jogo manutenção de posse 3x3+2 pivôs (defesa individual)
jogo 2x1 central passando por tras do avançado estático na lateral. Atentar para área de delimitação para ação do jogo.	Saída marcação individual jogo 2x1 – central faz STOP	Saída marcação individual jogo 2x1 – central faz STOP
jogo 2x2 – cruzamento central com lateral e desdobramento para o pivô. O lateral deve passar atrás do avançado estático. Receber o passe e devolver ao lateral.	saída marcação individual – pivô faz STOP	saída marcação individual – pivô faz STOP
jogo 3x3 , sendo que., o central da o passe e desdobra por tras do avançado estático, reebe a bola e devolve ao ooutro lateral que ataca para dentro que pode chutar, cruzar e	jogo 4x4 de um lado (pivô, central, lateral e ponta) STOP do pivô ou do central	jogo 3x3+1 com saída da marcação individual central, lateral e ponta. STOP com central. Apoio inicia atividade com passe ao central atividade na lateral esquerda.

cair de segundo pivô com o outro lateral.		*Em seguida lado oposto.
4x4 partindo da mesma logica. Central da o passe ao lateral e circula por cima da defesa, recebe o passe do lateral que ataca para dentro e faz o cruzamento com o outro lateral e cai de segundo pivô.	jogo 4x4 do outro - STOP do pivô ou do central	jogo 3x3+1 com saída da marcação individual central, lateral e ponta. STOP com pivô. Apoio inicia atividade com passe ao pivô. Atividade na lateral esquerda. *Em seguida lado oposto.
Jogo 4x3 O central faz o passe ao lateral e vai ao encontro dele para receber o passe e virar para o lado seguinte. Faz a ação do mesmo lado do pivô.	Jogo 6x6 usando o STOP STOP do pivô ou do central, alternando a lateral que está sob marcação individual	jogo 5x5 para saída da marcação individual com central ou pivô lateral esquerda / sem ponta direita. *em seguida sem ponta esquerda.

Sessão 6

CADETE	JUVENIL
Jogo 4x4. Ataco 3 gols e defendo três gols. São colocados 4 golzinhos numa área que formando um quadrado. Não pode driblar.	Jogo 4x4. Ataco 3 gols e defendo três gols. São colocados 4 golzinhos numa área que formando um quadrado. Não pode driblar.
– jogo 2x2+1 alternado lateral pivô	2x1+1 passe ao pivô feito pelo central após saída para bloqueio no lateral. Mesma atividade do primeiro dia
jogo 3x3+1 lateral ponta pivô (livre)	: jogo 2x2+1 lateral e pivô + central.
jogo 3x3 – centro lateral e ponta Central desdobra sem a bola quando o lateral da o passe ao ponta.	jogo 3x3+1 central, lateral e ponta. Lateral oposto de apoio. Desenvolvimento: após troca de passes, o central faz o passe ao lateral e desdobra para o segundo pivô na lateral. Na sequencia, o ataque joga livre.
Atividade 6x6 Defesa 5:1 Circulação de ponta Desdobramento lateral etc	jogo 3x3+1 lateral, ponta e pivô. central de apoio. Organização: defensores primeiro segundo e terceiro. Atacantes ponta, lateral e pivô.

	Desenvolvimento: o ponta faz a circulação e se posiciona no centro enquanto o lateral recebe o passe do apoio e joga 3x3.
atividade 6 - atividade 6x6 defesa 5:1 a) falta na lateral (desdobramento lateral) b) falta no centro (desdobramento central)	: jogo 6x6 após circulação do ponta. Organização. Defesa 5:1 Desenvolvimento: do lado onde o pivô está posicionado ocorre a circulação do ponta.
Chute postos específicos – a) chute 2x0 – lateral faz trajetória para dentro e dá o passe ao seu ponta. B) chute lateral 2x0 – ponta vindo do fundo recebe o passe e devolve ao lateral que chuta. C) – central de apoio (professor) recebe o passe do lateral e devolve o lateral chega perto da defesa e faz o passe por tras do quadril quicado ou simula a finta de braço (cruzea/ou passada) com o passe .. D) ao receber o passe com salto acelera a bola quicado ao ponta pela frente	exercícios específicos - Passe do lateral e chute do ponta - ponta sobe até a linha dos 9m, faz o passe ao lateral e recebe de volta o passe quicado por tras do defensor estático e lança a bola ao gol. passe do pivô ao apoio, posicionado na diagonal a linha d aérea de gol, recebe de volta o passe com uma das mãos / passe do pivô e recepção quicado para girar. - armação troca passes e lateral oposto infiltra para fazer o gol. - armação troca de passes, com o central se deslocando para receber a bola e chutar ou dar passe pro outro lateral que responde para dentro.
Simultânea na outra meia quadra / do desmarque central om um pivô e um defensor avançado e base– dois apoios. Central vai buscar a bola na mão de um dos laterais e joga 3x2 com o pivô e o outro lateral que larga a bola ao solo.	

Sessão 7

CADETE	JUVENIL
Jogo (usando quadra de vôlei) 6x4 / sendo 3x2 em cada meia quadra, duas bolas.a bola fica sempre do mesmo lado. Cada vez que o atleta da o passe desloca para o outro lado.	Jogo (usando quadra de vôlei) 6x4 / sendo 3x2 em cada meia quadra, duas bolas.a bola fica sempre do mesmo lado. Cada vez que o atleta da o passe desloca para o outro lado.
Duas colunas – passe com duas bolas, orientado ao gol.	Duas colunas – passe com duas bolas, orientado ao gol.

rotina do goleiro	rotina do goleiro
<p>a) Jogo 2x1, lateral central, com passagem por detrás do avançado central Marcação com fita do espaço de ação. b) no centro da quadra. c) no lado oposto</p>	<p>jogo 4x3 Organização: três defensores e organização do ataque nas três colunas da armação. Desenvolvimento: o central faz o passe e cai de segundo pivô, o próximo atleta do centro entra para jogar e ataca 4x3</p>
<p>a) jogo 2x1 lateral pivô; b) jogo 2x1 lateral pivô, posicionado na falta. c) jogo 2x1 lateral + pivô posicionado no centro. d) jogo 2x1 lateral + pivô posicionado na outra lateral</p>	<p>: jogo 4x3 Organização: três defensores e organização do ataque nas três colunas da armação. Desenvolvimento: o lateral faz o passe e cai de segundo pivô, o próximo atleta do centro entra para jogar e ataca 4x3</p>
<p>a) jogo 2x2+1 passe saindo do ponta para o lateral; b) Jogo 2x2 +1 passe vindo do central para o lateral</p>	<p>: jogo 6x6 iniciado na cobrança de falta na região do centro do gol Organização: atletas posicionados para a cobrança da falta na região central da quadra. Desenvolvimento: após cobrança da falta o central faz o passe ao lateral e desdobra ao pivô.</p>
<p>4x3 centro (defesa 6:0) - o central faz o passe e cai de segundo pivô, o próximo atleta do centro entra para jogar e ataca 4x3</p>	

APÊNDICE D – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO
OESTE DO PARANÁ/
UNIOESTE - CENTRO DE



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DA EMENDA

Título da Pesquisa: ESTRUTURAÇÃO TÁTICA DO HANDEBOL DE ALTO NÍVEL: ESTUDO COMPARATIVO DA SELEÇÕES NACIONAIS BRASILEIRAS

Pesquisador: José Carlos Mendes

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 50933815.8.0000.0107

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANA

Patrocinador Principal: UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANA

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.835.025

Apresentação do Projeto:

reapresentação

Objetivo da Pesquisa:

reapresentação

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

reapresentação

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

reapresentação

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

reapresentação

Recomendações:

reapresentação

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Esta proposta já havia sido aprovada em 11 de Dezembro de 2015.

Considerações Finais a critério do CEP:

Endereço: UNIVERSITÁRIA

Bairro: UNIVERSITARIO

UF: PR

Município: CASCAVEL

CEP: 85.819-110

Telefone: (45)3220-3272

E-mail: cep.prrpg@unioeste.br

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO
OESTE DO PARANÁ/
UNIOESTE - CENTRO DE



Continuação do Parecer: 1.835.025

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_786881_E1.pdf	12/09/2016 10:42:37		Aceito
Brochura Pesquisa	ProjetoCBHbalteracao.pdf	12/09/2016 10:23:09	José Carlos Mendes	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tclevalidacao.pdf	12/09/2016 10:21:25	José Carlos Mendes	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEassistente2.pdf	10/12/2015 09:52:23	João Fernando Christofoletti	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEtreinador2.pdf	10/12/2015 09:50:58	João Fernando Christofoletti	Aceito
Outros	termodeautorizacaoCBHb.pdf	04/12/2015 09:52:58	José Carlos Mendes	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoCBHb.pdf	05/11/2015 22:22:17	José Carlos Mendes	Aceito
Outros	oficiodiretordeselecoesCBHb.pdf	05/11/2015 22:14:21	José Carlos Mendes	Aceito
Outros	oficiopresidenteCBHb.pdf	05/11/2015 22:13:35	José Carlos Mendes	Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto.pdf	05/11/2015 22:04:42	José Carlos Mendes	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CASCADEL, 24 de Novembro de 2016

Assinado por:
Fausto José da Fonseca Zamboni
(Coordenador)

Endereço: UNIVERSITÁRIA
 Bairro: UNIVERSITÁRIO CEP: 85.819-110
 UF: PR Município: CASCADEL
 Telefone: (45)3220-3272 E-mail: cap.prrpg@unioeste.br